U LISBOA | UNIVERSIDADE DE LISBOA

FACULDADE DE ARQUITETURA
UNIVERSIDADE DE LISBOA



(RE)QUALIFICAR E (RE)HABILITAR O BAIRRO

Novas formas de habitar o Bairro Marechal Carmona, Cascais

Daniela Filipa Pires André

(Licenciada)

Projeto Final de Mestrado para a obtenção de grau de Mestre em Arquitetura

Orientação Científica:

Professor Doutor Pedro Jorge Dias Pimenta Rodrigues

Professor Doutor José Luís Mourato Crespo

Júri:

Presidente Doutora Ana Marta Feliciano

Vogal Doutora Bárbara Massapina Vaz

DOCUMENTO DEFINITIVO

Lisboa, FA ULisboa, Dezembro, 2019

(RE)QUALIFICAR E (RE)HABILITAR O BAIRRO

Novas formas de habitar o Bairro Marechal Carmona, Cascais

Daniela Filipa Pires André

Projeto Final de Mestrado para a obtenção de grau de Mestre em Arquitetura

ORIENTAÇÃO CIENTÍFICA

Professor Doutor Pedro Jorge Dias Pimenta Rodrigues

Professor Doutor José Luís Mourato Crespo

JÚRI

Presidente Doutora Ana Marta Feliciano

Vogal Doutora Bárbara Massapina Vaz

DOCUMENTO DEFINITIVO

Lisboa, FA ULisboa, Dezembro, 2019

RESUMO

Perante o contexto de deterioração e desqualificação que muitos bairros atravessam, carregando em si a memória e a história de um desenvolvimento urbano e cultural, procurou-se dar uma resposta para a sua valorização e dinamização, objetando ao seu abandono. Focámos o estudo nas necessidades habitacionais, com as respetivas mudanças ao longo do tempo, com uma perspetiva de atenuar os custos e de uma adaptação a novas funcionalidades. O bairro Marechal Carmona, em Cascais, permitiu uma reflexão sobre o estado atual desta zona da cidade e da necessidade de repensar a sua essência e a sua adaptação aos novos tempos.

Vivemos numa realidade em que a transformação das sociedades e a problemática da habitação são constantes, estas temáticas são o mote para o desenvolvimento do projeto. Esta instabilidade e incerteza, provoca uma necessidade de adequação dos processos e das respostas habitacionais visto que os meios não parecem ser suficientes na resposta à complexidade das situações que emergem.

Aproveitando o momento em que a requalificação urbana ganha uma expressão nas estratégias de intervenção urbanas, desenham-se novas formas de habitar a casa segundo um conjunto de hipóteses diversas, com uma maior adaptação às diferentes exigências que se fazem sentir na sociedade contemporânea.

Faz-se uma aproximação à arquitetura através do desenho mais aprofundado da habitação e demonstra-se como se poderá (Re)Habilitar o Bairro Marechal-Carmona, trazendo a este lugar novos usos e vivências.

PALAVRAS-CHAVE

Requalificar | Bairro | Habitar | Família | Comunidade | Casa

ABSTRACT

Faced with the context of deterioration and disqualification that many neighborhoods go through, bearing in mind the memory and history of an urban and cultural development, an answer was required for its valorization and dynamization, aiming at its abandonment. We focused the study on housing needs, with changes over time, with a view to reduce costs and adapting to new features. The Marechal Carmona neighborhood in Cascais allowed a reflection on the current state of this area of the city and the need to rethink its essence and its adaptation to the new times.

We live in a reality where the transformation of societies and the housing problem are constant, these themes are the motto for the development of the project. This instability and uncertainty cause a need to adapt housing processes and responses, since the means do not seem to be sufficient to respond to the complexity of the situations that emerge.

Taking advantage of the moment in which urban requalification gains expression in urban intervention strategies, new ways of making use of the house are designed according to a set of different hypotheses, with a greater adaptation to the different demands that are felt in contemporary society.

An approach to architecture is made through the deeper design of housing and shows how one can (re)enable the Marechal Carmona neighborhood, bringing to this place new features and experiences.

KEY WORDS

Requalify | Neighborhood | To inhabit | Family | Community | House

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha mãe por me ensinar o valor do trabalho e dedicação, ao meu pai por me ensinar a ter humildade e por me contagiar o gosto pela arquitetura, à Leonor que, mesmo sendo a irmã mais nova, ensina-me coisas todos os dias, à minha irmã Sara, por saber que nada teria se vivesse sem ti e a toda a família pelo apoio incondicional e paciência durante todo este processo.

Aos meus amigos de infância e aos que conheci através da faculdade pela compreensão, companhia e amizade durante este e outros percursos da vida e pelo enorme espírito de grupo e de partilha.

Em especial e porque o amor é assim, ao Nuno, pelo encorajamento contínuo, por me fazer sempre acreditar em mim e por tornar a minha experiência mais rica.

Ao Professor Pedro Rodrigues e Professor José Crespo, um sincero agradecimento pela amizade, disponibilidade e vasto conhecimento partilhado, não só ao longo da orientação deste trabalho, mas através dos anos.

Por fim, agradeço aos elementos profissionais da Câmara Municipal de Cascais, personificação na pessoa da Vereadora Filipa Roseta, por possibilitarem a realização e apresentação deste trabalho.

Vou dedicar este trabalho final de mestrado aos meus avós Maria Amélia e Joaquim que mesmo não estando aqui espero que estejam orgulhosos.

ÍNDICE DE FIGURAS

02 | COMPONENTES DO ESPAÇO URBANO

Fig. 1 - Transformação do tecido urbano. p.18
Fonte: PORTAS (2007:237).

Fig. 2 - A relação de grupo na valorização da requalificação do lugar. p.19
Fonte: MOURA (2001:s.p.).

Fig. 3 - Operação urbana através da reabilitação. p.20
Fonte: http://www.plataformaarquitectura.cl/cl/768156/microcirugia-urbana-primer-lugar-en-concurso-reinventar-mostoles-centro-espana, [consultado em 2018].

Fig. 4 - Dimensões de intervenção através da revitalização urbana. p.21
Fonte: MOURA (2006:12).

Fig. 5 - Planta da morfologia urbana. p.22
Fonte: Arquivo Municipal de Cascais, [consultado em 2018].

Fig. 6 - Espaços habitáveis na cidade. p.25
Fonte: CULLEN (1983:19).

Fig. 7 - Antigos paços do concelho, concluídos em 1822. p.28
Fonte: Arquivo Municipal de Cascais, AHMCSC/AESP/CMES/096.

Fig. 8 - Praça 5 de Outubro, Cascais. p.29
Fonte: Fotografia do autor, 2018.

Fig. 9 - Esquema funcional de uma *Woonerf*. p.30
Fonte: http://www.archrecon.com/2010/03/woon erf.html, [consultado em 2019].

Fig. 10 - Relação da comunidade ao longo da rua, 1970/80. p.31
Fonte: https://www.arquigrafia.org.br/photos/809, [consultado em 2019].

Fig. 11 - A vida nas ruas de um bairro. p.32
Fonte: CULLEN (2008:24).

Fig. 12 - Fotografia da praça como palco de convívios. p.35
Fonte: http://lisboadeantigamente.blogspot.com/2017/01/beco-e-patio-das-canas.html, [consultado em 2019].

Fig. 13 - Fotografia da praça como memória do antigo pátio. p.36
Fonte: http://lisboadeantigamente.blogspot.com/2017/01/beco-e-patio-das-canas.html, [consultado em 2019].

Fig. 14 - Fotografia do pátio tradicional e a apropriação dos moradores. p.37
Fonte: Fotografia do autor, 2018.

03 | (RE)HABITAR A CASA

Fig. 15 - Diversidade nas estruturas familiares. p.44
Fonte: FRIEDMAN (2002:06).

Fig. 16 - Excerto do jornal sobre a política de habitação. p.45
Fonte: http://hdl.handle.net/11002/fms_dc_7326, [consultado em 2019].

Fig. 17 - Fotografia de Elliott Erwitt, hábitos e costumes da sociedade. p.47
Fonte: https://www.artspace.com/elliott_erwitt/new_york_new_rochelle_1955, [consultado em 2019].

Fig. 18 - Evolução da ocupação e evolução da casa. p.48
Fonte: CABRITA (2009:21).

Fig. 19 - Fotografia familiar em 1960. p.49
Fonte: http://solasean.com/blog/familia-y-television/, [consultado em 2018].

Fig. 20 - Casas em série, 2013. p.53
Fonte: COELHO (2016:15).

04 | HABITAR COMO REFERÊNCIA

Fig. 21 - Fotomontagem elaborada pelo professor Jean-Pierre Junker, 1990. p.58
Fonte: FUERTES (2001:15).

Fig. 22 - Planta de localização da proposta de arquitetura. p.60
Fonte: https://cannatafernandes.com/PT/built/landscape-laboratory/, [consultado em 2019].

Fig. 23 - Vista da relação entre a composição estrutural da cobertura com a relação espacial do interior. p.60
Fonte: https://cannatafernandes.com/pt/built/landscape-laboratory/, [consultado em 2019].

Fig. 24 - Fachada tardoz do edifício. p.61
Fonte: https://cannatafernandes.com/PT/built/landscape-laboratory/, [consultado em 2019].

Fig. 25 - Espaço interior do complexo. p.61
Fonte: https://cannatafernandes.com/PT/built/landscape-laboratory/, [consultado em 2019].

Fig. 26 - Planta de implantação da proposta de arquitetura MVRDV. p.62
Fonte: https://www.mvrdv.nl/projects/239/traumhaus-funari, [consultado em 2019]

Fig. 27 - Catálogo habitacional. p.62
Fonte: https://www.mvrdv.nl/projects/239/traumhaus-funari, [consultado em 2019].

Fig. 28 - Imagem que permite escolher o desenho da sua casa. p.62
Fonte: https://www.mvrdv.nl/projects/239/traumhaus-funari, [consultado em 2019].

Fig. 29 - Renderização do projeto *Traumhaus Funari*. Diversidade de habitações. p.63
Fonte: https://www.mvrdv.nl/projects/239/traumhaus-funari, [consultado em 2019].

Fig. 30 - Renderização do projeto *Traumhaus Funari*. Relação do privado e o público. p.63
Fonte: https://www.mvrdv.nl/projects/239/traumhaus-funari, [consultado em 2019].

Fig. 31 - Desenho esquemático sobre a organização do apartamento. p.64
Fonte: https://www.archdaily.com/778497/block-village-house-design, [consultado em 2019].

Fig. 32 - Fotografia do interior, *Block Village*. Perspetiva da comunicação vertical p.64
Fonte: https://www.yatzer.com/block-village-hao-design, [consultado em 2019].

Fig. 33 - Fotografia do interior, *Block Village*. Perspetiva do interior do *closet*. p.65
Fonte: https://www.yatzer.com/block-village-hao-design, [consultado em 2019].

Fig. 34 - Fotografia do interior, *Block Village*. Perspetiva do nível inferior. p.65
Fonte: https://www.yatzer.com/block-village-hao-design, [consultado em 2019].

Fig. 35 - Biblioteca itinerante em meados do século XX. p.66
Fonte: Arquivo Municipal de Cascais, AHMCSC/APSS/ABF.

Fig. 36 - Planta de localização da proposta de arquitetura. p.68
Fonte: https://en.wikiarquitectura.com/building/social-housing-hufeisensiedlung/#la-herradura-emplazamiento, [consultado em 2019].

Fig. 37 - Fotografia aérea sobre o complexo habitacional. p.68
Fonte: https://en.wikiarquitectura.com/building/social-housing-hufeisensiedlung/#la-herradura-8, [consultado em 2019].

Fig. 38 - Fotografia do *Hufeisensiedlung,* em 1933. p.69
Fonte: https://en.wikiarquitectura.com/building/social-housing-hufeisensiedlung/#la-herradura-7, [consultado em 2019].

Fig. 39 - Fotografia do *Hufeisensiedlung,* em 2016. p.69
Fonte: https://divisare.com/projects/321806-bruno-taut-martin-wagner-hiepler-brunier-the-hufeisensiedlung, [consultado em 2019].

Fig. 40 - Planta de localização da proposta de arquitetura. p.70
Fonte: https://kjellandersjoberg.se/en/projects/project/skarvet-vaxjo/, [consultado em 2018].

Fig. 41 - Proposta urbana, organização dos espaços públicos. p.70
Fonte: https://kjellandersjoberg.se/en/projects/project/skarvet-vaxjo/, [consultado em 2018].

Fig. 42 - Diagrama do comportamento do espaço. p.70
Fonte: https://kjellandersjoberg.se/en/projects/project/skarvet-vaxjo/, [consultado em 2018].

Fig. 43 - Imagem virtual, *Kjellander Sjöberg*, 2014. Relação do edificado e a envolvente. p.71
Fonte: https://kjellandersjoberg.se/en/projects/project/skarvet-vaxjo/, [consultado em 2018].

Fig. 44 - Imagem virtual, *Kjellander Sjöberg*, 2014. Relação do espaço interior e exterior. p.71
Fonte: https://kjellandersjoberg.se/en/projects/project/skarvet-vaxjo/, [consultado em 2018].

Fig. 45 - Planta de implantação, *Promenada* em 2014. p.72
Fonte: https://www.archdaily.com/636611/promenada-enota?ad_medium=gallery, [consultado em 2019].

Fig. 46 - Diagrama ilustrativo do sistema de construção da proposta urbana. p.72
Fonte: https://www.archdaily.com/636611/promenada-enota?ad_medium=gallery, [consultado em 2019].

Fig. 47 - Perspetiva do lugar, *Promenada* em 2014. Fotografia durante o dia. p.73
Fonte: https://www.archdaily.com/636611/promenada-enota?ad_medium=gallery, [consultado em 2019].

Fig. 48 - Perspetiva do lugar, *Promenada* em 2014. Fotografia durante a noite. p.73
Fonte: https://www.archdaily.com/636611/promenada-enota?ad_medium=gallery, [consultado em 2019].

Fig. 49 - Relação e espírito de comunidade, operação SAAL em 1974. p.75
Fonte: http://www.midas-filmes.pt/estreias/estreados/as-operaces-saal, [consultado em 2018].

05 | "... BAIRRO SEM CASAS FECHADAS E DEGRADADAS"

Fig. 50 - Memória e identidade, bairro Marechal Carmona. p.78
Fonte: Arquivo Municipal de Cascais, [cedido em 2018].

Fig. 51 - Litoral de Cascais ao forte de Santo António da Barra, 1844. p.80
Fonte: Direção Geral do Território, DGT/10EP7-7.

Fig. 52 - Construção da estrada Marginal, em Carcavelos, 1940. p.81
Fonte: Arquivo Municipal de Cascais, AHMCSC/AFTG/CAM/B/048.

Fig. 53 - Projeto do bairro de casas para pobres, 1946. p.82
Fonte: https://db.up.pt/fmi/webd/mapa_habitacao_db?fbclid=iwar1z-7x5qkgeymtluwj0hdjwibw_ahisnctcvlrhssxefz6lkvjjts-wnz8, [consultado em 2018].

Fig. 54 - Planta do conjunto, bairro de casas para pobres em 1946. p.82
Fonte: https://db.up.pt/fmi/webd/mapa_habitacao_db?fbclid=iwar1z-7x5qkgeymtluwj0hdjwibw_ahisnctcvlrhssxefz6lkvjjts-wnz8, [consultado em 2018].

Fig. 55 - Planta de implantação, bairro de casas para pobres em 1950. p.83
Fonte: https://db.up.pt/fmi/webd/mapa_habitacao_db?fbclid=iwar1z-7x5qkgeymtluwj0hdjwibw_ahisnctcvlrhssxefz6lkvjjts-wnz8, [consultado em 2018].

Fig. 56 - Planta de conjunto, bairro de casas para pobres em 1950. p.83
Fonte: https://db.up.pt/fmi/webd/mapa_habitacao_db?fbclid=iwar1z-7x5qkgeymtluwj0hdjwibw_ahisnctcvlrhssxefz6lkvjjts-wnz8, [consultado em 2018].

Fig. 57 - Desenho do projeto para o bairro de casas para pobres em 1946. p.84
Fonte: https://db.up.pt/fmi/webd/mapa_habitacao_db?fbclid=iwar1z-7x5qkgeymtluwj0hdjwibw_ahisnctcvlrhssxefz6lkvjjts-wnz8, [consultado em 2018].

Fig. 58 - Fotografia aérea e ortofotomapa, 1960. p.85
Fonte: Direção Geral do Território, [cedido em 2019].

Fig. 59 - Diagramas dos sistemas de densidade, hídrico e verde de cascais. p.86
Fonte: Diagrama do autor, 2019.

Fig. 60 - Mapa esquemático da composição e do ordenamento espacial. Sistema de acessibilidades, vazios urbanos e construção ilegal. p.87
Fonte: Mapa esquemático do autor, 2019.

Fig. 61 - Mapa esquemático da composição e do ordenamento espacial. Sistema do edificado existente, construção ilegal, eixos principais e secundários e referências. p.88
Fonte: Mapa esquemático do autor, 2019.

Fig. 62 - Mapa esquemático da composição e do ordenamento espacial. Sistema de acessibilidades e de mobilidade urbana. p.89
Fonte: Mapa equemático do autor, 2019.

Fig. 63 - Mapa esquemático da composição e do ordenamento espacial. Lógicas morfológicas dos terrenos e do complexo. p.90
Fonte: Mapa esquemático do autor, 2019.

Fig. 64 - Mapa esquemático da composição e do ordenamento espacial. Lógica da composição e distribuição do maciço vegetal. p.91
Fonte: Mapa esquemático do autor, 2019.

Fig. 65 - Ortofotomapa do bairro Marechal Carmona e envolvente. p.92
Fonte: Arquivo Municipal de Cascais, [cedido em 2018].

Fig. 66 - Mapa esquemático da composição e do ordenamento espacial. p.95
Fonte: Mapa esquemático do autor, 2019.

Fig. 67 - Planta esquemática, separação do espaço público e privado. p.96
Fonte: Planta esquemático do autor, 2019.

Fig. 68 - Desenhos das diversas habitações do bairro Marechal Carmona. p.98
Fonte: Desenho do autor, 2018.

Fig. 69 - Desenhos da proposta habitacional do bairro Marechal Carmona. p.99
Fonte: Desenho do autor, 2018.

Fig. 70 - Planta de implantação da proposta. p.101
Fonte: Planta esquemático do autor, 2019.

Fig. 71 - Planta esquemática, indicação dos usos propostos no piso térreo. p.102
Fonte: Planta esquemático do autor, 2019.

Fig. 72 - Planta do piso 0, com a indicação do programa. p.104
Fonte: Planta esquemático do autor, 2019.

Fig. 73 - Planta esquemática, com a indicação dos usos propostos no piso 1. p.106
Fonte: Planta esquemático do autor, 2019.

Fig. 74 - Planta do piso 1, com a indicação do programa. p.109
Fonte: Planta esquemático do autor, 2019.

Fig. 75 - Planta esquemática, com a indicação dos usos propostos no piso 2. p.111
Fonte: Planta esquemático do autor, 2019.

Fig. 76 - Planta do piso 2, com a indicação do programa. p.113
Fonte: Planta esquemático do autor, 2019.

Fig. 77 - Planta esquemática, com a indicação dos usos propostas no piso -1. p.115
Fonte: Planta esquemático do autor, 2019.

Fig. 78 - Planta do piso -1, com a indicação do programa. p.117
Fonte: Planta esquemático do autor, 2019.

Fig. 79 - Axonometria das tipologias da residência para estudantes. p.119
Fonte: Axonometria do autor, 2019.

Fig. 80 - Axonometria da tipologia um com pátio exterior privado. p.119
Fonte: Axonometria do autor, 2019.

Fig. 81 - Axonometria da tipologia um, zonas privadas e zonas comuns. p.119
Fonte: Axonometria do autor, 2019.

Fig. 82 - Axonometria da tipologia um, de composição espacial mais uniforme. p.119
Fonte: Axonometria do autor, 2019.

Fig. 83 - Axonometria da tipologia dois, a Sul do complexo habitacional. p.120
Fonte: Axonometria do autor, 2019.

Fig. 84 - Axonometria de tipologia dois, de três níveis. p.120
Fonte: Axonometria do autor, 2019.

Fig. 85 - Axonometria de tipologia dois, de configuração longitudial. p.120
Fonte: Axonometria do autor, 2019.

Fig. 86 - Axonometria de tipologia dois, de configuração quadrangular. p.120
Fonte: Axonometria do autor, 2019.

Fig. 87 - Axonometria dos apartamentos/moradias. p.121
Fonte: Axonometria do autor, 2019.

Fig. 88 - Axonometria de dois níveis, tipologia três. p.121
Fonte: Axonometria do autor, 2019.

Fig. 89 - Axonometria de dois níveis com tipologia três, dois pátios privados. p.121
Fonte: Axonometria do autor, 2019.

Fig. 90 - Axonometria da tipologia três de configuração longitudinal. p.121
Fonte: Axonometria do autor, 2019.

Fig. 91 - Pavimento exterior em cimento de tons claros. p.122
Fonte: http://www.anteprojectos.com.pt/2014/08/26/solucoes-secil-para-pavimentos/, [consultado em 2019].

Fig. 92 - Pavimento exterior de betão em tons claros. Utilizado em rampas, escadas e muros de contenção. p.122
Fonte: http://전원석재.kr/?page_id=20, [consultado em 2019].

Fig. 93 - Pavimento exterior em ripado de madeira natural tratada. p.122
Fonte: http://landezine.com/index.php/2015/06/symantec-chengdu-campus-by-swa/symantec-chengdu-tom-fox-08/, [consultado em 2019].

Fig. 94 – Sistema de montagem e aplicação dos painéis de madeira maciça CLT. p.123
Fonte: http://www.ecoplus-bouw.nl/portfolio-item/massief-houtbouw-plant-je-vlag-nijmegen/, [consultado em 2019].

ÍNDICE

RESUMO V

ABSTRACT VII

AGRADECIMENTOS IX

ÍNDICE DE FIGURAS XI

I01 INTRODUÇÃO 03

1.1| TEMA, ENQUADRAMENTO E JUSTIFICAÇÃO 03

1.2| OBJETIVOS DO TRABALHO 06

1.3| QUESTÕES E HIPÓTESES DE TRABALHO 08

1.4| METODOLOGIA 10

1.5| ESTRUTURA DO PROJETO FINAL DE MESTRADO 13

I02 COMPONENTES DO ESPAÇO URBANO 15

2.1| CONCEITOS E ESTRATÉGIAS DE INTERVENÇÃO URBANA 18

2.2| O BAIRRO COMO INDUTOR DA REQUALIFICAÇÃO 22

2.3| ARQUITETURA DOS ESPAÇOS URBANOS HABITÁVEIS 24

2.4| SÍNTESE 38

I03 (RE)HABITAR A CASA 41

3.1| ... (N)O PRESENTE 44

3.2| ... EM FAMÍLIA 47

3.3| ... EM COMUNIDADE 50

3.4| ... (N)O FUTURO 51

3.5| SÍNTESE 54

I04 HABITAR COMO REFERÊNCIA 55

4.1| HABITAR A CASA 59

4.1.1| LABORATÓRIO DA PAISAGEM, PORTUGAL 60

4.1.2| *TRAUMHAUS FUNARI*, ALEMANHA 62

4.1.3| *BLOCK HOUSE,* TAIWAN 64

4.2| HABITAR EM COMUNIDADE 67

4.2.1| *HUFEISENSIEDLUNG,* ALEMANHA 68

4.2.2| *SKÄRVET*, SUÉCIA 70

4.2.3| *PROMENADA*, ESLOVÉNIA 72

4.3| SÍNTESE 74

I05 "... BAIRRO SEM CASAS FECHADAS E DEGRADADAS" 77

5.1| ANÁLISE DO LUGAR 80

5.2| ORDEM COMPOSITIVA DO ESPAÇO PÚBLICO 88

5.3| REQUALIFICAÇÃO URBANA COMO ESTRATÉGIA DE INTERVENÇÃO 92

5.3.1| (RE)QUALIFICAR O BAIRRO 94

5.4| (RE)HABITAR A CASA 98

5.4.1| OS USOS E O PROGRAMA 102

5.4.2| A CASA 118

5.4.3| MATERIALIDADE 122

I06 CONSIDERAÇÕES FINAIS 125

BIBLIOGRAFIA 129

ANEXOS 138

"O espaço é um dos maiores dons com que a natureza dotou os homens e que, por isso, eles têm o dever, na ordem moral, de organizar com harmonia, não esquecendo que, mesmo na ordem prática, ele não pode ser delapidado, até porque o espaço que ao homem é dado organizar tem os seus limites físicos, facto pouco sensível, por exemplo, na escala do objeto mas já extraordinariamente sensível na escala da cidade ou da região."

(TÁVORA, 2015:27)

I01

INTRODUÇÃO

1.1| TEMA, ENQUADRAMENTO E JUSTIFICAÇÃO

Foi na sequência do projeto desenvolvido durante o primeiro semestre do 5º ano do ano letivo 2018/2019, direcionado para o bairro Marechal Carmona, com o tema Redesenhar e Requalificar – o Bairro na Cidade, que surgiu o interesse no estudo sobre a forma de requalificar o bairro e o lugar. O presente Trabalho Final de Mestrado consiste numa reflexão teórica sobre o bairro e pretende-se investigar quais os modos de habitar que caraterizam as vivências do bairro e de que modo é que essas considerações se tornam operativas através do desenho urbano e arquitetónico. Dando assim lugar à requalificação dos espaços públicos, à elaboração de espaços comerciais e serviços que o promovam e desenhar um sistema habitacional que possa servir de modelo e abrir o debate à descoberta e experimentação de novas alternativas na habitação, que permitam responder às necessidades da comunidade.

Em paralelo com o desenvolvimento do trabalho prático no âmbito da disciplina de projeto, a Câmara Municipal de Cascais elaborou o Plano Estratégico de Desenvolvimento Urbano (PEDU), com a ambição de fomentar uma melhoria efetiva do ambiente urbano, através da regeneração, reabilitação e valorização do tecido edificado e do espaço público envolvente com vista a melhores condições urbanas e ambientais que possam contribuir para atrair e fixar a população e as atividades económicas. Entende-se que a relevância do tema se baseia na compreensão das necessidades e do desejo das populações mais carenciadas, que vivem muitas vezes em situações deterioradas.

O trabalho tem como área de estudo o concelho de Cascais, mais concretamente o bairro Marechal Carmona. Enquadrando e contextualizando o território em estudo, o município de Cascais, vila portuguesa, encontra-se localizado geograficamente no extremo sul-ocidental da Península de Lisboa, que limita a Norte com Sintra, a Leste com Oeiras e a Sul e Oeste com o Oceano Atlântico.

O bairro Marechal Carmona, foi fundado em 1946, e já nessa altura se pretendia dar resposta às carências habitacionais da época, atualmente, é um bairro envelhecido e degradado, sendo uma problemática que o presente Trabalho Final de Mestrado pretende dar resposta.

À luz da situação de degradação que este bairro social atravessa, ambiciona-se a intervenção com o objetivo de conservar e reabilitar o tecido urbano, em contraponto ao que se verificou até à segunda metade do século XX, em que a prática da conservação, na zona de Cascais, incidiu quase exclusivamente sobre os monumentos históricos.

Este conceito de requalificação urbana é uma solução prática para povoar os centros urbanos das grandes cidades, apresentando inúmeras vantagens económicas e ambientais, nomeadamente, para quem ambiciona um emprego nas cidades, de forma a evitar o uso de transporte privado e adaptando-se às alternativas de transportes urbanos.

O tema da habitação na contemporaneidade continua a ser de grande importância devido ao modo como temos vindo a usufruir do nosso espaço doméstico. Necessariamente a habitação padece de outras problemáticas para além do modo de utilização do espaço, tais como: a escassez de habitação, a reabilitação, a disfuncionalidade do comércio, entre outros.

Desta forma, procura-se o entendimento da arquitetura habitacional como uma forma passível de transformação ao longo do tempo e entender a importância da ideia de habitar, hoje em dia, que não está unicamente

ligada ao “conceito de família”, mas também, ao modo como cada indivíduo vive os diferentes espaços, criando diferentes perceções sobre o habitar. Colocando como hipótese de trabalho a procura de uma compreensão mais alargada do modo como habitamos a casa numa sociedade atual.

A densidade e a diversidade surgem como ponto de partida para a criação de mais dinamismo entre a comunidade. Densificar pode ajudar à consolidação da cidade, preenchendo os seus vazios e organizando os seus limites, sendo estas questões fulcrais para o condicionamento de uma cidade com mais vida nos seus espaços, a partir da diversidade de pessoas e usos.

No trabalho aborda-se o dualismo densidade/diversidade, procurando o modo como estes fatores contribuem para o desenvolvimento das pessoas e da sua vida nas cidades e bairros, concentrando-se na compreensão das alterações e instabilidade do modelo socioeconómico, com incidência na problemática habitacional de época, que tornam os edifícios obsoletos e sem capacidade de adaptação às novas realidades, assim como, a constante mudança e diversidade dos modos de vida, consequentemente, as diferentes necessidades e preferências face ao espaço habitacional, procura-se questionar os processos convencionais de pensar a casa e, assim, justificar a procura de novos modelos.

Em suma, a base do trabalho foca-se na relação entre o espaço público e privado, assim como a transição desta dualidade, possibilitando a criação de um conjunto habitacional diversificado para quem o reside, trabalhe ou visite. O quarteirão torna-se o elemento urbano para a construção de uma habitação coletiva, que explora as potencialidades, da relação público e/ou privado, dos espaços de transição, permanência e mediação da sua envolvente urbana.

1.2| OBJETIVOS DO TRABALHO

A partir da identificação dos problemas associados ao bairro, desenvolveu-se o objetivo fundamental desta investigação: a criação de uma proposta de requalificação. Assim, os objetivos e estratégias a aplicar no exercício de projeto visam o melhoramento da imagem do lugar evidenciando-a com uma nova intervenção, explorando as causas subjacentes relacionadas com o tecido urbano do conjunto habitacional e com as circunstâncias sociais, otimizando soluções que corrijam os problemas a longo prazo.

Pretende-se, também, a identificação das estruturas de suporte em arquitetura e do lugar tendo como base o tema associado à Requalificação Urbana do bairro Marechal Carmona, em Cascais relacionado com o tema da sustentabilidade e reabilitação dos vazios urbanos e espaços devolutos no bairro.

O objetivo primário será a reflexão e estudo sobre os conceitos de habitar através do desenho urbano arquitetónico, dando lugar ao desenvolvimento de sistemas que permitam, com uma implementação, sensível, estabelecer e ligar a comunidade e o bairro que se encontram desarticulados entre si. Tendo em consideração a população à qual se destina, o desenho tem como ponto de partida a reformulação do espaço urbano, tornando-o mais acessível, dificultando a ocorrência de inseguridade e espaços perdidos.

Numa segunda fase pretende-se requalificar o bairro tendo como base a sua identidade, mostrando ser possível que os bairros não são um obstáculo ao crescimento das cidades, e que sejam concretizados projetos de valorização que impulsionem a sua dinamização, refletindo sobre a forma de articular os inúmeros vazios urbanos e requalificar a cidade combatendo o abandono das áreas históricas da habitação e de vazios urbanos que são resultado da falência de operações urbanísticas.

Por outro lado, pretende-se oferecer um novo complexo habitacional e, paralelamente tornar o tecido urbano mais atrativo para os novos residentes, numa intervenção que possibilite a sua qualificação, onde a casa se apresenta como um elemento que proporciona uma ligação do espaço urbano envolvente com o bairro.

Para garantir a eficácia da requalificação proposta, a longo prazo, pretende-se a implantação de estratégias que incentivem a integração social e que potenciem a melhoria das condições de vida dos residentes do bairro Marechal Carmona.

É ainda, como objetivo de projeto, desenvolver novas formas habitacionais ao bairro que promovam diferentes formas de habitar, que pretende conferir novas dinâmicas e possibilidades ao espaço e lugar. Assim, é possível despertar o interesse e a reflexão sobre formas de desenhar as tipologias habitacionais simples, a criação de um espaço doméstico exclusivo e a sua relação com os diferentes tipos de famílias que nela possam residir tornam-se no objetivo final do Trabalho Final de Mestrado.

1.3| QUESTÕES E HIPOTESES DE TRABALHO

Tomando como ponto de partida a situação atual do bairro pretende-se como principal premissa conseguir através de uma proposta, a integração da população. Nesta perspetiva, a proposta apresenta dois objetivos, que estão articulados entre si.

Em primeiro lugar, pretende-se requalificar o bairro como espaço exterior dinâmico e multifuncional que promova a relação entre a comunidade e um maior contacto com as áreas de espaço público. Permitindo que o espaço urbano possa estimular e proporcionar um estilo de vida mais dinâmico e saudável.

Em segundo lugar, pretende-se explorar as novas formas de habitar a casa, questionando a hierarquização dos espaços face ao conceito de ambiguidade de modo a que a apropriação dos mesmos seja feita de forma natural, e poder atribuir ao habitante final a oportunidade de se identificar com o seu habitar.

Desta forma, ao longo da investigação foram despontando questões que fazem parte do ponto de partida do Projeto Final de Mestrado, que se centralizam nas seguintes discussões:

- Pode um processo que envolve a requalificação de um espaço urbano, estabelecer novos padrões de organização e utilização do tecido urbano? A apropriação do espaço, que agora é residual, tornando-o numa zona central de domínio público qualificada e favorecida de espaços urbanos que satisfaçam as necessidades da comunidade, poderá contribuir para a reorganização dos usos desse mesmo território e alterar a sua relação com a cidade.

- Como podemos promover o desenho de **espaços públicos** capaz de fomentar a vivência do bairro?

  A transformação dos espaços públicos desqualificados em locais capazes de albergar usos coletivos poderá ser um fator que venha a incitar a dinâmica em comunidade. Pode ainda, contribuir para a vivência no bairro ao longo de todo o dia, contrariando a tendência das zonas habitacionais convencionais.

- Como pode a **habitação** servir como uso primordial a executar de modo a atrair residentes e revitalizar a zona?

  A habitação é o uso que mais se destaca no plano urbano, no entanto, a cidade não é feita apenas de zonas habitacionais e para que funcione, em todos os seus setores, é necessário conjugá-los, dotando a urbe de equipamentos comerciais e serviços que possibilitem a combinação de diversas funções, rentabilizando o espaço e vitalizando o tecido.

- Como podemos promover **novas formas de habitar** e atrair novos residentes?

  "(...) um modo de habitar é *"uma relação que pode ser analisada através do tempo passado na casa, do interesse que a mesma desperta nos seus moradores sobretudo das práticas que aí são desenvolvidas"* (PEREIRA, 2012:20). Assim, as novas formas de habitar o bairro tencionam analisar de que forma a introdução de conceitos inovadores de habitação, já postos em prática a nível nacional e internacional, poderão contrariar o ambiente envelhecido e atrair populações mais jovens.

  O trabalho pretende ser uma reflexão, uma procura e um confronto pessoal sobre o tema do habitar. Um percurso cujo resultado encontra-se no caminho da reflexão sobre os problemas e questões, ao invés de procurar soluções ou alcançar um objetivo final concreto. Não se pretende arranjar uma única solução que responda à constante transformação dos modos de vida, mas antes catalogar uma série de perguntas que poderão conduzir à apresentação de infinitas possibilidades e soluções.

1.4| METODOLOGIA

O desenvolvimento do trabalho basear-se-á numa metodologia de projeto, que consiste num conjunto de técnicas e instrumentos de recolha e análise de informação, de forma a que a investigação abrangesse vários níveis, para sustentar as decisões tomadas no processo de desenvolvimento projetual e do ser caráter crítico.

O processo é dividido em duas partes, a parte teórica e a parte prática. Ambas as partes foram desenvolvidas paralelamente ao longo do trabalho, em que tanto os conceitos e as temáticas desenvolvidas na parte teórica foram aplicados no projeto, como os elementos compositivos e intenções da proposta seguiram a linha do pensamento teórico.

A primeira abordagem ao projeto inicia-se no reconhecimento dos diferentes conceitos e estratégias a adotar no território, assim como a análise do tema da requalificação dos espaços urbanos e como adaptá-los ao bairro e à comunidade em estudo. Este processo resultou numa pesquisa e recolha de referências bibliográficas (estudos, livros, apontamentos, artigos), numa revisão bibliográfica essencial para a interpretação, definição e clarificação dos conceitos chave do Projeto Final de Mestrado.

Depois do reconhecimento e análise dos diferentes conceitos e do lugar, avançou-se com a investigação e estudo sobre a habitação e os modos como ocupamos a casa. Para este processo recorreu-se a conferências, escritos, teorizações de autores que estivessem envolvidos no âmbito da temática em questão, com vista ao lançamento de tópicos de pesquisa, análise e crítica dos conceitos e fundamentos para o desenvolvimento da base teórica essencial na assimilação e compressão do objeto de estudo. No sentido de reunir dados suficientes para perceber quais as soluções e cenários possíveis de construir uma habitação com os diferentes modos de vida, segundo alguns autores e projetos de referência.

Depois do reconhecimento e análise dos conceitos dos espaços urbanos e da temática da habitação, avançou-se com a investigação e análise dos casos de referência, que pudessem ir ao encontro dos objetivos pretendidos, das caraterísticas do lugar e dos programas definidos. As apreciações destes casos de referência tiverem como objetivo compreender e reconhecer trabalhos similares e retirar conclusões, de forma a perspetivar as várias formas de abordar o campo temático.

Assim, o arranque da parte prática do projeto foi impulsionado pela parte teórica, onde toda a documentação, bibliografia e análise das componentes que o território pode oferecer, foi essencial para a compreensão do lugar onde o complexo habitacional está inserido. Para isto foi necessário a observação direta e de conversas/entrevistas informais, para a apreensão das caraterísticas do lugar de uma forma mais sensitiva. Pretendeu-se com este processo a interpretação superficial dos elementos que potenciam o lugar e das problemáticas existentes, não só do edificado, mas também ao nível das vivências atuais no território, percebendo o fluxo de pessoas e as faixas etárias presentes.

Procedendo-se também à recolha e análise documental sobre o local a intervir, no processo de compreensão e enquadramento sobre o lugar, os documentos, tais como: documentos históricos, livros, dados estatísticos, anteplanos, Plano Diretor Municipal, planos/programas de requalificação do bairro Marechal Carmona, programas da Câmara Municipal de Cascais e de Lisboa, Direção Geral do Território, revistas, entre outros, foram essenciais para a proposta final.

Ainda ao nível de projeto, adotou-se uma estratégia de investigação intensiva, recorrendo a uma abordagem mais direta com as pessoas e dos contextos de interação através da observação participante e exterior, para além de entrevistas a pessoas locais, percebeu-se os obstáculos e carências da população residente, ao mesmo tempo foi analisado as espectativas futuras para o lugar.

Por consequência, procedeu-se a uma recolha e análise morfológica do lugar, que consistiu numa recolha cartográfica e levantamento das pré-existências.

A fase seguinte foi dedicada à investigação programática necessária para a formação do novo complexo habitacional. Esta investigação programática foi abordada através da consulta de documentos, entrevistas e obras arquitetónicas que abordam as temáticas em estudo.

Para a caraterização, foi obtida uma base referencial de modo a adquirir informações sobre a distribuição funcional dos edifícios e o número de pisos, assim como dados, recentes, nos censos que permitiram ter conhecimento do grau de reabilitação, degradação e ocupação. A recolha desta informação e leitura do local fundamentou o desenho do projeto.

Assim, os enquadramentos teóricos juntamente com o embasamento programático apresentam dados suficientes para a aplicação dos conceitos e objetivos estabelecidos para a intervenção prática, sendo que o projeto foi dividido em duas intervenções: uma intervenção à escala urbana, que responde às necessidades e problemáticas identificadas no território de intervenção, e arquitetónica, que responde aos objetivos estabelecidos e programas específicos.

1.5| ESTRUTURA DO PROJETO FINAL DE MESTRADO

A estrutura do Trabalho Final de Mestrado que se apresenta, é composta fundamentalmente por uma componente teórica e uma componente prática, estando ambas organizadas da seguinte forma:

A componente teórica pretende fundamentar a proposta de projeto como solução arquitetónica e programática, apresentando a investigação e o raciocínio aceite no desenvolvimento do processo de trabalho. Esta corresponde essencialmente aos capítulos “Componentes do espaço urbano”, “(Re)habitar a Casa” e por fim, “Habitar como Referência”.

No primeiro capítulo da parte teórica procurou-se clarificar e apresentar uma abordagem do enquadramento teórico e reflexivo sobre os conceitos e estratégias a adotar ao intervir no espaço urbano, assim como a análise sobre o tema da requalificação dos espaços públicos e como adaptar às necessidades no bairro e comunidade atual, através de uma arquitetura de espaços urbanos habitáveis. Assim, elabora-se um enquadramento sobre o conceito da requalificação urbana enquanto estratégia de intervenção no espaço urbano, adaptado ao território através da sua aplicação prática. Analisa-se as componentes arquitetónicas habitáveis do espaço urbano, como a praça, a rua e o pátio, compreendendo a sua progressão no tempo e a sua importância no espaço para uma comunidade integrada.

O segundo capítulo é direcionado para a análise, contextualização, justificação e procura do conhecimento teórico da temática relacionada com a habitação, desenvolvendo as formas de habitar a casa, percebendo a sua evolução ao longo dos anos, assim como a análise dos conceitos sobre o habitar “(n)o presente”, “em família”, “em comunidade” e “(n)o futuro”.

Por fim, o terceiro capítulo será direcionado para a apresentação de casos de referência, que clarifiquem tanto os programas como os conceitos formais e informais do projeto. Os casos de referência serão diferentes uns dos outros pois pretende-se retirar particularidades significativas para o projeto a desenvolver, como por exemplo: lógicas programáticas, ambiências espaciais, lógicas compositivas e lógicas estruturais e materialidades.

Relativamente à segunda parte, pretende-se que a componente prática comprove e justifique as decisões da proposta arquitetónica, com o objetivo de inter-relacionar com as reflexões realizadas e aprofundadas na componente teórica. Correspondendo assim ao último capítulo "...um bairro sem casa fechadas e degradadas", que desenvolve a análise do lugar, contextualizando a área de intervenção, destacando a problemática, expondo as linhas gerais e a estratégia a que se propõe.

Este último capítulo é dividido em duas partes distintas. Na primeira pretende-se justificar e demonstrar a proposta à escala urbana, apresentando e clarificando alguns conceitos chave acompanhando a proposta desenhada. Na segunda parte são apresentadas soluções do objeto arquitetónico, clarificando as lógicas, conceptuais, formais e programáticas, através de diagramas, desenhos, maquetes, fotos e referências pontuais. Assim, através do programa inicial, é possível descobrir referências na arquitetura do bairro, materialidades e justificar as diferentes possibilidades de habitar a casa, que justificam as escolhas do Projeto Final de Mestrado.

Em suma, as "Considerações finais" pretendem apresentar as conclusões deste Trabalho Final de Mestrado a partir da harmonia entre a componente prática com a teórica. Esta parte permite defender o projeto proposto neste trabalho, assim como os anexos que vão demonstrar o seguimento teórico-prático.

I02

COMPONENTES DO ESPAÇO URBANO

"Entende-se... o desenho urbano enquanto arte de construção do espaço público e tomam-se como referência, não só, as normas urbanísticas que podem favorecer o seu bom desempenho ou as boas práticas recentes, como também as práticas populares recentes e antigas de cada lugar."

(VALENTE, 2012:12)

02| COMPONENTES DO ESPAÇO URBANO

O presente capítulo é resultado da preocupação na fundamentação e justificação do interesse das temáticas que o espaço urbano em análise adquira na sua composição. Para isto, foi necessário o dissecar dos diversos conceitos e elementos, de forma científica-formal, evidentes no tecido urbano do bairro Marechal Carmona.

A fraca qualidade do espaço urbano é um fator importante na vivência de um bairro, especialmente numa comunidade que anseia por estes espaços. Assim, pretende-se com esta reflexão, entender a necessidade de comodidade ao nível do espaço público e onde pode ocorrer dinamismo do quotidiano, assim como, perceber como é que os espaços habitáveis, sendo eles a praça, a rua e o pátio, podem garantir novas formas de habitar, satisfazendo as várias necessidades funcionais e atrair novos moradores e visitantes.

Assim, neste capítulo abordam-se conceitos e estratégias de intervenção urbana, tais como a requalificação, a reabilitação e a revitalização, assim, ao aplicar alguns conceitos podemos conceber um bairro como indutor da requalificação. Ainda neste capítulo, analisam-se alguns elementos de composição do espaço urbano que serão objeto de estudo e intervenção na componente prática do trabalho.

2.1| CONCEITOS E ESTRATÉGIAS DE INTERVENÇÃO URBANA

A chave para projetar ou recuperar com sucesso os espaços públicos de uma cidade é a criação de estratégias que favoreçam a sua utilização, independentemente da sua escala. Existem aspetos fundamentais para a sua composição como: o desenho urbano conforme as necessidades da comunidade existente; a reflexão sobre a escala humana; e a diversidade de usos que garantam uma multifuncionalidade e flexibilidade, conforto e segurança.

A intervenção do arquiteto ocorre de dois modos, ou adapta um dos conceitos relacionados com a reabilitação ou através de uma nova construção. Em ambos os casos, a memória é encontrada no processo de desenvolvimento da ideia, ou seja, quando se intercede numa pré-existência é imprescindível conhecer a história do lugar, a sua evolução e, assim, prossupõem se a compreender a essência do mesmo (fig.1).

Por conseguinte, as características do espaço urbano são uma condição de extrema importância na vida de um bairro "perdido na cidade", especialmente se a comunidade vive estes espaços. A criação de novas ruas, espaços pedonais, praças e espaços de encontro, confere ao bairro uma nova vida e, consequentemente, novas formas de viver.

É desta forma, que surge o conceito da requalificação que, a partir do qual, foi desenvolvida a base da investigação, no entanto, dada a transformação das sociedades e diversidade de situações a considerar, é necessário entender a origem e a interpretação das palavras relacionadas com estes termos, para compreender o objeto em estudo. Não se pretende criar uma discussão ideológica do que é a revitalização, reabilitação, requalificação, entre outros, mas sim, entender as definições, enquadrá-las e relacioná-las com o presente trabalho.

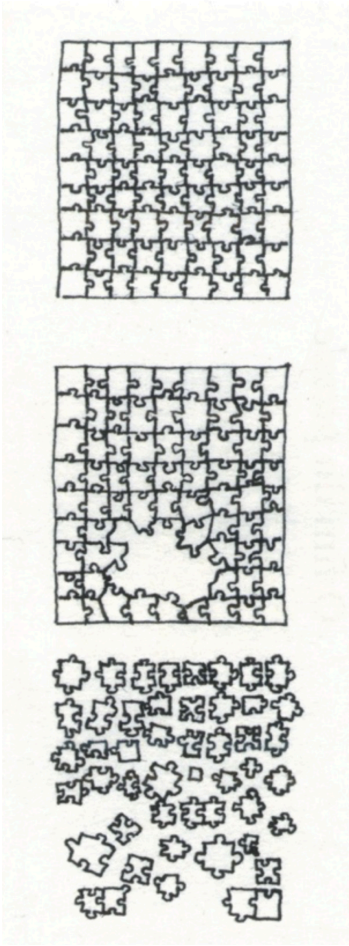


Fig. 1. Transformação do tecido urbano. Puzzle de inserção de novas lógicas, sucessão de peças que não se encaixam.

REQUALIFICAÇÃO URBANA

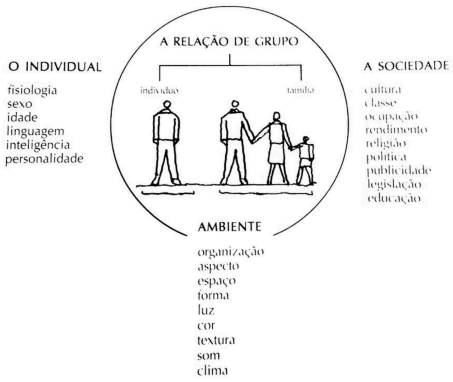


Fig. 2. A relação de grupo. Conceitos que permitem a valorização da requalificação do lugar, comunidade e casa.

A utilização do termo **requalificação urbana** no vocabulário urbanístico que até 1998, não se assume em nenhuma publicação, dando lugar à utilização de conceitos como reabilitação, revitalização ou recuperação para designar o mesmo processo, acaba por surgir, apenas, no final dos anos 80, em Portugal.

É um conceito bastante atual no domínio da política e do planeamento urbano, estabelecendo-se como uma ferramenta de estratégia focalizada na *" melhoria das condições de vida das populações, promovendo a construção e recuperação de equipamentos e infraestruturas e a valorização do espaço público com medidas de dinamização social e económica"*. Refere-se a um procedimento de transformação através de ações e/ou normas pré-estabelecidas que tenham em consideração a valorização da imagem do lugar *"Procura a (re)introdução de qualidades urbanas, de acessibilidade ou centralidade a uma determinada área (...)."* (MOURA *et al.*, 2006:10).

A requalificação refere-se à recuperação do *"sentido da ubiquação residencial das populações, através de múltiplas ações e medidas, que vão da infraestrutura à valorização da imagem interna e externa (...)"* (MOURA *et al.*, 2006:10), assim é necessário ter em consideração o modo como desenhamos, projetando de forma sustentável e adequada à população que utiliza os espaços (fig.2). *"A estratégia deve levar a vivência, pelo património – o que se herdou e importa valorizar, como também o que se deve construir no espírito do tempo"* (CEDRU, 1990:5).

Sendo a requalificação urbana um conjunto de ações desenvolvidas de forma integrada com as caraterísticas do território, esta irá direcionar soluções no âmbito social, ambiental, económico e físico, tornando *"todo o processo que leva uma cidade, ou parte dela, a corresponder às expectativas de todos os estratos da população, incluindo os socioculturalmente mais habilitados, de forma que esta utilize o espaço urbano de forma durável e agradável."* (MOREIRA, 2007:124).

A **reabilitação urbana** opera sobre o espaço urbano deteriorado, permite reajustar e readequar as suas funções com a intenção de valorizar a paisagem urbana, assim, não permite a destruição do tecido, mas sim a readaptação de novos contextos em termos de funcionalidade urbana, segundo Dulce Moura e outros autores.

Expressa-se ao *"criar condições para que as pessoas não só possam viver e sobreviver em condições consideradas adequadas, mas, também, criar condições de maneira a que estes núcleos ou essas cidades constituam núcleos estimados pela sociedade e coletividade."* (SOUTINHO, 1998, citado por MOURA *et al.*, 2006:8).

Desta forma, a sua intenção deve incidir nos espaços construídos e por construir, dando lugar a novos usos e funções, para que funcione em uniformidade com a sua envolvente (fig. 3). A reabilitação pode significar a destruição e construção de novas edificações se, no conjunto, restituir a imagem do lugar, funcional e adequado aos seus usos.

Em suma, o objetivo do conceito sobre reabilitação é *"uma estratégia de gestão urbana que procura requalificar a cidade existente através de intervenções múltiplas destinadas a valorizar as potencialidades sociais, económicas e funcionais, a fim de melhorar a qualidade de vida das populações residentes (...)"*. (LOPES e CORREIA, 2004:264).

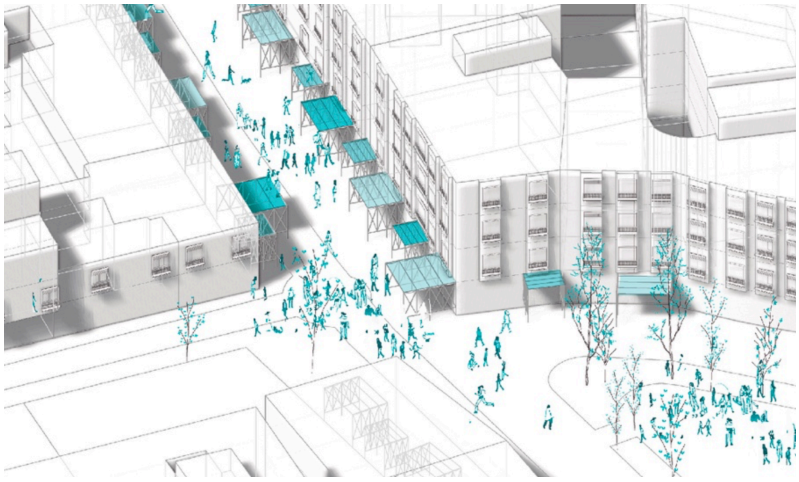


Fig. 3. Operação urbana, pequenas intervenções que fazem a diferença na reabilitação urbana da cidade.

REVITALIZAÇÃO URBANA

A **revitalização urbana** é designada pelo *"conjunto de operações destinadas a articular as intervenções de recuperação dos edifícios existentes em áreas degradadas, com as intervenções mais gerais de apoio à reabilitação das estruturas sociais, económicas e culturais locais, visando a consequente melhoria da qualidade de vida nessas áreas ou conjuntos urbanos degradados"* (MOREIRA, 2007:119). Para analisar o conceito sobre a revitalização urbana é imprescindível enquadrá-lo no espaço temporal e de que forma podemos aplicar o termo quando falamos em cidade.

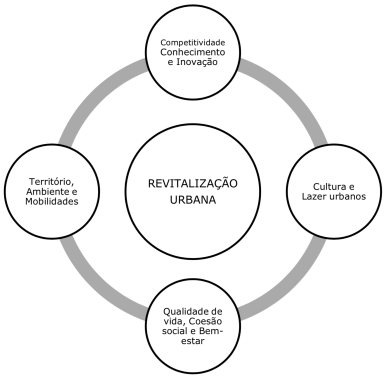


Fig. 4. Dimensões de Intervenção da Revitalização Urbana. Revitalização de um território que abrange uma intervenção qualificada e sustentável.

O período do pós-guerra (1945-1975), deixou os tecidos urbanos degradados, por este motivo existiu a necessidade de (re)construir as cidades através de uma base económica e social de construção em massa, muitas vezes sem qualidade. No final do séc. XX, em Portugal surge a consciência de que alguns bairros, antigos aterros e áreas portuárias e industriais, precisam de revitalização urbana, ao analisar o processo urbanístico de matriz fordista[1], legando sinais de deterioração.

Desta forma, o que parecia ser uma melhoria dos espaços históricos e com valor urbanístico foi, posteriormente, abrangendo os bairros sociais e outras zonas da cidade mais desfavorecidas no tecido urbano. A revitalização urbana tende a relacionar-se com a requalificação urbana, segundo Maria da Graça Moreira (2007), ambas têm uma relação de caráter mais económico do que social ou urbanístico.

Ao mesmo tempo, com o desenvolvimento de um mundo mais global e, para que as cidades se pudessem progredir, a revitalização urbana surge como um meio de inovação e renovação da cidade desfragmentada (fig.4). A revitalização pressupõe a interligação, da comunidade e das funções, sendo que, cada fração do território lê-se como um todo.

[1] Fordismo, é um termo criado por Henry Ford, em 1914, para sistemas de produção em massa.

2.2 | O BAIRRO COMO INDUTOR DA REQUALIFICAÇÃO

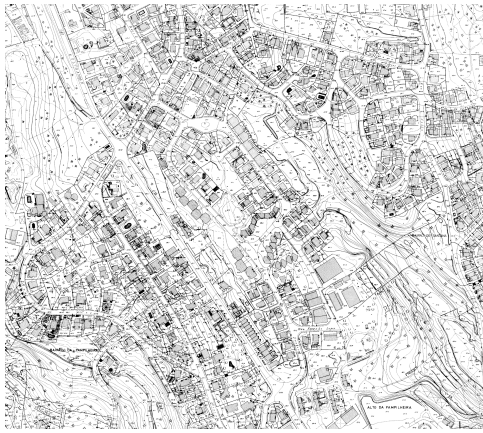
No decorrer do tempo, *"os bairros têm sofrido mudanças quanto à sua importância, acompanhando a evolução das sociedades."* (CRESPO, 2012:66). O interesse na requalificação dos bairros surge associado ao desenvolvimento de um sistema que permita através do desenho, ligar as diversas comunidades e os bairros que se encontram desarticulados. Sendo a requalificação urbana um conjunto de ações desenvolvidas de forma integrada com as caraterísticas do território, esta irá proporcionar soluções no âmbito económico, social, ambiental e físico, tornando-se fundamental a utilização das componentes da requalificação.

Diversas são as opiniões que se debatem sobre a problemática dos tecidos urbanos, com as disciplinas de áreas distintas para além da arquitetura e do urbanismo. Envolvem-se problemáticas sociais, económicas, políticas, de segurança, bem-estar, e diversas outras temáticas que estão associadas ao interesse da comunidade. Assim, as intervenções e pensamentos sobre estes conceitos devem ter uma matriz de debate público que permita compreender as opiniões dos habitantes, que serão os verdadeiros beneficiários desses espaços.

Desta forma, a solução para a problemática social e urbana dos bairros tende a obedecer a uma lógica de destruição do edificado e, consequentemente, à expulsão dos habitantes, contrariando a resolução dos problemas. *"(...) a ação política local tem apostado, ora em ações pontuais de requalificação urbana (...) ora em iniciativas que passam pela demolição dos "bairros-problema" não desencadeando políticas mais estruturantes que envolvam a reabilitação ou até a regeneração destas zonas da cidade."* (MENDES, 2012:99).

O bairro torna-se, assim, no espaço de interação social, é possível conceber que os seus elementos de composição seriam uma mais valia para o desenho urbano (fig.5).

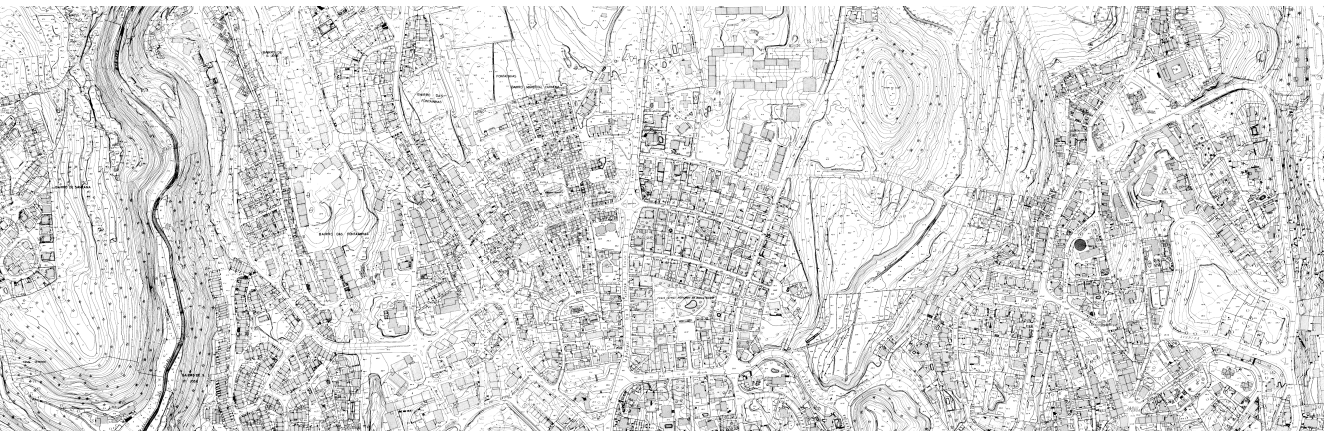
Fig. 5. Planta da morfologia urbana. Excerto da área correspondente ao município de Cascais.



É notório, a presença de espaços destituídos das suas funções iniciais, por falta de estratégias de requalificação urbana. Pretende-se assim que a requalificação do lugar de intervenção tenha *"um caráter mobilizador, acelerador e estratégico, e esteja principalmente voltada para o estabelecimento de novos padrões de organização e utilização dos territórios (...)"* (MOURA *et al.*, 2006:10).

É deste modo pertinente a reintegração dos bairros e garantir que não se tornem em centros isolados do resto da envolvente ou se tornem em elementos de segregação espacial e social na região, é fundamental a projeção de locais que possam suportar e integrar estas áreas no tecido urbano. *"(...) criar aquele tipo de organização do espaço que melhor satisfaz às possibilidades e às necessidades de uma sociedade em determinado momento e em determinado lugar".* (TÁVORA, 2015:37).

Assim, pretende-se defender e demonstrar a importância da requalificação e recuperação dos bairros, pois estes representam a imagem da cidade e como esta conseguiu trazer até hoje a história e as vivências que suportam e identificam cada cidade ou aglomerado, pois *"defender e valorizar os legados físicos do passado representa um imperativo para as sociedades contemporâneas e um desafio para os territórios."* (HENRIQUES, 2003:7).



2.3| ARQUITETURA DOS ESPAÇOS URBANOS HABITÁVEIS

Para delinear os espaços urbanos é indispensável compreender as relações do Homem com os elementos que compõem o espaço e como, dessa relação, se constrói a compreensão e a composição ideal do território. Tendo como ponderação o domínio social intrínseco à natureza humana, é natural compreender que não só o espaço interior, mas também o exterior, devem ser habitados. À semelhança do que se verifica com o tratamento atribuído ao interior da casa existe a necessidade de transpor este comportamento ao exterior da casa, através da partilha e convívio dos espaços comuns. Estes espaços exteriores, delineados à imagem da comunidade que os habita, contribuem para as relações de "dentro" e "fora", justificando o conceito de *"paisagem interior e compartimento exterior"* (CULLEN, 1983:30).

Assim, o habitar está fundamentalmente relacionado com a procura de um abrigo, contudo entendemos que a *"habitação quer então dizer algo mais do que um refúgio: implica que os espaços onde a vida se desenvolve sejam lugares no verdadeiro sentido da palavra"* (CARVALHO, 2006:34).

Para os espaços públicos possam adquirir um sentido é necessário atribuir o mesmo valor que atribuímos ao interior da casa. Assim, estabelecemos uma relação com o espaço exterior, e esta conformidade assume-se como primordial à própria história da cidade, interpretada na dualidade casa-rua.

Assim, a proteção, sombra e um ambiente aprazível são os motivos mais f. Nrequentes da apropriação de um espaço urbano. No entanto, é possível verificar que existem linhas privilegiadas e suscetíveis de ocupação, onde temos a tendência a percorrer, descobrir, observar, descansar, entre outros..., especialmente se estes elementos transmitirem a sensação de abrigo e de controlo sobre o ambiente envolvente e as pessoas que o habitam, como se verifica na figura seguinte (fig.6).

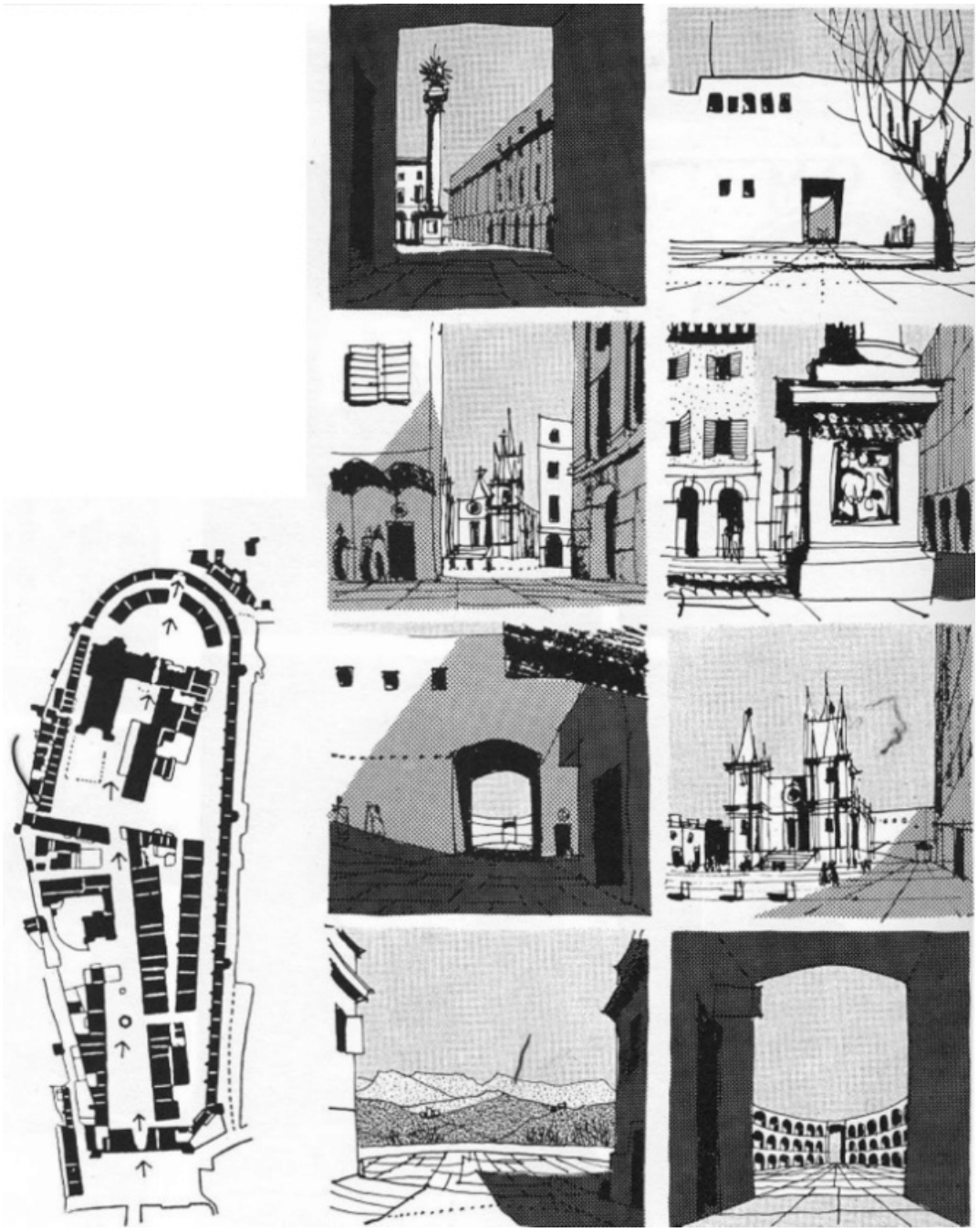


Fig. 6. Espaços Habitáveis na Cidade. O conceito de intervalo não é nada mais do que uma proposta de criar espaços intermédios que possam pertencer a dois domínios opostos sejam eles o domínio da casa e o da rua.

A PRAÇA

"A minha vida tinha tomado a forma da pequena praça
Naquele Outono em que a tua morte se organizava meticulosamente
Eu agarrava-me à praça porque tu amavas
A humanidade humilde e nostálgica das pequenas lojas
Onde os caixeiros dobram e desdobram fitas e fazendas
Eu procurava tornar-me tu porque tu ias morrer
E a vida toda deixava ali de ser a minha
Eu procurava sorrir como tu sorrias
Ao vendedor de jornais ao vendedor de tabaco
E à mulher sem pernas que vendia violetas
Eu pedia à mulher sem pernas que rezasse por ti
Eu acendia velas em todos os altares
Das igrejas que ficam no canto dessa praça
Pois mal abri os olhos e vi foi para ler
A vocação do eterno escrita no teu rosto
Eu convocava as ruas os lugares as gentes
Que foram as testemunhas do teu rosto
Para que eles te chamassem para que eles desfizessem
O tecido que a morte entrelaçava em ti"

(ANDRESEN, 2010:s.p.)

Na poesia de Sofia de Mello Breyner Andersen, *"A pequena Praça"* é possível entender que a praça está relacionada com o espaço do quotidiano e faz parte da vida de cada um pela sua presença ou pela sua ausência (fig.7). Este elemento do bairro surge como uma componente fundamental na construção dos vínculos sociais entre os habitantes, na relação entre eles e a cidade, segundo Teresa Sá (2012).

A praça surge neste centro da vida e de práticas urbanas, das manifestações sociais e acontecimentos, palco da multiplicidade, da interação e de trocas (fig.8). É um centro cultural e social que promove o conhecimento permanente entre pessoas, conceitos e benefícios que nela se concretizam, revelado por um vazio essencial na vivência dos espaços na cidade.

A matriz de construção do tecido urbano, permite uma descompressão dos ritmos apressados da cidade, por se assegurar como um lugar de evasão, convívio e bem-estar. O seu sucesso resulta da capacidade de gerar vivências, de fixar funções e pessoas, como dito anteriormente, *"o que atrai as pessoas são as pessoas"* (GEHL, 2012:31), e neste sentido as pessoas são os elementos que ativam os lugares, através da utilização do mobiliário urbano, as sombras e o tecido vegetal, são indispensáveis para a criação de um ambiente social urbano harmonioso e saudável.

Assim, a praça surge como elemento centralizador do espaço urbano, que deve ser o reflexo de uma sociedade inclusiva, um local de manifestação da nossa identidade, sendo que o sentimento de pertença mais forte está associado à comunidade. A praça permite explorar uma maior relação entre as pessoas e o espaço, a partir da proximidade com que estas vivem, é a multiplicidade que valoriza as trocas sociais dos indivíduos, podendo gerar um sentido de comunidade com maior interesse.



Fig. 7. Antigos Paços do Concelho, concluídos em 1822. Esta praça, 5º de Outubro em Cascais, representava o ponto de referência, não apenas no tocante à atividade comercial das pessoas que habitam o espaço, mas por se tratar de um lugar que liga outros espaços públicos da cidade, tratando-se assim de uma zona de transição com significado.



Fig. 8. Praça 5 de Outubro, Cascais. Esta praça ampla insere-se como espaço de grande importância na malha urbana do município de Cascais, pois marca um ponto de referência, que permite gerar uma ação coletiva, preconizada pelo encontro e permanência das pessoas.

Se atualmente entendemos a rua como um elemento morfológico linear e contínuo do espaço público da cidade, e, simultaneamente, percurso e morada, itinerário e lugar, nem sempre a rua foi entendida assim, como refere Fernando Goitia (1996). Cada país, religião e cultura tem a sua forma de entender o espaço e de o denominar consoante a sua importância no quotidiano. *"Segundo alguns etimólogos, rua chamava-se em latim ruga porque as ruas nas cidades fazem o mesmo efeito que na testa as rugas, dividindo o espaço que há entre as casas."* (PROENÇA, 2013:101).

A palavra rua deriva do latim do termo *ruga,* de significado dobra, fenda, rego, ou seja, algo definido num desenho, que vinca, que permite conservar a memória, facilmente identificável na cidade. Assim, a rua representa o rosto da cidade, que identificamos com memórias, acontecimentos, pessoas, quotidiano, remetendo-nos para um espaço que promove a relação entre a população. O desenho das ruas funciona como elemento agregador das cidades e das pessoas que habitam e frequentam estes espaços (fig.9).

"[Rua é] qualquer elemento do espaço público da cidade que constitua um canal ou corredor (...) entendemos a rua como um elemento morfológico linear e continuo do espaço público da cidade, ao mesmo tempo percurso e morada, itinerário e lugar". (PROENÇA, 2013:101).

Assim, a essência da rua promove o convívio, um lugar que proporciona o contacto social criado pelos moradores, é um espaço comunitário como afirma Hahn (1973). É o palco do quotidiano, onde as vivências acontecem naturalmente e onde as ações da sociedade surgem.

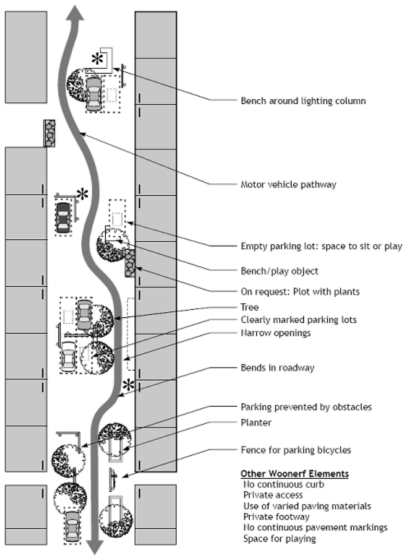


Fig. 9. Esquema funcional de uma Woonerf.



Fig. 10. Relação da comunidade ao longo da rua. Vivência do interior para o exterior da casa. Fábrica da Pompéia, 1970 – 80.

A palavra rua, de origem romana (domus[2]), pode representar-se, assim, como espaço doméstico. Podemos afirmar que esta noção de domesticidade da rua invoca a ideia e um princípio que permite trazer o sentido da vivência conservadora do interior da casa para o exterior (fig.10).

Desta forma, a relação da rua com as diversas referências dos usos carateriza a forma urbana de muitas cidades na Europa e, alguns exemplos, de cidades que delinearam a sua evolução, desenhando formas regulares como a quadrícula. Esta malha quadricular facilita a mistura de funções e de usos, permitindo a combinação de diferentes modos de circulação, cria espaços urbanos de trajetórias e de encontro, onde se podem concretizar atividades efémeras ou de caráter permanente, estabelece uma relação dinâmica entre o espaço edificado e a rua, promovendo diferentes espaços de transição, assim, a malha urbana e o espaço público condicionam-se mutuamente.

Nos bairros mais antigos com uma identidade mais marcada, é recorrente observar os habitantes a varrer a rua enfrente das suas casas, regar as plantas e os canteiros, adornar os candeeiros e as suas varandas. Estas apropriações domésticas da rua são necessárias no crescimento da hierarquização do espaço e identificação do mesmo com a comunidade que o vai habitar, estes elementos arquitetónicos constituem os limites entre o público e o privado, mas não os comprometem.

Em suma, a rua pretende ser definida por elementos de contacto, convívio, movimento e expressão social de uma cidade (fig.11). Viver mais próximo do vizinho, viver numa comunidade integrada e num espaço planeado estruturalmente e coletivamente.

[2] Domus, significava a habitação urbana dos senhores, da palavra domus deriva domicílio e também dominius, isto é, o senhor, o dono da casa (FARIAS, 2018:20).



Fig. 11. A vida nas ruas de um bairro. A transição entre o interior doméstico e a rua, importante gerador de espaços intermediários entre as duas realidades.

O PÁTIO

No dicionário da Língua Portuguesa, o pátio é definido como: *"recinto descoberto no interior de uma casa; térreo murado contiguo à casa; vestíbulo; átrio (...)"* e em vocabulário arquitetónico ilustrado, é descrito como *"(...) uma área aberta encerrada por paredes ou edifícios, tal como um espaço deixado a descoberto para admissão de luz e ar (...)"* (MARTINEZ, 1980:s.p).

Desta forma, os espaços comunitários, de transição mais próxima e com uma escala mais humana, referem-se a lugares com um caráter publico mais privado, benéficos ao relacionamento das ligações de vizinhança e à sua humanização, contribuindo para uma caraterização e um tratamento dos mesmos como se de uma sala comunitária se tratasse.
"O recinto é uma síntese da polaridade entre a circulação de pessoas e a de veículos. É a unidade base de uma certa morfologia urbana. Fora dele, o ruído e o ritmo apressado da comunicação impessoal; no interior, o sossego que o largo, a praceta ou o pátio tem escala humana." (CULLEN, 1983:27).

As várias componentes do espaço, desde os pátios às pracetas, devem enquadrar a proximidade com a habitação, refletindo tranquilidade e serenidade de um espaço que se assemelha à própria casa, na sua escala e ambiente quase doméstico, promovendo *"ambientes de proximidade e privados, amigáveis e estimulantes de um habitar que transborda, estimulantemente, de dentro da nossa habitação, para a vizinhança e depois mesmo para as ligações à cidade"* (CULLEN, 1983:27).

Em Portugal, os pátios têm uma presença na arquitetura que nos é documentada desde a ocupação romana, surgindo intensamente no espaço urbano como parte da necessidade de suprir as carências da habitação que se viviam no início do séc. XIX. Esta necessidade não surge, só, pelo aumento de afluência de pessoas nas cidades, como também pela carência de condições de salubridade que as habitações manifestavam (fig.12).

Os pátios compõem um conjunto heterogéneo de escala e uma forma que varia dependendo do lugar onde se inserem, no entanto, algumas caraterísticas parecem intrínsecas, nas zonas intimistas, os espaços familiares e de convívio, projetado à imagem dos que habitam diariamente o lugar (fig.13). É comum observar nestes lugares, as janelas ornamentadas com rendas, vasos de flores enquadrados com os vãos, alguidares e objetos espalhados, animais domésticos e gaiolas, roupas suspensas nos estendais muitas vezes improvisados (fig.14). Elementos que compõem o pátio e conferem uma identidade, um colorido pitoresco e um ambiente ingénuo.

Ao percorrer o seu interior, onde a transição nem sempre se torna direta ou aberta, descobrimos escadas, corredores apertados, elementos de transição que concorrem para uma sensação de inquietação, um movimento de lenta deambulação e descoberta.

A desfragmentação dos pátios, segundo algumas referências, torna-os mais folgáveis, contribuindo para uma maior noção de comunidade. Estas articulações, nas diversas hierarquias de privacidade nos pátios, permitem a criação de áreas com maior interação ou momentos de introspeção para os seus habitantes. As combinações destes elementos acabam por delinear uma centralidade em torno de diversos acontecimentos e atividades que aproximam as pessoas.

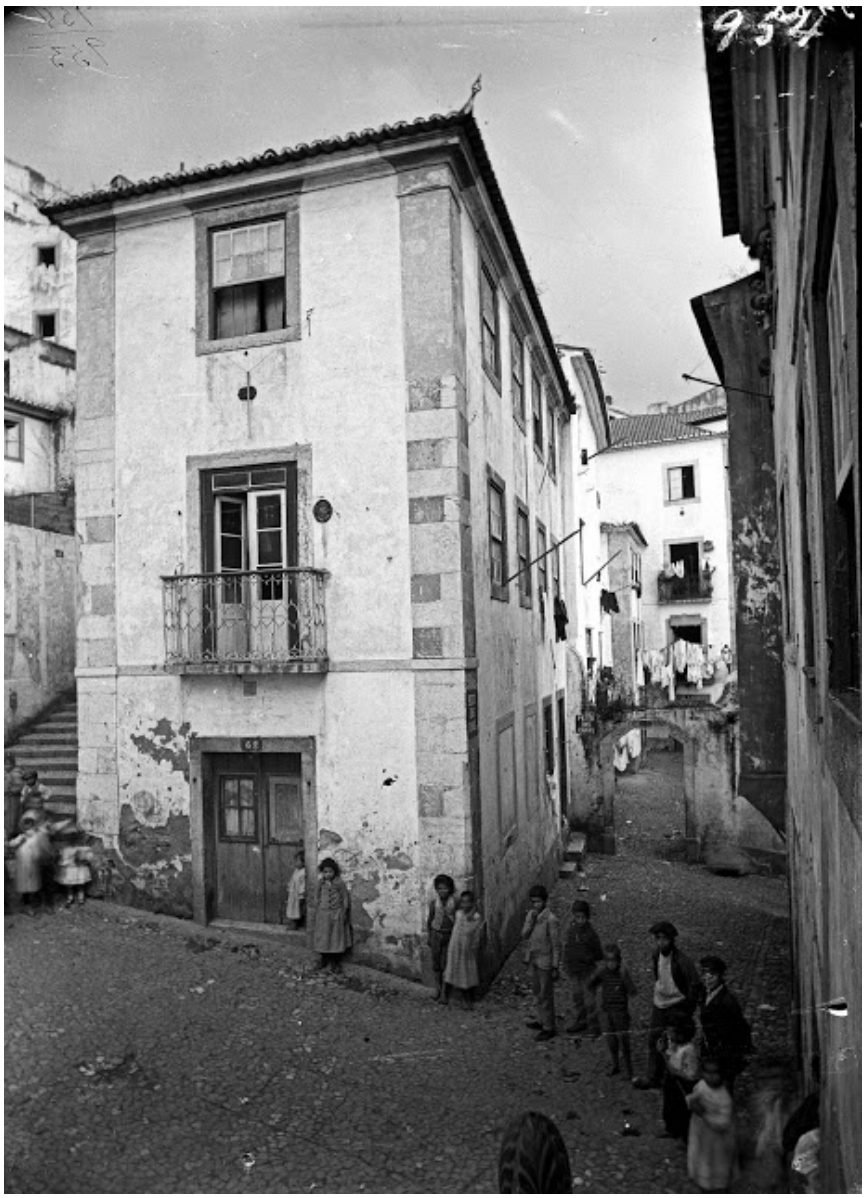


Fig. 12. Fotografia da praça como palco de enormes convívios. Todos os moradores se conhecem e falam de uma casa para outras com as janelas abertas.

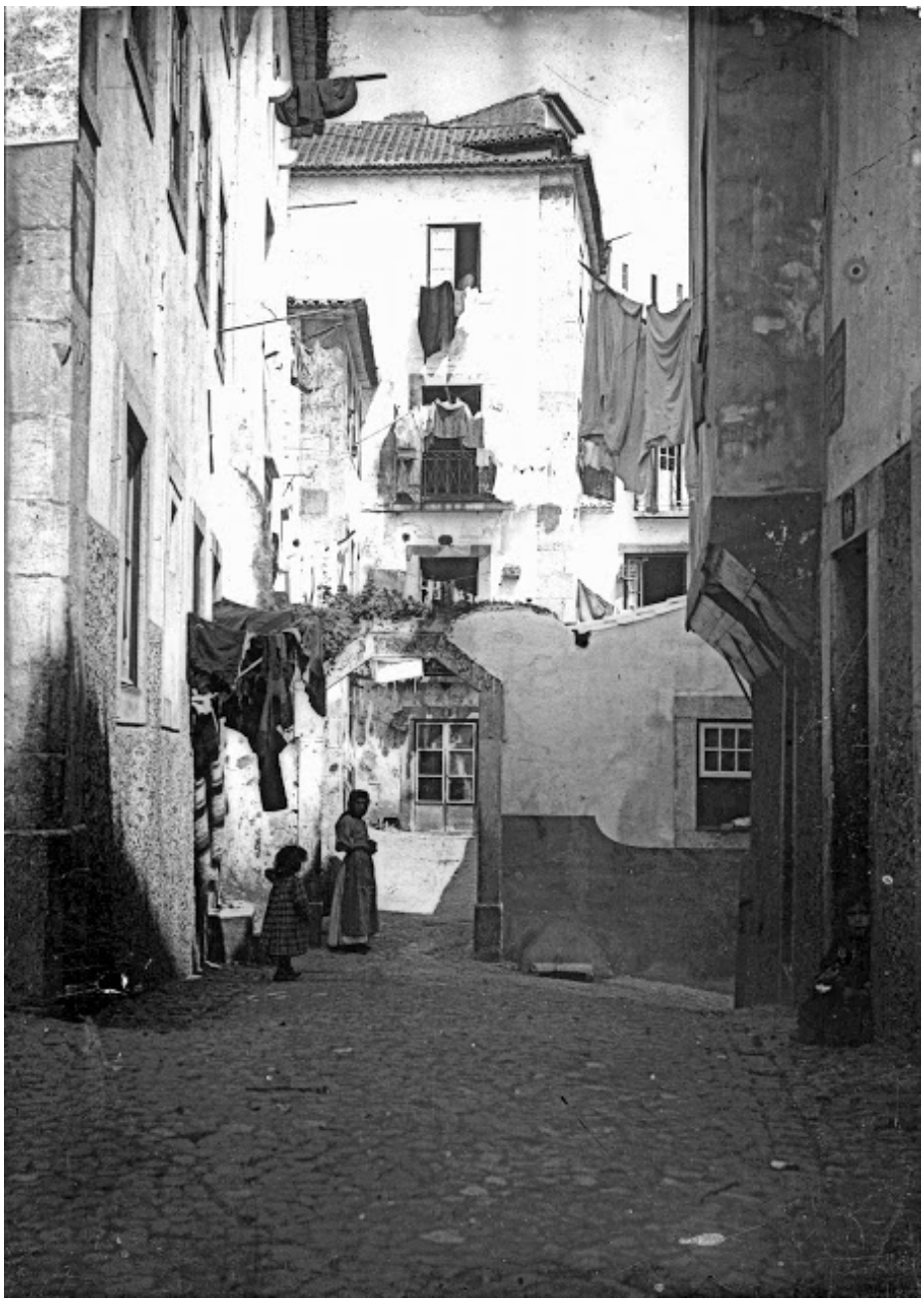


Fig. 13. Fotografia. Atualmente, ainda é possível observar a identidade e memória do antigo pátio. Torna-se num pátio mais privado, pela forma como se fecham numa porta ou arco. Em tempos deveriam servir apenas uma família, pois a sua organização é feita em torno desse espaço íntimo.



Fig. 14. Fotografia. O pátio tradicional revela uma apropriação do espaço por parte dos moradores e utilizadores, que constitui um bom modelo daquilo que é habitar em comunidade.

2.4| SÍNTESE

O domínio público da distribuição e realização das nossas atividades coletivas torna-se numa temática de extrema importância na atualidade, o interesse por um espaço habitado por mais pessoas, com mais consistência, de modo a que existam relações mais diversificadas entre as mesmas.

Desta forma, podemos afirmar que o conceito de comunidade possa ser transportado para a contemporaneidade. Fatores como a partilha, imprevisibilidade demográfica e crescimento urbano permitiram o interesse no desenvolvimento de novos espaços na cidade. Os bairros, as praças, as ruas e, até as casas, devem ser o espelho de uma comunidade inclusiva, um lugar de revelação da nossa identidade, sendo que o sentimento primordial seja o de comunidade.

Tendo este bairro um contato intenso com os espaços habitáveis, a sua requalificação pode representar um fator preponderante para a melhoria das vivências e da imagem da cidade. A sua requalificação mostra-se necessária pois o conjunto das soluções para este vazio urbano poderão vir a resultar num ponto de identificação por parte dos seus habitantes e um ponto de atratividade para os seus visitantes. Deste modo, é fundamental, não só para a melhoria da imagem, mas também para a dos espaços públicos. Podendo ainda, induzir positivamente a qualidade de vida dos seus habitantes e devolver-lhes o espaço social indissociável com as suas memórias.

A beleza destes espaços habitáveis passa pelo utópico, que advém da sua potencialidade, da sua memória, do seu sentido. Sendo que o objetivo será tornar um lugar esquecido num lugar fundamental para o bairro, que pertença à comunidade, aumentando e valorizando o património público, através da contextualização das suas raízes com o presente e o respetivo futuro, projetado e idealizado pelo homem atual.

A necessidade de criação de mais espaços públicos de usufruto da comunidade no bairro Marechal Carmona levou à criação, não apenas sobre atividades comerciais das pessoas que habitam o espaço, mas por se tratar de um lugar que liga os outros espaços públicos da cidade, tratando-se assim de uma zona de transição e permanência com sentido.

A Praça, a Rua e o Pátio tornam-se peças fundamentais para o bairro, revelam-se então imprescindíveis para a movimentação dos indivíduos na cidade, no ambiente construído, e é o desafio dos cheios e dos vazios que proporciona os momentos de pausa, permanência e descoberta da cidade. Habitar os espaços urbanos é viver os lugares que hoje têm uma função, mas que amanhã poderão ter outro significado, compreendendo que o que importa não reside no reflexo inatingível dos mesmos, mas nas possibilidades que estes proporcionem para o futuro.

I03

(RE)HABITAR A CASA

"(...) poderíamos dizer que a sociedade humana nasceu com a compaixão e a prestação de cuidados a outrem, qualidades que são exclusivamente humanas. O problema que hoje nos preocupa diz respeito a saber como poderemos transpor essa compaixão e essa solicitude à escala planetária. Estou consciente de que as gerações que nos precederam se confrontaram com a mesma tarefa, mas hoje o caminho que deveríamos seguir, agrade-nos ele ou não, terá de começar pela casa e pela cidade de cada um de nós, agora mesmo.
Não consigo pensar noutra coisa mais importante do que esta. É por ela que temos de começar."

(BAUMAN, 2006:87)

3| (RE)HABITAR A CASA

O presente capítulo é resultado da preocupação da importância do conceito sobre o habitar. Para isso foi importante compreender as noções e a evolução da casa ao longo do tempo, assim analisa-se numa primeira abordagem o habitar no presente, que se baseia no conhecer para saber valorizar o que se está a trabalhar e como se pode abordar estes conceitos na atualidade.

A segunda abordagem pretende compreender o conceito de família, os seus hábitos e as suas necessidades de modo a compreender e a intervir no contexto atual das famílias e das casas. Ao valorizar a segunda interpretação complexificamos as ligações e os cruzamentos de conhecimento tanto ao nível evolutivo como o nível atual de transformações.

Esta abordagem prevê o estudo e análise sobre a problemática do habitar em comunidade, que será o fio condutor fundamental para perceber o espaço, território e ambiente, naturalizado ou construído, arquitetonicamente, significa que o espaço já não é só desenhado para os moradores, mas sim experimentado por todos os residentes e visitantes, num lugar que só faz sentido ser vivido por uma comunidade dinâmica e ativa.

3.1| ... N(O) PRESENTE

"Se o Homem como animal se refugiou nas cavernas, e como ser racional construiu a cabana, o Homem como ser culto, criador, concebeu a casa como morada para habitar" (BAEZA, 2004:57).

O instinto de habitar está intimamente relacionado com o ser humano: o Homem procura por uma delimitação que ofereça refúgio e abrigo, de forma a garantir a sua proteção, de perigos e de fenómenos exteriores. Desta forma, habitar é um objetivo fulcral da arquitetura e a sua própria justificação. A sociedade foi desenhando assim, nesta dualidade e alternância entre espaço privado e espaço público, espaço interior e exterior, indivíduo e sociedade, casa e rua.

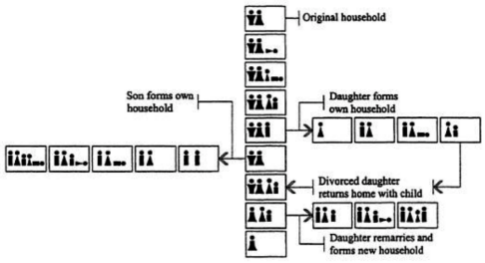


Fig. 15. Diversidade estruturas familiares. Ainda é possível observar todas as tradições da vivência do interior da habitação com o exterior.

Segundo Caturelli (1984) só o ser humano habita no seu sentido concreto e abstrato, e esta necessidade manifesta-se na forma como habitamos a casa, a cidade, e os lugares que percorremos. Bollnow (1969) transmite-nos que habitar significa estar em casa, num determinado lugar, que se expressa ao estar enraizado e pertencer à pessoa que habita.

O espaço interior da casa foi se alterando ao longo do tempo e a sua organização sofreu uma evolução (fig.15). Esta mudança relacionou-se com o crescimento populacional que proporcionou a evolução da casa, gradualmente associando-se ao aproveitamento do espaço e a uma redução de todos os elementos a padrões dimensionais mínimos.

No caso particular da Europa, a influência da Escola Bauhaus (dirigida por Walter Gropius) mudou a sua estratégia inicial de valorização do objeto e novos materiais para uma preocupação com a habitação social e pública.

Esta objetividade de abordagem para uma renovação da Arquitetura conduziu à formulação do conceito de *Existenzminimum* presente nos estudos de Alexander Klein, de 1928, associado à procura de um padrão



O COLÓQUIO SOBRE A HABITAÇÃO

A SOCIALIZAÇÃO DO SOLO URBANO

SUGERIDA PELO ARQUITECTO NUNO PORTAS

Necrologia

Fig. 16. Excerto do jornal sobre a política de habitação. Informação jornalística que marca o interesse sobre o tema da habitação em massa.

mínimo para a pré-existência, tendo sempre como preocupação a produção em série e uma maior economia de meios. Tal ideologia viria a servir de mote para variadas pesquisas arquitetónicas de época.

O séc. XIX marca o início do interesse no tema da habitação em massa, mas só ganha significado expressivo com a necessidade de reconstrução do pós-guerra, mais precisamente depois do 1º Congresso Nacional de Arquitetura em 1948, marcado pelo Movimento Moderno onde a casa apresenta-se como tema central de investigação da disciplina, é, desta forma, questionado a evolução tipológica e discute-se os problemas associados à habitação (fig.16).

Em 20 anos, Portugal produziu um milhão e meio de novas habitações, suprimindo, em termos técnicos, o défice habitacional. Não obstante, persistem problemas relacionados com a degradação do conjunto habitacional dos antigos centros urbanos, com a necessidade de mobilidade das famílias e com custos de habitação elevados, particularmente em relação ao arrendamento.

À medida que os arquitetos experimentavam novas tipologias, surgiram vários estudos que procuravam a forma de atingir uma maior qualidade de vida das pessoas. Em Portugal generalizou-se uma pesquisa por uma clarificação dos habituais usos da casa, através da sistematização das atividades exercidas em cada espaço pelas famílias.

Contudo, o resultado de desafios e contradições que o modo de vida urbana provoca e das constantes alterações que ocuparam lugar nas cidades, no final do séc. XIX, alteraram o estilo de vida do ser humano que parece não compreender o que significa habitar.

"As cidades convertem-se num sítio para estar e não para ser" (PROENÇA, 2013:6), partindo de uma perspética ideológica diferente, declara-se como crise do Habitar e do Habitat.

"Habitar é o objetivo e a justificação existencial da arquitetura. A casa, enquanto tema, afirmou-se como a sua formulação primordial. É o lugar fundado, sujeito a uma transformação cultural, ao qual é atribuído um significado." (NOBERG-SCHULZ, 1979 cit. CARVALHO, 2006:34).

Através desta análise foi possível concluir que existe um desfasamento entre os modelos familiares mais significativos e representativos e a oferta habitacional, ou seja, os programas habitacionais mais utilizados não se adequam aos novos e emergentes paradigmas familiares, revelando-se sobredimensionados. A habitação para a sociedade contemporânea, e aquela que tenderá a ser mais adequada à sua evolução, em contexto urbano, pede programas e tipologias mais reduzidos, equacionando a validade da aplicação de soluções que permitam a flexibilização espacial, aumentando, deste modo, a vida útil da habitação e a sua capacidade de se adaptar e ser adaptada por diversos utilizadores ao longo do tempo.

3.2| ... EM FAMÍLIA



Fig. 17. Fotografia de Elliott Erwitt, hábitos e costumes da sociedade na relação com as diferentes atividades domésticas e a constante evolução da estrutura familiar.

"A família conjugal, (...) correspondia: no espaço, a uma unidade de habitação; do ponto de vista económico, a uma unidade de produção e de consumo; do ponto de vista social, a uma unidade de autoridade, a do "senhor da casa" ou chefe de família; e encontrava-se duplamente inserta num "sistema de parentesco" e num grupo local mais vasto: lugar, aldeia ou bairro" (LAUWE, 1965:477).

Uma família tradicional é normalmente formada por um homem e uma mulher, unidos por matrimónio ou união de facto, os filhos que vierem a existir compõem uma família rudimentar, ou seja é um grupo de pessoas, ou um número de grupos domésticos ligados por descendência a partir de um ancestral comum, matrimónio ou adoção (fig.17).
Podemos então, definir a família como unidade social, pois enfrenta uma série de tarefas de desenvolvimento, diferindo ao nível dos parâmetros culturais, mas possuindo as mesmas raízes universais.

"Se levarmos em conta as mudanças de atividades, de papéis sociais e de relações no interior da família, e as modificações introduzidas nas relações entre o grupo familiar e a sociedade, poderemos ter uma ideia da evolução das estruturas familiares (...) A vida familiar é, assim, uma perpétua criação." (LAUWE, 1965:489).

Habitamos numa sociedade que, apesar de residir num âmbito cada vez mais homótono, coabita com uma grande diversidade de realidades. Uma comunidade sensível às divergências do quotidiano, assim como, ao imprevisível e previsível, elementos que começam a ser comuns, como sequência de uma evolução da tecnologia e da comunicação a que a vida doméstica tem sido sujeita.

Esta divergência tem permitido que o Homem padeça de profundas alterações nas formas e modos de habitar, alterações que têm por base a transformação da estrutura familiar tradicional, predominando os casais sem filhos, famílias monoparentais, a individualidade assim como o natural

envelhecimento da população; uma consciência da vida doméstica que tem sido crescente na cidade, que surge de uma forma dispersa, renovada num espaço para um Homem mais nómada; a constante oscilação de trabalho e instabilidade laboral, com a consequente dificuldade no planeamento económico a longo prazo, não permitindo investimentos de grande escala e a progressiva aceitação de emigração.

Como referido por Miquel Adriá, no congresso sobre habitação *"As habitações quase não evoluíram nos últimos 50 anos"* por *"continuarmos ancorados a uma ideia de Casa dirigida à família nuclear, o que já não faz sentido".*

A casa enquanto elemento lógico que permite o habitar, deve criar uma maior diversidade tipológica, partindo de prossupostos da adaptabilidade e da interatividade, para que proporcione conceitos espaciais, e novas ideologias urbanas, assegurando uma relação entre a casa, a cidade e o território (fig.18). Este conceito permite uma nova sensibilidade que vai ao encontro do valor singular, pessoa e qualitativo da casa, que se contrapõe à visão rígida e pragmática de construção habitacional estandardizada.

Partindo das transformações existentes no contexto familiar, passando pelo desejo de um modo de vida favorável a um bem-estar e uma conjuntura económica que não favorece o Homem atual. A compreensão das necessidades e pedidos atuais definem a recetividade do habitante comum à arquitetura, sendo necessário pensar o que procuram as pessoas numa casa, atualmente (fig.19).

Deste modo, afirma-se a necessidade de uma modernização no programa da casa a partir de um novo contexto, tratando-se de uma sociedade inerente a uma cultura em constante evolução, sendo que, nos dias de hoje, *"Falar de lar, em relação a um edifício, é reconhecer simplesmente a sua harmonia com a melodia interior a que damos preferência. Lar pode ser um aeroporto, uma biblioteca, um jardim ou um restaurante de autoestrada"* (BOTTON, 2006:117).

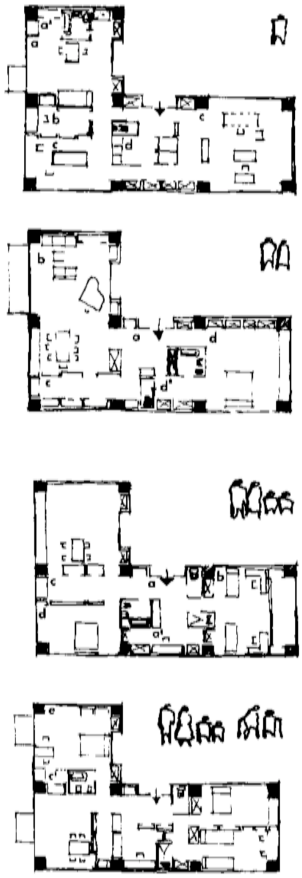


Fig. 18. Evolução da ocupação e evolução da casa. Adaptar a casa ao conceito de família, diversificando e potenciando o espaço habitável.

Numa perspetiva de resposta à rapidez com que as relações com a casa se alteram aos diferentes agrupamentos sociais e modos de habitar contemporâneos, caminha-se no sentido de uma libertação do espaço interior, na participação do morador na construção da casa, permitindo a continuidade da identidade na habitação, quase inexistente na realidade arquitetónica atual.



Fig. 19. Fotografia de uma família a ver televisão durante a década de 1960.

3.3| ... EM COMUNIDADE

Para habitar o Ser Humano precisa de privacidade no interior da sua casa, para se sentir confortável e para conseguir exprimir-se no espaço e que responda às várias necessidades do seu ser. No entanto, habitar é por vezes conferido ao interior do espaço doméstico, e o espaço exterior serve apenas de acesso à habitação, estes espaços são locais de interação que devem ser considerados ao projetar.

Como analisado nos capítulos anteriores, ao longo dos últimos séculos o Homem e a arquitetura sofreram inúmeras alterações, hoje as necessidades de quem habita são diferentes do que as décadas anteriores, as constantes transformações, tanto sociais como laborais, alteraram o ideal de família tradicional. Desta forma, resultou em constantes alterações do lugar, atualmente quem habita é mais solitário e recorre ao convívio para partilhar experiências, tal como refere Paricio e Sust (2008), os habitantes vivem a maioria do tempo sozinhos, assim, surge uma maior necessidade de se relacionarem com as pessoas mais próximas de si. A conceção do espaço deve ter em consideração estas carências de modo a promover a interação entre os vários habitantes.

"A relação entre os vizinhos de um mesmo edifício pode-se fomentar mediante a criação de espaços específicos de relação, como jardins, piscinas, espaços de jogos e, nos grandes conjuntos residenciais, salas de reunião, cafetarias e restaurantes. Mas os espaços de acesso também podem cumprir a mesma função se lhes proporcionarmos características dimensionais e ambientais adequadas." (PARICIO e SUST, 1998:44).

Em suma, é fundamental a criação de espaços que promovam a interação entre habitantes, espaços flexíveis que suportam mais do que um uso, e lugares que convidem à permanência e interação (praças, ruas e pátios).

3.4| ... (N)O FUTURO

"Em vez de um desenho que não deixava lugar para duvidas e nos obrigava a viver a casa de uma só forma, propomos um outro mais ambíguo, versátil, onde as dimensões dos compartimentos e a alternativas de circulação oferecem ao usuário a decisão de usos para cada um dos espaços da própria casa" (GEHL, 1987:39).

É necessário que a casa seja adaptada às várias funções do quotidiano de cada família, isto é, que conceda objetivamente, não só ao conforto, mas também à estrutura de vivência associada à casa. Esta afirmação insere-se num estudo sobre a habitação, realizado nos anos 40, que, tem por base uma compreensão das realidades familiares numa sociedade contemporânea.

Desta forma, é essencial que a casa seja pensada de forma a adaptar-se às novas formas de viver o espaço privado e ambições dos seus habitantes, é importante que os espaços tenham dimensões suficientes e possam ser organizados e estruturados de forma a permitir funções privadas e funções de convívio. Os diferentes elementos da habitação correspondem aos ritmos de vida de cada contexto familiar, isto porque, são os habitantes que fundamentam a construção da casa e essa apenas concretiza a sua função primordial quando é habitada, introduzindo valores pessoais de intimidade e privacidade.

Por outro lado, e como referido em capítulos anteriores, o modo de ocupação da casa tem vindo a ser alterada, surgindo novas composições familiares, desde as famílias conjugais, casais sem filhos, recompostas, entre outros. Com o surgir destas novas formas de viver a casa, resultaram novas problemáticas como a privacidade, a proteção, a segurança em casa, uma população mais envelhecida e um respeito por conceitos de sustentabilidade.

É importante considerar, uma vez que se trata de um modelo habitacional, que um projeto de habitação social é uma problemática sensível, desta forma, tem de ser pensada sobre os futuros moradores e que possam encontrar um ambiente propício com amplas facilidades de adaptação.

Assim, o futuro em que a casa se torna num produto de peças padronizadas e facilmente duplicáveis para uma cidade ideal e de caráter objetivo e funcional foi previsto, "*uma casa é uma máquina para viver*" (CORBUSIER, 1924:73), ao mesmo tempo que o elemento primordial seria o bem-estar dos seus habitantes.

A casa é um elemento que oferece abrigo, no entanto, só quando habitada é que se transforma num lar, ou seja o Ser Humano adapta-se à casa e a casa adapta-se ao Homem, manipulamos, melhoramos e reabilitamos a casa de forma a adaptar-se aos nossos ideais e caraterísticas, independentemente de uma casa ser projetada para um cliente específico ou um projeto de casas repetidas nos subúrbios.

Em conclusão, a casa como elemento, tem sido alvo de inúmeros estudos e experimentações arquitetónicas que incorporam as necessidades e aspirações da sociedade no futuro, por conseguinte o habitar é diariamente transformado pela globalização, a acessibilidade e a integração de tecnologias, surgindo a imagem de casas inovadoras projetadas por arquitetos contemporâneos. Estas formas de ver as casas do amanhã conferem ao tecido urbano e às cidades no futuro da vida em comunidade, as suas formas e funções.



Fig. 20. Casas em série, Glayson Arcanjo, 2013.

3.5| SÍNTESE

Ao longo deste capítulo foram surgindo questões sobre quais as estratégias a adotar na intervenção sobre as habitações, que se apresentam desajustadas à evolução dos usos e das exigências, e que são impostas ao longo do tempo.

Assim, foi considerado que a melhor solução não seria a estratégia que permitisse a destruição total, nem uma meramente reformativa. Desta forma, é adotada uma estratégia que explora uma solução que permite conciliar o edificado existente com o estímulo da inovação tecnológica e análise de novas formas projetuais. São criadas condições para promover o habitar desde a casa à rua, da macro escala à microescala, assim como conceber oportunidades para o estímulo criativo e económico. Operar no construído, reconhecendo-lhe as potencialidades, ultrapassando as suas limitações, transformando e adicionando o que está deteriorado para aperfeiçoar a qualidade de vida do edificado.

Em suma, as novas formas de habitar a casa e as relações entre os membros veio alterar o conceito da própria casa, contudo torna-se primordial a oferta de uma habitação que proporcione flexibilidade, quando esta é de facto necessária, e dar resposta às carências dos seus moradores, bem como à evolução dessas necessidades ao longo do tempo.

I04

HABITAR COMO REFERÊNCIA

04| HABITAR COMO REFERÊNCIA

O presente capítulo pretende verificar o estado dos problemas colocados neste trabalho, desenvolvidos nos capítulos teóricos anteriores, permitindo recolher, fundamentar e comprovar dados essenciais para o aprofundamento e realização do projeto arquitetónico, integrando as intenções das soluções projetuais, clarificando formalmente as intenções dos gestos incorporados na proposta.

Ao todo serão apresentados seis projetos, cada um com as suas especificidades. Apesar de não apresentarem um fio condutor único, procuram estabelecer, tanto programaticamente, em contextos de semelhança, uma amostra diversificada. Inicialmente são apresentados três casos de referência relacionados com as intenções gerais ao nível do projeto de arquitetura; numa segunda fase, são apresentados três casos, que estão relacionados com as intenções gerais ao nível do espaço público e relacionamento do conceito sobre a comunidade.

Assim, o conjunto de projetos estudados têm como objetivo principal ajudar a visualizar o desenho arquitetónico em si e adquirir um conjunto de possíveis soluções no contexto do bairro Marechal Carmona. Pretende-se ainda compreender as relações programáticas, espaciais, morfológicas, materiais e as relações ao nível das vivências e das dinâmicas socias.

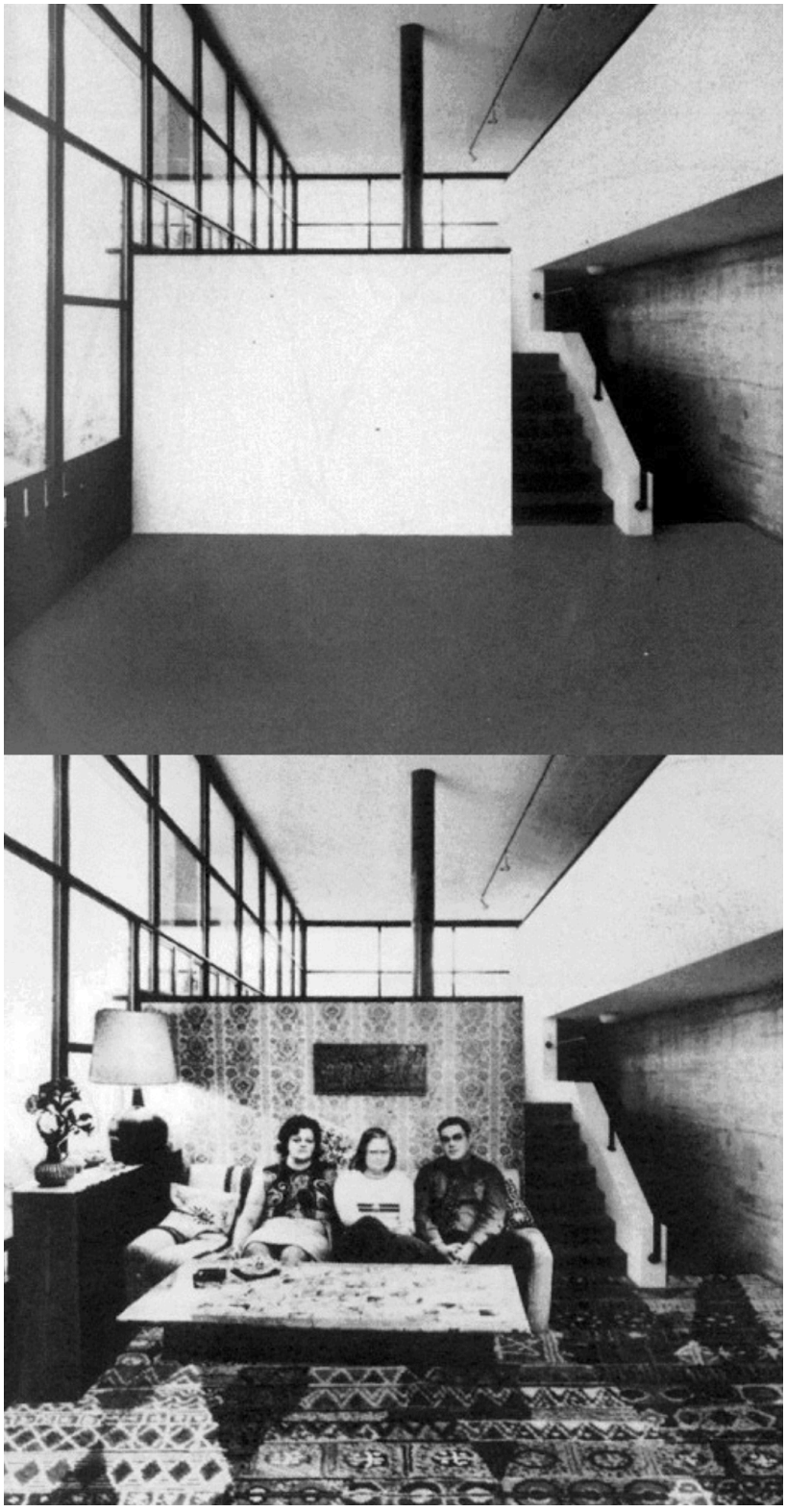


Fig. 21. Fotomontagem elaborada pelo professor Jean-Pierre Junker. Apropriação familiar sobre a casa, adaptando-a às suas necessidades. Casa de Bianchetti de Luigi Snozzi, Zurique, 1990.

4.1| HABITAR A CASA

Os seguintes casos referem-se à temática do habitar, cada caso apresentado está relacionado com o objeto de estudo e a sua área adjacente, através da escala arquitetónica, forma, programa e materialidades.

Foi necessário dividir os diferentes casos de referência, com o intuito de evidenciar a problemática do projeto arquitetónico e distingui-lo do projeto urbano, mesmo que no fim, estas duas temáticas tenham conformidade.

Os casos de referência abordados serão: o Laboratório da Paisagem, devido à sua composição, simplicidade e ritmo; o projeto *Traumhaus Funari* em virtude da criação de casas organizadas com base na proporção predefinida de estilos de vida; e por fim, o projeto do *Block Village* pelo seu design inovador e criativo.

Em suma, os casos de referência ajudaram na resolução das carências observadas no lugar e contribuíram, cada um à sua maneira, para a proposta projetual que se apresenta no final do trabalho.

4.1.1| LABORATÓRIO DA PAISAGEM, 2010, GUIMARÃES, PORTUGAL

O projeto que se apresenta como referência é um Laboratório de Paisagem desenhado numa área sensível e de elevado interesse paisagístico, classificado como reserva ecológica nacional (REN) segundo o Plano Diretor Municipal de Guimarães (Fig. 22). Este projeto está ainda integrado num terreno com uma morfologia de conservação, protegendo um grupo de edifícios degradados de tijolo e pedra (Fig. 23).

Construído num tecido morfológico caraterizado por uma considerável alteração de cotas e com a necessidade de estabelecer uma relação com o percurso da envolvente, garante ser um elemento que se destaca na paisagem, pela presença de um canal de água, percursos de terra batida, grande visibilidade das áreas circundantes e grande proximidade a tecidos de caráter vegetal.

Estes gestos, procuram estabelecer um encontro entre o espaço exterior e interior do edifício, tendo como principal objetivo a valorização do caráter espacial da tipologia fabril, elementos que transparecem amplitude, organização direcionada à luz e preparados para receber novos usos e exigências do programa funcional, que mesmo tendo uma requalificação rigorosa transmite simplicidade.

Desta forma, reunindo todas as premissas e intenções aparentes, o desenho dos módulos funcionais seguem o padrão de organização da cobertura no sentido de estabelecer um equilíbrio nos diferentes espaços com a estrutura da preexistência e sobretudo equilibrando as áreas exteriores e interiores (Fig. 24).



Fig. 22. Planta de Localização da proposta de arquitetura de Cannatà & Fernandes Arquitectos. Inserção urbana no contexto da cidade, Laboratório da Paisagem, Guimarães.



Fig. 23. Vista da relação entre a composição estrutural da cobertura com a relação espacial do interior, marcada pelo ritmo e equilibrio dos diferentes compartimentos.

O conceito da intervenção pretende recuperar o caráter arquitetónico do projeto requalificado passando por destacar a clara e rigorosa identificação dos diferentes tempos e da forma, não produzindo ambiguidades ou a distorção na leitura histórica do edifício.

Assim, os elementos em alvenaria de pedra foram recuperados assim como os elementos em tijolo e outros materiais em avançado estado de degradação. Os novos elementos foram executados em betão branco aparente, materiais diferentes para permitir uma leitura mais contemporânea no tempo e no uso (Fig. 25).



Fig. 24. Espaço interior do complexo. Relação entre a composição estrutural da cobertura com a relação espacial do interior marcada pelo ritmo e equilíbrio dos diferentes compartimentos.



Fig. 25. Fachada tardoz do edifício. Ritmo das coberturas e equilíbrio entre os materiais escolhidos da alvenaria de pedra e o betão branco aparente.

4.1.2| *TRAUMHAUS FUNARI*, 2015, MANNHEIM, ALEMANHA

O atelier MVRDV estabeleceu uma parceria com a *Traumhaus*, oferecendo um plano urbano de 27.000 m² que inclui a habitação, o jardim e o espaço público. O projeto *Traumhaus Funari* responde ao atual estado dos subúrbios modernos como parte da reconstrução do antigo quartel do exército dos EUA em Mannheim, na Alemanha (Fig. 26).



Fig. 26. Planta de implantação da proposta de arquitetura MVRDV. Inserção urbana no contexto da cidade Traumhaus Funari, Mannheim, 2015.

O desenho urbano propõe uma diversidade de tipologias, que visam atrair diferentes tipos de famílias e pessoas, termina com o modelo habitacional tradicional, oferecendo aos moradores um estilo de vida mais exclusivo, diversificado e com espírito de comunidade. Ao incentivar a multiplicidade de habitantes nesta área, a MVRDV transforma a ideia atual de habitar nas aldeias com as famílias segregadas, numa comunidade ricamente diversificada onde a individualidade e qualidade de vida são primordiais.

Assim, o fundador do atelier, Winy Maas, refere que *Traumhaus* é um lugar *"Onde é possível conhecer a comunidade, onde as crianças podem correr pelas ruas, onde a casa é exatamente o que o habitante precisa. Mas, é também, uma reflexão sobre o sistema habitacional da atualidade. (...) onde as casas economicamente acessíveis são de qualidade inferior e onde o sonho suburbano erradica o espírito de comunidade e de liberdade de expressão."* (Fig. 27 e 28)

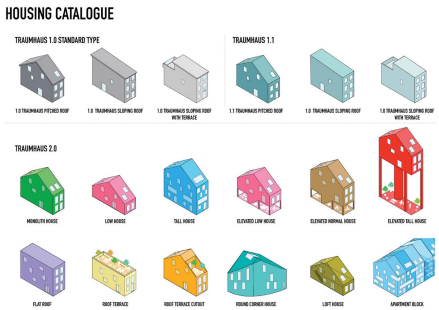


Fig. 27. Catálogo habitacional. Enfatiza a diversidade tipológica, onde o futuro morador pode eleger a casa onde vai posteriormente habitar.

Enfatizando a multiplicidade tipológica, o atelier MVDRV, permite que mesmo sendo estudantes, idosos, solteiros ou famílias numerosas, o design atende às necessidades individuais de cada habitante, não oferecendo apenas uma casa que resolva as necessidades do dia a dia, mas que permita identificar-se com o seu habitante.

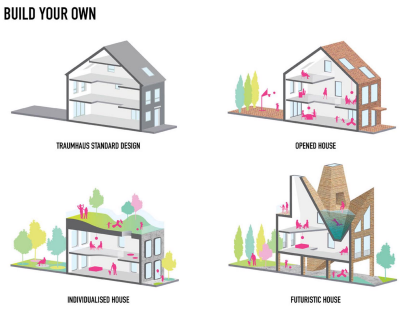


Fig. 28. Desenhar a sua casa. Permite escolher segundo uma variada gama de tipologias, que visam atrair novas famílias e pessoas.

As casas estão organizadas com base numa proporção predefinida de estilos de vida. Este método significa que a diversidade é inevitável permitindo que a gentrificação ou isolamento da comunidade sejam evitados, ao contrário da maioria das áreas residências (Fig. 29 e 30).



Fig. 29. Renderização do projeto Funari. Remodelação dos antigos quartéis do Exército Americano na Alemanha.



Fig. 30. Renderização do projeto Funari. Diversidade de habitações, jardins e espaços públicos.

4.1.3| *BLOCK VILLAGE*, 2015, KAOHSIUNG, TAIWAN

Um apartamento, de 40 m², na cidade de Kaohsiung em Taiwan, *Block Village,* desenhado pelos *designers* e arquitetos locais HAO Design, apresenta um espaço interligado e cheio de luz natural organizado para receber uma jovem família (Fig. 31).

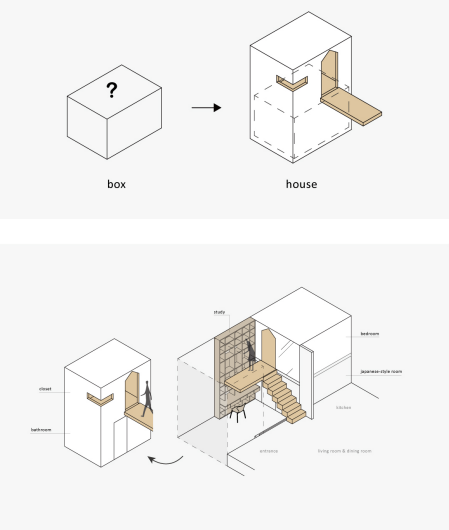


Fig. 31. Desenho esquemático sobre a organização do apartamento e a relação dos diferentes pisos e áreas.

O *atelier* HAO Design, desenha uma casa onde é possível sentir as funções espaciais com claridade e simplicidade. O espaço habitável é projetado para satisfazer as necessidades básicas da casa, onde o arquiteto valoriza a criação do prazer de sensações visuais.
A sala de estar e de jantar é o palco central da habitação, desta forma, os arquitetos decidiram torná-lo no espaço mais iluminado aplicando simples revestimentos de parede em betão aparente pintado de branco, piso em madeira quente combinado com superfícies pintadas num verde suave.

A projeção da escada de pinho (Fig. 32) em forma de bloco é o que permite o habitante estar ligado a partir o piso intermédio, ao quarto principal. Espaço harmonizado pela linguagem serena do espaço central, enquanto a parede de vidro transparente permite a entrada de luz natural, o quarto está ligado por uma ponte adjacente que permite a passagem para o *closet* (Fig. 33), que se situa no lado oposto, criando elementos de diversão e exclusividade.



Fig. 32. Fotografia do interior. Perspetiva dos acessos verticais no piso intermédio.

No piso inferior, situa-se uma área de escritório, perfeitamente integrada no espaço, assim como um quarto que pode funcionar de espaço familiar. Por baixo da zona de vestir situa-se a casa de banho, fazendo com que as duas funções espaciais de cima e de baixo se complementem espacialmente entre si.

Deste modo, a simplicidade e tranquilidade permeiam todos os elementos do *design*, incluindo elementos de decoração. As cores de cinza ardósia, o verde suave e um toque dourado nos tecidos, proporcionam uma estética calma e serena (Fig. 34).

Assim, o *design* e arquitetura provaram que, uma pequena casa, não precisa de ser constrangida, permitindo a funcionalidade, a luz e a abertura que determina o fluxo e a forma do espaço, criando um retiro simples e harmonioso que incentivem os membros da família a envolverem-se, aproveitando o espaço e o ambiente.



Fig. 33. Fotografia do interior. Relação do piso inferior que permite compreender a relação do quarto com a área de escritório e o acesso ao piso intermédio.



Fig. 34. Fotografia do interior. Relação do *closet* com a ponte que faz a ligação entre este e o quarto principal.

Fig. 35. Biblioteca Itinerante em meados do século XX. Relação da comunidade desde a população mais envelhecida até à faixa etária mais jovem.



4.2| HABITAR EM COMUNIDADE

Assim, e como já referido anteriormente, para uma melhor compreensão dos conceitos abordados sentiu-se a necessidade de recorrer à seleção e a análise de casos de referência, que por sua vez, permitem comprovar os conceitos analisados da temática dos espaços de transição, de espaços públicos e da comunidade (Fig. 35).



Assim, selecionou-se o complexo habitacional *Hufeisensiedlung* uma vez que a relação entre zonas públicas e privadas, é cumprido a partir do espaço urbano central. Este edifício estabelece uma forte relação com a envolvente exterior e funciona diretamente para a comunidade; O complexo habitacional *Skärvet Växjö*, resultado da requalificação do lugar abandonado, que se relaciona diretamente com a paisagem e serve de exemplo para o bairro Marechal Carmona; e por fim, o projeto *Promenada* pela organização do jardim que articula diversas vistas e ambientes, proporcionando assim diferentes sensações e experiências ao utilizador. Estabelece uma forte relação com a envolvente, e proporciona espaços de transição, que podem ser vividos pelos utilizadores.

Em suma, os casos selecionados visam explorar as temáticas anteriormente referidas. Estas temáticas serão posteriormente aplicadas no desenvolvimento do projeto e, portanto, assumem-se fundamentais como estudo para uma melhor compreensão dos conceitos.

4.2.1| COMPLEXO HABITACIONAL *HUFEISENSIEDLUNG*, 1933, BERLIM, ALEMANHA

"Não é estético, mas ético, uma vez que a intenção é dar aos moradores das habitações mais sórdidas e das traseiras mais sinistras, um bocadinho de alegria de viver, ainda que modesta" [3] (TAUT, 1925:50).

O complexo habitacional *Hufeisensiedlung*, insere-se num contexto pós-guerra (Fig. 36), mais concretamente primeira guerra mundial, onde havia, em grande parte dos países da Europa, uma grande escassez de habitações.

Esta necessidade de habitação gerou uma série de grandes planos habitacionais, em formato de bairro, que procuravam resolver este problema, criando conjuntos habitacionais que integrassem um número de pessoas de forma relativamente confortável (Fig. 37).

Em 1924, Bruno Taut foi nomeado o arquiteto para o desenvolvimento do plano residencial, cujo conceito estava relacionado com a construção de grandes conjuntos habitacionais em cidades-jardim (Fig. 38). O desenvolvimento do projeto tinha como base a procura de terrenos menos dispendiosos na periferia de Berlim, mas com boas ligações de transportes de acesso ao centro da cidade.

Para permitir a socialização e integração da comunidade o arquiteto projeta um edifício curvo, onde o espaço urbano relaciona-se com as habitações, uma extensão do habitar do interior da casa, para o exterior, preconizando as relações do dia a dia, a relação entre vizinhos, onde as crianças brincam, um lugar que promove o encontro e a permanência.
O desenho é considerado historicamente como um dos pioneiros na humanização da habitação de alta densidade.

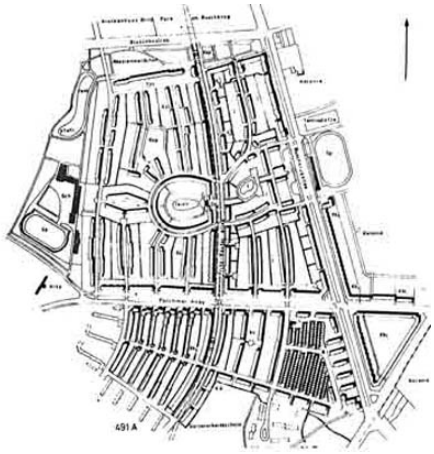


Fig. 36. Planta de Localização da proposta de arquitetura. Inserção urbana no contexto da cidade, desenvolvimento do plano urbano sustentável.



Fig. 37. Fotografia aérea sobre o complexo habitacional. Perspetiva exterior da composição do espaço.

[3] *"not aesthetic, but ethical, since the aim was to give the inhabitants of the most sordid tenement house and the most sinister rear court a spark of joie de vivre, however modest"* (Taut, 1925:50).

A habitação utilizou elementos de fabricação padronizados e em série com formas simples, fachadas coloridas assim como a conceção de espaços diferenciados que contribuíram para a identidade de uma nova arquitetura social. O edifício central em forma de ferradura foi construído em torno de um jardim interior com um lago no centro (Fig. 39). Este edifício seguia um desenho convencional, com apartamentos de dois ou quatro quartos.

Assim, este projeto representa a idealização de Taut sobre a vida rural nos subúrbios da cidade, combinado com o senso de ecletismo que existia no final do séc. XIX.

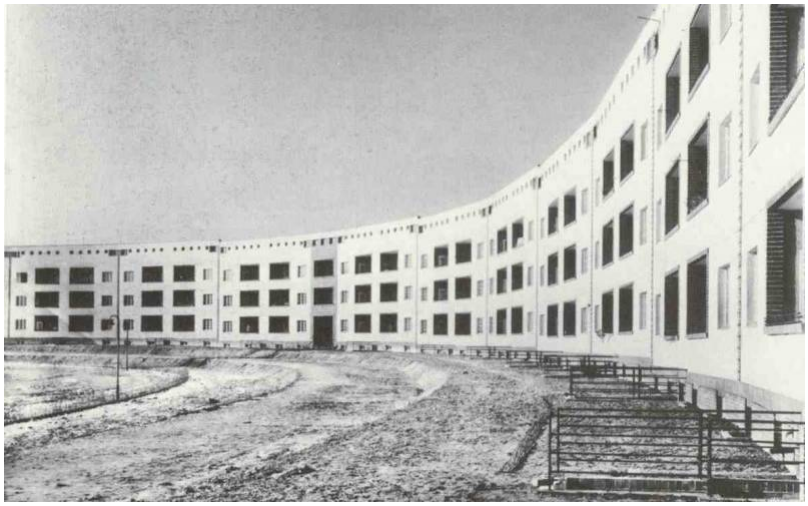


Fig. 38. Fotografia do Hufeisensiedlung. Perspetiva que transmite a relação do jardim exterior com o edificado. Complexo habitacional em 2016.



Fig. 39. Fotografia do Hufeisensiedlung. Perspetiva que transmite a relação do jardim exterior com o edificado. Complexo habitacional em 1933.

4.2.2| COMPLEXO HABITACIONAL *SKÄRVET*, 2014, VÄXJÖ, SUÉCIA

O complexo habitacional *Skärvet* Växjö (Fig. 40), trata-se de um marco para a habitação coletiva contemporânea, o *atelier* de Kjellander Sjöberg propõe trabalhar a ideia do bloco habitacional onde se procura equilibrar as qualidades da habitação unifamiliar tradicional com as caraterísticas da habitação coletiva. O projeto conta essencialmente com uma visão futurista no desenvolvimento urbano sustentável.



Fig. 40. Planta de Localização da proposta de arquitetura. Inserção urbana no contexto da cidade, desenvolvimento do plano urbano sustentável.

O projeto resolve-se através da implantação alinhada com os limites do lote, deixando a área central para o jardim urbano, de forma a otimizar o espaço (Fig. 41 e 42). O complexo contém uma mistura homogénea entre a forma e a estrutura habitacional, tendo resposta para todos os conceitos como as residências para jovens, habitações para idosos, jovens casais, famílias numerosas e unidades comerciais.



Fig. 41. Proposta Urbana. Planta de implantação dos volumes edificados e da organização do espaço público, incorporando os jardins e as habitações.

Esta diversidade permite criar uma harmonia entre a comunidade e possibilita um contexto socialmente sustentável destinado a várias gerações.

A ambição do projeto é a sustentabilidade que serve de precedente para outros lugares na cidade. As soluções criadas são inovadoras pois permitem que todos os espaços possam ser ocupados durante todas as horas do dia, expondo vários lados do edificado, levando à adoção de um sistema volumétrico e um sistema de fachada dinâmico e sem hierarquias, não desvendando uma fachada dominante (Fig. 43).

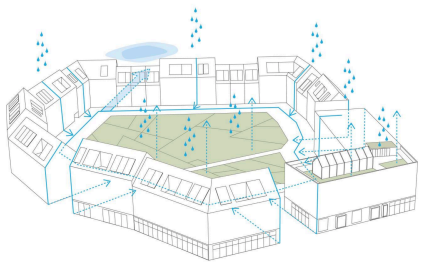


Fig. 42. Diagrama do comportamento do espaço. A compactação e a fragmentação trabalham durante o ano para produzir uma maior sustentabilidade.

A escolha deste conjunto habitacional como referência, ao projeto elaborado, é feita devido ao desenvolvimento da relação da unidade habitacional com a sua envolvente externa, isto é, com as restantes unidades que compõem o sistema habitacional apresentado, devido às caraterísticas já mencionadas de qualidade habitacional entre a comunidade e o indivíduo que o habita. (Fig. 44)



Fig. 43. Imagem virtual. A imagem mostra a relação interior-exterior do quarteirão no dia-a-dia, assim como o equilíbrio entre a edificação, os espaços verdes e a comunidade. Complexo habitacional de *Skärvet* Växjö, Suíça. Kjellander Sjöberg, 2014.



Fig. 44. Imagem virtual. A imagem estabelece a relação entre o projeto e a envolvente urbana. Complexo habitacional de *Skärvet* Växjö, Suíça. Kjellander Sjöberg, 2014.

4.2.3| *PROMENADA*, 2014, VELENJE, ESLOVÉNIA

Velenje é uma cidade, na Eslovénia, relativamente recente, que foi projetada na década de 1950, com caraterísticas do urbanismo moderno da cidade-jardim (Fig. 45). A sua morfologia foi desenhada com o intuito de abastecer a cidade com a escassez de programas e ajudar a recuperar o caráter original da cidade dentro de um parque. No entanto, ao longo dos anos, foi se verificando o excesso de tráfego viário que acaba por revelar um espaço público pouco acolhedor, inseguro e de pouca manutenção, problemática que aconteceu durante o séc. XX com muitos outros conjuntos habitacionais.

O projeto elaborado em meados da década de 1900 solucionou o problema fechando uma das principais estradas com maior tráfego viário, a *Promenada*, apesar de ter sido repavimentado a avenida manteve o caráter de uma estrada, demasiado extensa e monótona devido à falta de conteúdo. Os pedestres utilizavam-na, apenas, para aceder ao centro da cidade e à periferia onde se localizavam as escolas e o centro de saúde, sem fornecer qualquer atração para os mesmos.

Em 2012, surge financiamento para melhorar a interseção da *Promenada* e do Rio Paka, através da renovação do tecido urbano (Fig. 46). A intervenção tinha como objetivo o aumento do conteúdo programático e expandir o espaço verde, estabelecendo um local de encontro que também servisse como local de eventos ao ar livre (Fig. 48). Este gesto, procurou estabelecer um encontro espontâneo com o elemento água, presente no rio, simplificando toda a sua composição que serve de espelho e procura estabelecer uma presença visual a quem observa do exterior (Fig. 47). Esta relação torna-se mais forte devido ao percurso do rio ser mais estreito e mais largo em algumas zonas, utilizado como elemento de afastamento físico entre o Homem e a arquitetura.



Fig. 45. Planta de implantação da proposta Promenada, Eslovénia. Enota Arquitetos, 2014.

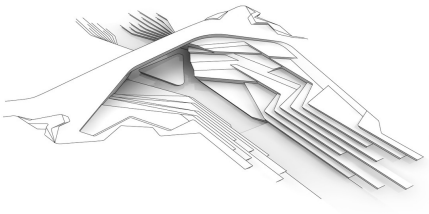


Fig. 46. Diagrama ilustrativo do sistema de construção da proposta urbana. É importante compreender que esta intervenção está associada a elementos da natureza da arquitetura.

Em suma, ao nível da materialidade o projeto utiliza uma estrutura de grande eficácia em termos de manutenção e custos de mão de obra, como o betão branco aparente e uma estereotomia irregular desalinhada em pedra e madeira natural, finalizando a imagem com uma tonalidade clara de forma a estabelecer uma continuidade material com a envolvente.



Fig. 47. Perspetiva do lugar. Fotografia que estabelece a relação entre o projeto e a água envolvente. *Promenada*, Eslovénia. Enota Arquitetos, 2014.



Fig. 48 Perspetiva do lugar. Fotografia no final do dia, que estabelece a relação entre o projeto e os seus utilizadores ao assistir ao espetáculo de luzes no rio. *Promenada*, Eslovénia. Enota Arquitetos, 2014.

4.3| SÍNTESE

Os seis casos de estudo selecionados permitiram estabelecer um levantamento de soluções referentes, tanto a aspetos teóricos, como a aspetos práticos, compreendendo as hipóteses e as premissas desenvolvidas ao longo do projeto. Porém os casos presentes neste capítulo não representam a totalidade das conclusões formais da base final do trabalho, nem representam a totalidade dos casos estudados que apoiaram o desenvolvimento do projeto, tanto à escala urbana como do objeto de arquitetura desenvolvido.

Assim o presente capítulo representa as lógicas e os gestos que mais estão presentes na proposta, procurando compreender as soluções formais que foram contextualizadas em problemáticas isoladas.

Individualmente, importa apontar em termos do habitar a casa, a capacidade de desenvolver um projeto que a presença do ritmo estrutural da cobertura, estabelece uma relação imediata com o interior do edifício, como é presente no projeto do Laboratório da Paisagem; a capacidade de desenvolver um espaço interior que possa identificar-se previamente com o seu utilizador, sendo ele de faixa etária mais envelhecida ou para a camada mais jovem como é demonstrado no projeto *Traumhaus Funari*; a capacidade de desenvolver um projeto simples e singular na composição dos espaços segundo uma ordem que permite a funcionalidade e o equilíbrio, equilibrando a ordem, as cores e a forma, como é evidenciado peça obra arquitetónica do *Block Village.*

Em termos de habitar em comunidade é importante referir, a capacidade de inovar a relação entre o espaço privado e o espaço público, permitindo desenvolver um espaço exterior que envolve a habitação sobre lógicas espaciais de passeio e de descoberta, como é demonstrado no projeto *Hufeisensiedlung*; a vulnerabilidade e a exposição de um conjunto habitacional em relação à envolvente, respeitando o espaço privado mas equilibrando-o com a comunidade que o envolve, como é presente no

projeto de *Skärvet* Växjö; e por fim, a singularidade compositiva do espaço que estabelece uma relação com a paisagem e introduzem o elemento água como elemento organizador, como é demonstrado pelo projeto da *Promenada*.

Assim, acredita-se que fica clara a intenção de procurar trabalhar com o momento de privilégio através da simplicidade e harmonia da arquitetura. A busca da originalidade ou de um elemento síntese que resolva o objeto, na medida em que se sinta o seu ritmo enquanto elemento unificador do todo. Contrapondo e assumindo o elemento rígido, representado pela arquitetura; como elemento dinâmico, representado pela comunidade (Fig. 49). Acreditando ainda, que a junção dos elementos opostos equilibrará a imagem e a experiência do objeto desenhado.

Em suma, o projeto procurou desenvolver e conciliar as restrições técnicas referentes ao programa do complexo habitacional com as intenções formais do projeto. Procurando ainda estabelecer relações com os objetivos referentes à preocupação de relacionar o espaço privado, o espaço público e a paisagem urbana envolvente.



Fig. 49. Relação e espírito de comunidade. Participação dos futuros moradores na execução da construção das habitações, nas operações SAAL de 1974.

I05

“... BAIRRO SEM CASAS FECHADAS E DEGRADADAS”

"É fundamental reabilitar o termo "bairro", destituindo-o da sua carga negativa e pondo fim às controvérsias, na medida em que o vocábulo é defendido por uns e posto em causa por outros, devido à conotação negativa associada ao termo bairro social". (NICOLAU, 2012:44).

Fig. 50. Memória e identidade de uma menina no bairro Marechal Carmona.



05| "... BAIRRO SEM CASAS FECHADAS E DEGRADADAS"

O título do capítulo de projeto nasce da voz de uma habitante, do bairro Marechal Carmona, que participava no "Congresso de habitação em Cascais – Políticas públicas de habitação, à procura de novas soluções", no auditório da Casa de Histórias de Paula Rego, acrescentando o seu parecer ao debate de perguntas e respostas, no painel de apresentação do projeto de regeneração urbanística, económica e social do bairro Marechal Carmona, temática que, para Guilhermina, tinha bastante importância. Para além de afirmar que pretende ver um bairro sem casas fechadas e degradadas, menciona também, que este já foi excecional e que está preparada para participar nesta que será a grande mudança da sua vida.

"O bairro torna-se um conceito de controlo e de sensibilidade. Já não é um espaço em que as pessoas se conhecem umas às outras, mas um espaço definido por todas as pessoas, onde estas consideram ser relativamente fácil unirem-se quando as situações se tornam perigosas." (LYNCH, 2007:235).

Desta forma, a componente bairro surge como constituinte fundamental, gerador de quase todos os gestos adotados. Gestos que procuravam, não só uma relação programática com o tema do bairro no contexto do lugar, mas também a resolução de uma arquitetura em função de uma comunidade mais dinâmica e diversificada.

5.1| ANÁLISE DO LUGAR

A proposta desenvolve-se na área de Cascais (Fig. 51), mais concretamente o bairro Marechal Carmona. Enquadrando e contextualizando o território em estudo, o município de Cascais, vila portuguesa, encontra-se localizado geograficamente no extremo Sul-Ocidental da Península de Lisboa, que limita a Norte com Sintra, a Leste com Oeiras e a Sul e a Oeste com o Oceano Atlântico. O bairro encontra-se enquadrado entre duas estruturas verdes urbanas de Cascais, devido à proximidade do Parque Natural de Sintra (Património Mundial da UNESCO).

O novo delinear da vila, resultante da "revolução urbana" dos anos de 1930-1940, que incidiu na área central-litoral, definiu um sistema, ou conjunto de espaços, formado por ruas, praças e edificações envolventes, com uma escala própria (específico do urbanismo do Estado Novo), que ainda hoje se pode observar. Em termos gerais, podemos dizer que esta estrutura e sistema herdaram, de algum modo, a "memória da água" da zona baixa e litoral de Cascais central, no sentido Sul-Norte e Ponte-Nascente (a antiga Rua Direita, que, desde a Praia dos Pescadores e do Largo da Câmara – depois, Largo 5 de Outubro – corria paralela à ribeira das Vinhas).

De acordo com o censo de 1940, o concelho dispunha de 29 641 habitantes. Uma população em crescimento exigia a construção de novos equipamentos, serviços e habitações.

A 5 de Outubro de 1940 inaugurar-se-ia o Parque Municipal de Cascais, que recebeu o nome de Marechal Carmona, em homenagem ao Presidente da República que montara a residência oficial no Palácio da Cidadela.

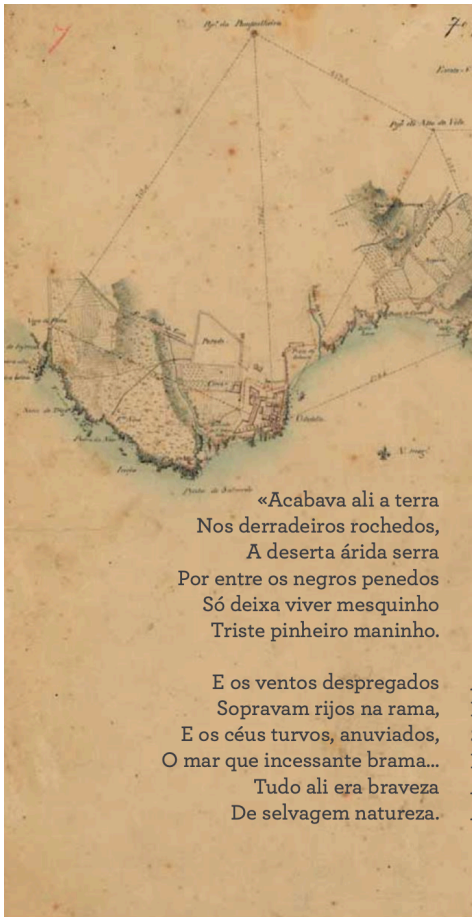
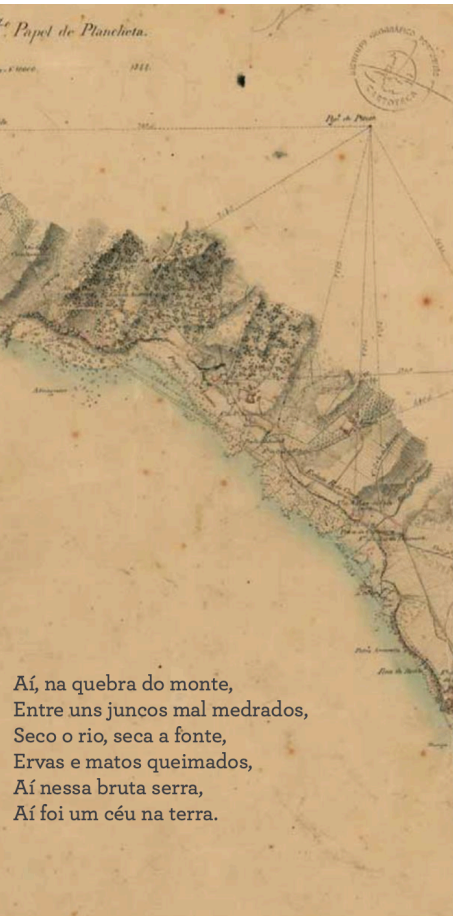


Fig. 51. Litoral de Cascais ao forte de Santo António da Barra, 1844.



A partir de 1940, a nova Estrada Marginal (Fig. 52) facilitou a imposição da Costa do Sol enquanto a mais importante estância de turismo internacional do país, proporcionava uma alteração urbanística sem precedentes, que se manifestou por meio de investimentos na melhoria das infraestruturas e na construção de novos equipamentos, primeiramente na vila e depois no resto do concelho.

"(...) A costa do Sol era, no início da década de quarenta, a área suburbana mais populosa da Capital, com 6% do total da população de Lisboa. Com um crescimento acentuado, esta faixa litoral assinalara na década de vinte um surto de crescimento especialmente forte (53%), crescimento que coincide com a electrificação da linha de Cascais, inaugurada em Agosto de 1926 (...)". (AGACHE, 1936a:147).

A consumação arquitetónica ou, se quisermos, o preenchimento destes novos espaços urbanos, ocorreu, sobretudo, ao longo das décadas de 1950-1960, com base nos dois grandes movimentos arquitetónicos em Portugal: a arquitetura do Estado Novo, de feição neotradicionalismo, conservadora e de evocação regionalista ou historicista; e a arquitetura moderna, de inspiração internacional, expressão abstrata e tecnológica, assente na *Carta de Atenas* e no quadro do urbanismo moderno do pós-guerra.



Fig. 52. Construção da Estrada Marginal, em Carcavelos, 1940. A ligação à capital propiciada pela nova estrada Marginal acelerou a mutação do concelho, estimulando o progresso.

1º PLANO DE URBANIZAÇÃO DE 1946

O desenvolvimento do concelho traduzir-se-ia igualmente na urbanização de terrenos até então destinados à agricultura ou a outras atividades económicas, evidenciando-se ao nível da construção de habitações sociais, de forma a superar necessidades há muito sentidas.

Inaugurado em 1946, o bairro Marechal Carmona, daria resposta às carências habitacionais da época com a cooperação da Santa Casa da Misericórdia de Cascais (Fig. 53), com subsídios dos serviços de Urbanização do Ministério das Obras Públicas e da Câmara Municipal, sucedendo-lhe, no ano seguinte, o projeto do bairro dos Pescadores, também em Cascais.

Era pretendido a elaboração de um projeto para a construção de um bairro de 100 casas para famílias pobres. Integrando o bairro no estudo já realizado pelo gabinete do Plano de Urbanização da Costa do Sol para a zona em questão, assim como conseguir uma boa adaptação à topografia do terreno e dar um acesso facilitado a todas as habitações com o mínimo de arruamentos, tendo em atenção o critério de economia adotado.

"O terreno adquirido para a construção do Bairro, está bem servido de acessos e oferece boas condições de exposição e orientação" (CMC, 1947:142). (Fig. 54)

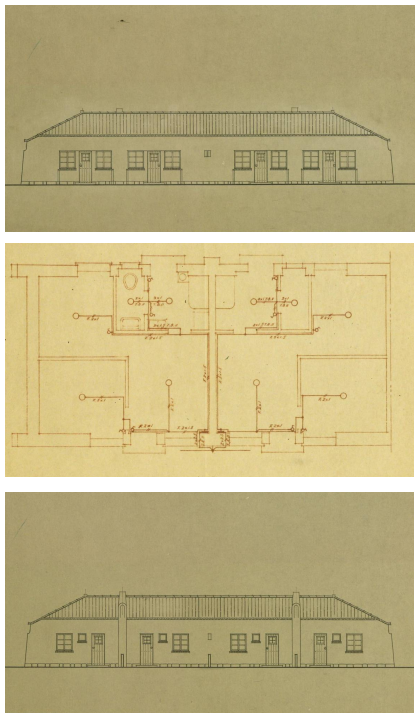


Fig. 53. Projeto do Bairro de Casas para Pobres. A primeira imagem apresenta o alçado principal, a segunda é representada pela planta e, por último, o alçado posterior. Elaborado pelo Arquiteto Ruy d'Athouguia, em 1946.

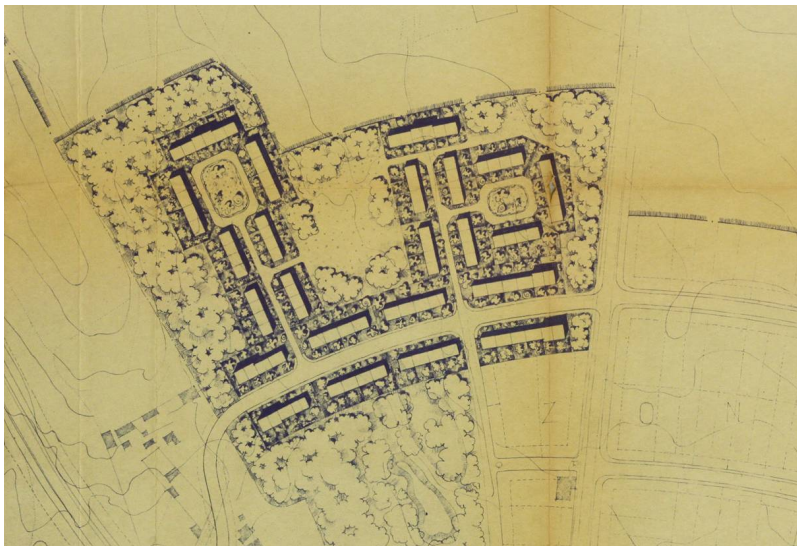


Fig. 54. Planta do Conjunto. Elaborado pela Santa Casa da Misericórdia de Cascais, com o programa Bairro de casas para pobres. Elaborado pelo Arquiteto Ruy d'Athouguia, em 1946.



Fig. 55. Planta de implantação. Projeto do bairro de Casas para Pobres. Elaborado pelo Arquiteto Ruy d'Athouguia, em 1950.

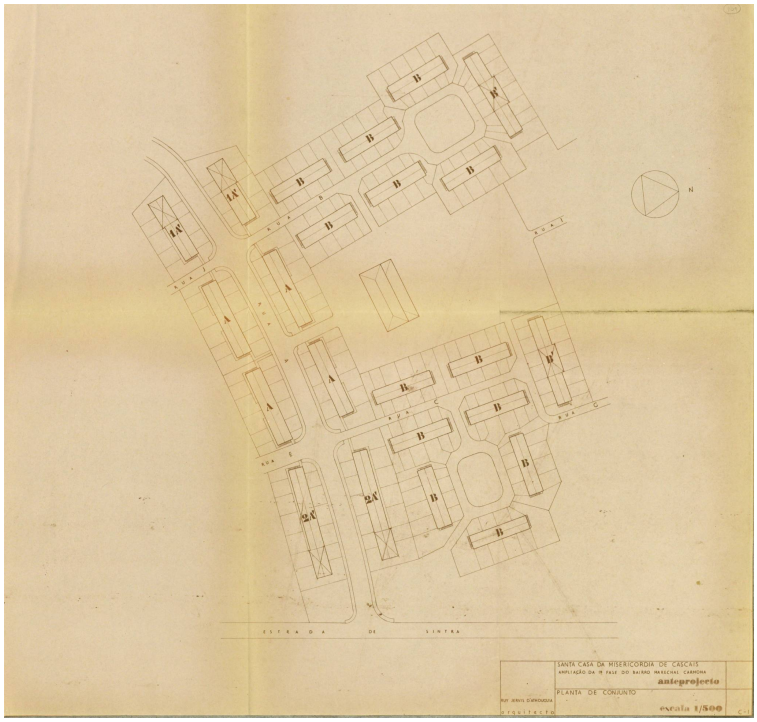


Fig. 56. Planta de Conjunto. Elaborado pela Santa Casa da Misericórdia de Cascais, com o programa de ampliação da 1ºFase do Bairro Marechal Carmona. Elaborado pelo Arquiteto Ruy d'Athouguia, em 1950.

2º PLANO DE URBANIZAÇÃO DE 1954

Na década seguinte, Cascais já contava com 42 177 habitantes, manter-se-ia a aposta na construção de novos acessos e equipamentos.

Neste contexto, a Santa Casa da Misericórdia e a Câmara Municipal de Cascais, face ao número crescente de pedidos de casas para famílias pobres, percebe a importância de ampliar o bairro Marechal Carmona. Foi assim, elaborado o projeto de construção de 88 casas, em blocos de 4, dispostas em 2 pisos, das quais 40 a construir pela Santa Casa da Misericórdia e 48 pela Câmara Municipal de Cascais.

Posteriormente e por razão de ordem administrativa, a Santa Casa da Misericórdia, somente construiu 20 casas, que corresponde a uma realização parcial do presente projeto, constituindo apena uma primeira fase da obra. Das 88 casas previstas no presente projeto (Fig.55), 48 são do tipo "A" (dois quartos), 32 do tipo "B" (três quartos) e 8 do tipo "C" (quatro quartos), números que de acordo com as percentagens oficialmente adotadas neste género de realização (Fig. 56).

As plantas foram resolvidas procurando tirar o melhor partido das áreas adotadas, representando uma nítida melhoria em relação às casas do bairro existente, o que permitiu melhorar as áreas carenciadas (Fig. 57).

"Procurámos dar às casas um aspeto tão agradável quanto possível dentro da escassez de meios de expressão plástica do que podíamos dispor, de maneira a obter alçados de grande simplicidade (...)." (CMC, 1949:529).

Assim, a ampliação fez-se em duas partes, uma a Sul do bairro existente, aproveitando terrenos, e, na área central do bairro a construção de uma escola. Já nesta altura, foi considerado a construção de um infantário, na área a Sul do bairro, sendo um terreno bem exposto, abrigado dos ventos dominantes e encontrar-se-ia no caminho normalmente percorrido pelos moradores do bairro que trabalhavam na vila (Fig. 58).

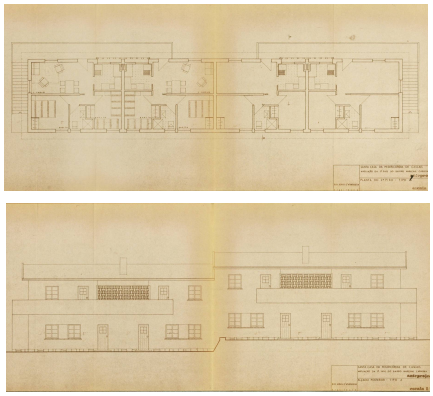


Fig. 57. Projeto do Bairro de Casas para Pobres. A primeira imagem é representada pela planta e, por último, o alçado posterior. Elaborado pelo Arquiteto Ruy d'Athouguia, em 1946.



Fig. 58. Fotografia Aérea e Ortofotomapa. Representação da densidade do edificado no plano urbano, pós inauguração do bairro Marechal Carmona, 1960.

O crescimento demográfico desmesurado nas cidades modernas provocou, na segunda metade do século XX, uma grave problemática habitacional. O desequilíbrio da expansão urbana, marcada por assentamentos informais da população, demonstrou a incapacidade do Poder Público e da estrutura da cidade em responder à carência habitacional emergente. A consciência do direito à cidade e à habitação, centrou o debate arquitetónico português na necessidade de realojar o maior número de habitantes num processo capaz de ordenar o crescimento do tecido urbano (Fig. 59).

Atualmente, o bairro Marechal Carmona, assume-se como um bairro do período do Estado Novo, de pequena dimensão em perda populacional.

É relativamente bem delimitado e adquiriu ao longo dos anos alguma identidade social, no entanto o tecido urbano detêm grandes vazios urbanos, casas abandonadas e suscetíveis de uma requalificação.

Ainda assim, contêm uma vivência urbana pouco valorizada, no entanto tem fortes ligações de proximidade com o centro da cidade, representados pela Avenida de Sintra, a Rua de Alvide e o Trilho da Ribeira das Vinhas. Carateriza-se como um bairro de pequena dimensão e exequível de ser percorrível pedonalmente, permitindo aos moradores uma facilidade e proximidade com equipamentos comerciais e serviços fomentando uma melhor qualidade de vida.

O bairro Marechal Carmona, tem uma organização ortogonal (trapezoidal), com duas pracetas, onde antigamente eram realizadas as festas populares, atualmente são duas praças desconfiguradas e utilizadas como parques de estacionamento. A rua Catarina Eufémia, divide o bairro em dois, no entanto é o ponto de agregação entre as duas partes, para além desta rua, as restantes são caraterísticamente muito curtas e de difícil acesso (Fig. 60).

PLANO URBANO ATUAL



Fig. 59. Diagramas dos sistemas de densidade, hídrico e verde de Cascais.

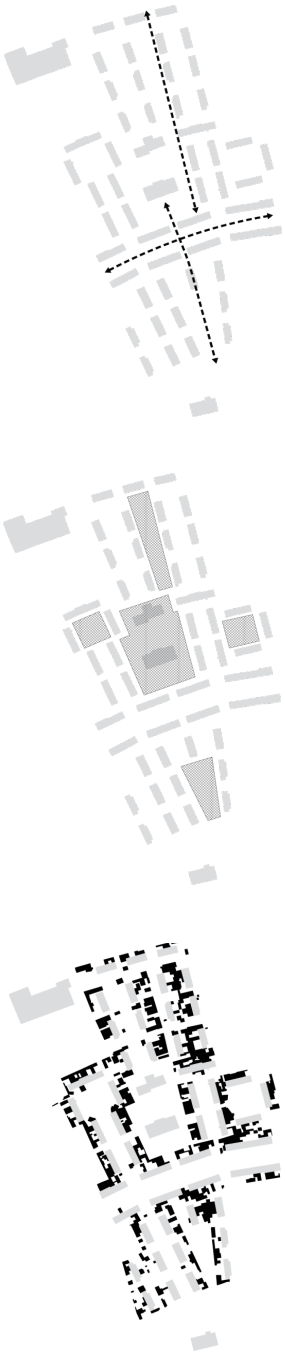


Fig. 60. Mapa esquemático da composição e do ordenamento espacial do plano urbano, integrando o sistema de construção de acessibilidades, vazios urbanos e construção ilegal, correspondendo à ordem das imagens.

Foi elaborado um recenseamento a fim de analisar e compreender a população residente no bairro Marechal Carmona, foram consideradas as famílias participantes no processo, isto é, 108 agregados familiares, a que correspondem a 238 indivíduos.

Foi possível caraterizar demograficamente a população residente, e, relativamente ao género, aferiu-se que o sexo feminino é predominante em prol do masculino, correspondendo a 59% e 41%, respetivamente. O recenseamento permitiu, também, concluir que o bairro é consideravelmente envelhecido, verificou-se que a faixa etária com maior predominância é de igual ou maior a 65 anos. Desta forma, e consequentemente, os pensionistas são o grupo com maior peso, representando cerca de metade da população.

Durante o inquérito, aferiu-se que uma parte significativa dos moradores reside no bairro desde o início da sua edificação, sendo possível explicar-se, pelo facto de muitos habitantes terem vindo residir com as suas famílias no bairro, desde muito novos (famílias intergeracionais).
Por outro lado, avaliou-se que outra grande parte da população se estabeleceu no bairro, em 2008, justificado pelo realojamento de agregados familiares realizados pela Câmara Municipal de Cascais.

Relativamente às tipologias dos fogos existentes, apurou-se que no edifício do bairro predominam as tipologias um e três, correspondendo a 51 e 53 fogos, respetivamente. Na sequência das alterações existentes na composição dos agregados familiares ao longo dos anos, tornaram os fogos desadequados às famílias residentes nos mesmos, sendo necessários 45 fogos de tipologia um, 46 fogos de tipologia dois, 16 de tipologia três e 1 de tipologia quatro.

Em suma, o bairro possui um número elevado de pessoas com idade avançada, casas degradadas e envelhecidas, vazios urbanos e pouco espírito de comunidade.

5.2| ORDEM COMPOSITIVA DO ESPAÇO PÚBLICO

As composições dos eixos organizadores da proposta urbana foram definidas pelas linhas de força e pelos elementos de referência. Estes tanto são representados pelos principais enfiamentos oferecidos pela malha urbana do bairro Marechal Carmona, como pelos principais momentos que proporcionavam a leitura do lugar, à qual o bairro se expõe. Desta forma a tentativa de ligar o espaço de intervenção, tanto com Cascais, como com o bairro, originou uma hierarquização dos principais eixos compositivos, com o intuito de cumprir com o princípio da acessibilidade (Fig. 61).

Desta forma, tanto os elementos morfológicos do lugar, como o sistema de eixos principais foram responsáveis pelas direções resultantes, que por sua vez procuravam resolver o sistema das intenções.



Fig. 61. Mapa esquemático da composição e do ordenamento espacial da proposta, integrando as principais diretrizes e eixos do projeto urbano.

Estabelecidas as intenções e direções, com que se pretendia desenhar o espaço, foi elaborado um sistema de acessibilidades (fig.62) com o propósito de garantir soluções para a permeabilidade do bairro em relação às pessoas. Assim, foram planeados três sistemas de circulação, dos quais apenas um permite a utilização por automóvel. O esquema de mobilidade interno, foi desenhado de forma a privilegiar o pedestre, integrando passeios largos e generosos acompanhados por espaços verdes e os passadiços que permitem as ligações dentro do espaço urbano (Fig. 62).

Desta forma, apesar do carro aceder parcialmente ao bairro, pretende-se que o mesmo seja convocado a ficar nas suas extremidades, nas respetivas áreas destinadas ao estacionamento, com o objetivo de não deixar invadir a envolvente e a experiência de abrandamento que os restantes percursos possam vir a transmitir.

Fig. 62. Mapa esquemático da composição e do ordenamento espacial da proposta. Integrando o sistema de acessibilidades e de mobilidade urbana.



Da mesma forma que se pretendeu manter as lógicas das pré-existências do bairro, é também pretendido manter as lógicas morfológicas dos terrenos do complexo habitacional (fig.63).

Este novo complexo habitacional implanta-se no centro do bairro, sobre o solo mais permeável, local onde se estabeleciam as antigas habitações e a escola primária.

Tentou-se assim minimizar os momentos em que áreas permeáveis se tornassem em áreas impermeáveis e maximizar e reforçar os solos permeáveis, com o auxílio tanto da arborização como da vegetação natural (Fig. 63).

Fig. 63. Mapa esquemático da composição e do ordenamento espacial da proposta. Lógicas morfológicas dos terrenos e do complexo.



A arborização, foi estruturada de forma a auxiliar o sistema da mobilidade e acessibilidades, criando jogos de luz e sombra, permitindo desenvolver ambientes agradáveis e mais seguros. A composição adotada cria soluções urbanas que podem proporcionar percursos expostos à luz, percursos de orla e percursos em sombra (Fig. 64).

Assim pretende-se fortalecer o sistema vegetal arbóreo e arbustivo, com o objetivo de melhorar a habitabilidade do lugar, consolidando o respetivo suporte físico e criar condições que melhorem as qualidades sustentáveis.

Fig. 64. Mapa esquemático da composição e do ordenamento espacial da proposta. Lógicas da composição e distribuição do maciço vegetal.



5.3| REQUALIFICAÇÃO URBANA COMO ESTRATÉGIA DE INTERVENÇÃO

A requalificação urbana é *"uma intervenção que visa uma atualização e conversão a novos padrões – um tipo de reforma – não há desejo nem necessidade de se manter o partido do projeto. (...) Requalificação é uma intervenção que pretende mudas as condições de uso, de maneira a "modernizar" a construção ou o espaço."* (FLEMMING e QUALHARINI, 2007:03).

A ideia de intervir no bairro Marechal Carmona surge como oportunidade de requalificar não só o edificado, mas também o espaço que o envolve, desenvolvendo uma transformação e melhoria dos espaços urbanos e privados, através de várias ações e/ou normas pré-estabelecidas que tenham em consideração tanto a infraestruturação como a valorização da imagem do território (Fig. 65).

Fig. 65. Ortofotomapa. Mapa que evidência os limites da intervenção da unidade operativa, incluindo o bairro Marechal Carmona e a sua envolvente.



Sendo a requalificação urbana um conjunto de ações desenvolvidas de forma integrada com as caraterísticas do território, esta irá direcionar soluções no âmbito económico, social, ambiental e físico, tornando-se fundamental a aplicação das componentes da requalificação no presente trabalho, pois como foi mencionado anteriormente, o bairro Marechal Carmona apresenta caraterísticas urbanas em processo de transição, incorporando problemáticas da cidade do Estado Novo, com a presença de espaços pouco qualificados e que impossibilitam a experiência do lugar. Permitindo que as novas soluções a apontar resolvam os problemas de forma a transformar o lugar num espaço mais vivido, agradável e favorecido de experiências.

Pretende-se através de uma solução projetual um desenho qualificado dos vazios urbanos, revertendo estes espaços desqualificados, destituindo-o da sua carga insuficiente, que é protegido por uns e rejeitado por outros, devido à conotação negativa associada ao termo bairro social.

Pretende-se assim que a requalificação determine que *"Projetar um bairro ou um edifício [seja] intervir diretamente num habitat, com consequências diretas na vida e nos destinos dos que o habitam, cujos resultados só são visíveis a médio e longo prazo."* (NICOLAU, 2012:42).

Em suma, é necessário estabelecer novas relações com a envolvente urbana, transformado o bairro Marechal Carmona, numa nova centralidade. Foi desenvolvida uma estratégia urbana para requalificar o bairro, que possibilitou criar novas relações com a envolvente através do desenho de novos volumes arquitetónicos, a investigação prática desenvolveu a área do quarteirão e os diferentes edifícios habitacionais, localizado no centro da área de intervenção. Estas diferentes soluções, respeitam a comunidade que habita atualmente o bairro, melhorando as acessibilidades e promovendo os espaços com a presença de jardins urbanos.



5.3.1| (RE)QUALIFICAR O BAIRRO

A Câmara Municipal de Cascais e algumas das suas intervenções e projetos pretendem-se inovadores, com um olhar crítico sobre as experiências mais funcionais concebidas e tem procurado implementar soluções eficientes em termos ecológicos e energéticos como mencionou o orador João Carvalhosa[4], assim, a requalificação do bairro Marechal Carmona deve ser projetado segundo os melhores exemplos construídos em Portugal e na Europa, referências que podem promover o desenho como se menciona no capítulo sobre “habitar como referência”.

O segundo princípio orientador da requalificação é a criação de um ambiente vital e diversificado socialmente, abrangendo diferentes faixas etárias, sem distinção entre o seu estado civil, nível de rendimento ou *status* na sociedade, permitido criar uma comunidade ativa e participativa. Assim, é imprescindível o desenho de um lugar onde os habitantes e visitantes cuidam e ajudam-se uns aos outros, sentindo responsabilidade sobre o espaço que habitam, como é caso de referência - o complexo habitacional de *Skärvet* - que permite criar uma harmonia entre a comunidade, possibilitando um contexto socialmente sustentável e de partilha destinado a várias gerações.





Para o estudo demográfico e das componentes urbanas do bairro Marechal Carmona, foi elaborado um recenseamento, que permitiu perceber que o bairro sendo compacto permite estar a cinco minutos de distância, a pé, do trabalho, de equipamentos educacionais, espaços de lazer e entretenimento, correspondendo a um raio de distância até 400 metros. Ainda assim, não está preparado para o crescimento de transportes rodoviários privados, isto significa que o desenho prioritário para a mobilidade dentro do bairro são os passeios pedestres e ciclovias, evitando o aumento excessivo de transportes de caráter particular.

[4] Orador João Carvalhosa, que dizia no congresso da habitação de Cascais a 13 de Março de 2019, no auditório da Casa de Histórias da Paula Rego, “Perceber o que se faz lá fora (estrangeiro) e modelos cá dentro (Portugal) e aplicá-los”.

Através do estudo sobre os “espaços urbanos habitáveis”, foi desenvolvido um sistema de áreas que possam responder e obedecer às necessidades das pessoas, promovendo o desenvolvimento da comunidade dentro do bairro. Desta forma, foram consideradas duas praças, que permitem servir de espaço habitável para os moradores desse quarteirão e para os visitantes. As praças encontram-se nas extremidades do bairro que permitem o acesso vertical aos parques de estacionamento subterrâneo e são caraterísticamente solos permeáveis possuindo superfícies verdes, equipados de mobiliário urbano e iluminação.

Os sistemas de acessos e passeios internos (fig. 66), foram pensados de forma a privilegiar os habitantes, integrando ruas largas e generosas, com apontamentos de árvores para que possa haver uma barreira entre a rua de acesso automóvel e o passeio para pedestres.



Fig. 66. Mapa esquemático da composição e do ordenamento espacial da proposta, integrando as principais diretrizes e eixos do projeto urbano.

Ainda assim, a proposta prevê o desenho de pátios privados nas habitações, permitindo dar continuidade aos pátios que se foram formando ao longo dos anos nas respetivas casas, criando uma barreira física entre o privado e o público, mesmo que o desenho dos espaços urbanos possa permitir a ligação entre ambos.

A proposta tem como objeto central um parque urbano, com ligações pedestres no seu eixo principal (fig.66), estas ligações entre as ruas e caminhos pedestres resulta de inúmeros parques e espaços. Foram, pontualmente, desenhados jardins urbanos que se encontram distribuídos por todo o bairro, promovendo a criação de produtos locais e a venda dos mesmos no espaço urbano central. Estes jardins, não só têm a função de hortas urbanas, como também oferecem o encontro local, partilha de produtos, conhecimento e espaços adequados para adultos e crianças.

Através de cálculos das perspetivas de habitações futuras, foi possível perceber a escassez de estacionamento na superfície, para esta problemática foram criados espaços de estacionamento verdes ou permeabilizáveis que permitem uma harmonia com o próprio bairro. Estes parques foram projetados de acordo com as normas exigidas, respeitando as medidas e espaços de segurança necessários.

Por conseguinte, todos os espaços urbanos são equipados com mobiliário e iluminação para garantir uma maior segurança e conforto para a comunidade, desta forma, permite atrair a população ao longo de todo o dia. Estes percursos urbanos são revestidos em betão cromado em cores claras, assim como apontamentos em deck de madeira tratada e áreas com detalhes em pedra de cor branca, rodeados por vegetação local.

Sendo que, o objetivo principal de projeto, é tornar o bairro mais verde e habitável pela comunidade, foi imprescindível, incluir um espaço comunitário no centro do bairro, que pretende ser o ponto central de socialização dos moradores e visitantes. Um lugar que possibilite aos avós cuidarem dos netos, onde os moradores possam ler um romance a partir da biblioteca comunitária e, um espaço onde proporcione concertos, eventos sociais ou pequena comemorações (Fig. 67), como se menciona no caso de referência, Promenada, com o objetivo de aumentar o conteúdo programático e expandir o espaço verde, estabelecendo um local de encontro que também servisse como local de eventos ao ar livre.

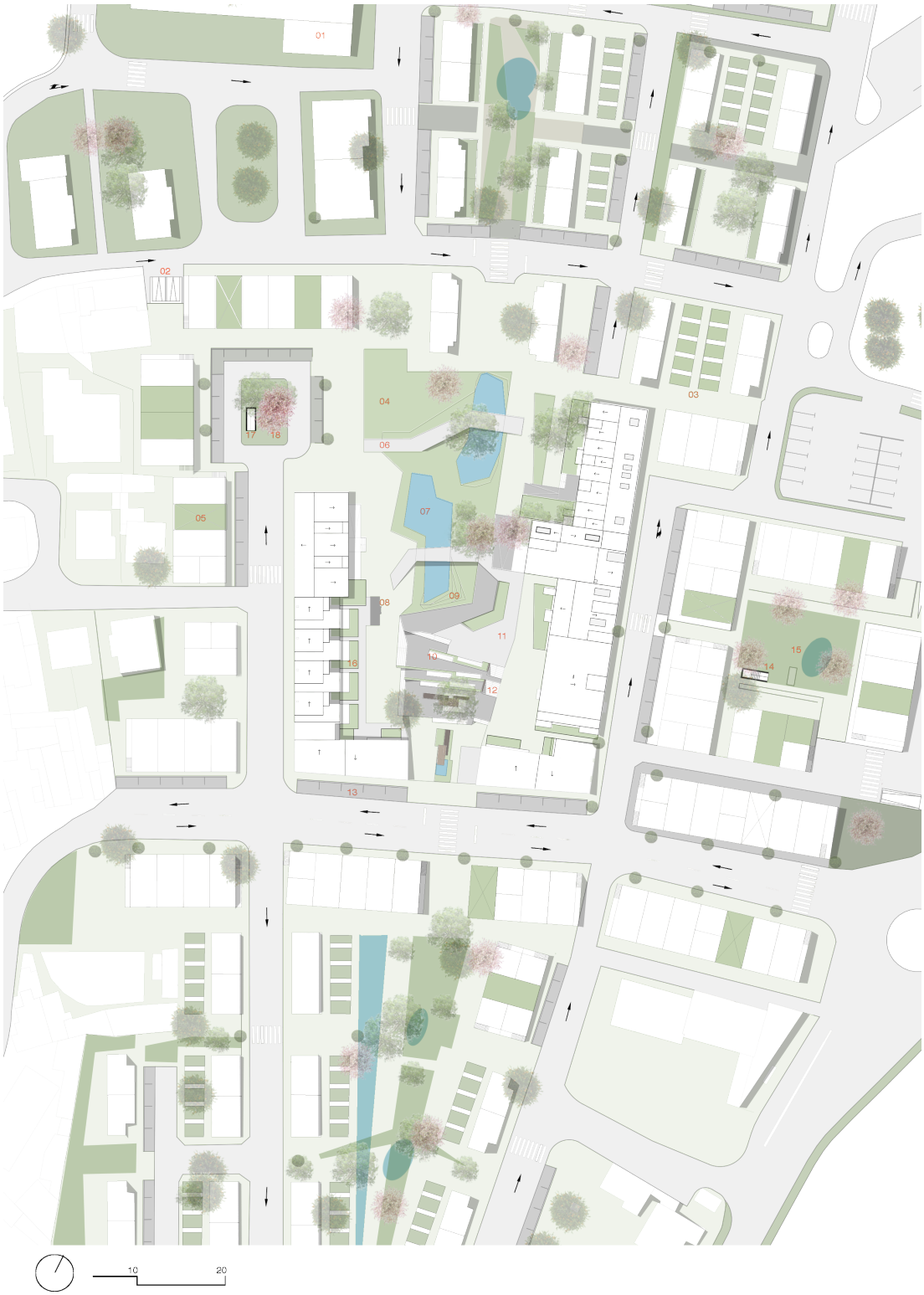
Em suma, ao longo dos anos, acredita-se que as soluções propostas no projeto tornariam o bairro Marechal Carmona numa área de qualidade com infraestruturas diversificadas, voltadas para a habitação e turismo – pequenos cafés, hotéis, oficinas de artistas, além de se destinar ao comércio e serviços ativos. Considera-se que o ambiente e a escala conciliadora para pedestres e ciclistas, criará um lugar onde todos habitem e desejam voltar para desfrutar da vitalidade, diversidade social e funcional da área e das qualidades estéticas da arquitetura moderna.

(na página seguinte)

Fig. 67. Planta esquemática, com a separação do espaço público, e privado. Relação entre o bairro Marechal Carmona e a envolvente.

ESQUEMA PROGRAMÁTICO

01. Proposta para a novo agrupamento de escolas;
02. Acesso ao parque de estacionamento subterrâneo;
03. Jardins de hortas urbanas;
04. Espaços verdes;
05. Coberturas verdes;
06. Passadiços;
07. Lagos urbanos;
08. Acesso vertical ao parque de estacionamento;
09. Anfiteatro natural;
10. Rampas exteriores;
11. Passeios de betão branco;
12. Escadas exteriores;
13. Estacionamento à superfície;
14. Acesso vertical ao parque de estacionamento;
15. Praça;
16. Pátios privados;
17. Acesso vertical ao parque de estacionamento;
18. Praça.


01
02
03
04
05
06
07
08
09
10
11
12
13
14
15
16
17
18
10
20

5.4| (RE)HABITAR A CASA

Situado no lote compreendido entre a Rua Catarina Eufémia (a Sul), a Rua Eng. José Ulrich (a Este) e a Rua João António Gaspar (a Oeste), a proposta de habitação assume-se como local de mediação entre as diferentes malhas urbanas que a limitam, como se menciona anteriormente.

A necessidade de criação de mais espaços urbanos de usufruto público no bairro Marechal Carmona, levou à criação de um quarteirão amplo que permitisse a transição entre os espaços sem barreias físicas, como o exemplo do complexo habitacional *"Skarvet"*, que se resolve através de uma implantação alinhada nos limites do quarteirão deixando a área central para o jardim urbano. Este elemento surge como resposta à necessidade de criação de um conjunto habitacional que, a partir do seu espaço coletivo procura premiar a relação entre o público e o privado na procura de um contexto focalizado na comunidade, tendo como referência o complexo habitacional *Traumhaus Funari*, que aplica no seu projeto a mesma lógica.

O projeto de habitação assenta neste lote desnivelado a Norte, uma vez que a Rua Catarina Eufémia (a Sul), ascende da cota 0,00m até se encontrarem na cota 3,40m, tratando-se então de uma problemática de caráter topográfico, que influenciou as opções de disposição da forma construída.

A forma geométrica do projeto permite criar três zonas de grande influência: a fachada Sul, que atende o tráfego pedonal da Rua Catarina Eufémia, relaciona o parque urbano central com o parque urbano localizado no quarteirão adjacente e recebe os utilizadores da rede de transportes públicos e privados, a fachada Nascente, procura relacionar ambos os quarteirões ligando-os neste espaço; fachada Poente, de modo a contrapor a fachada Sul num gesto que se adapta à necessidade de acesso às garagens do complexo.

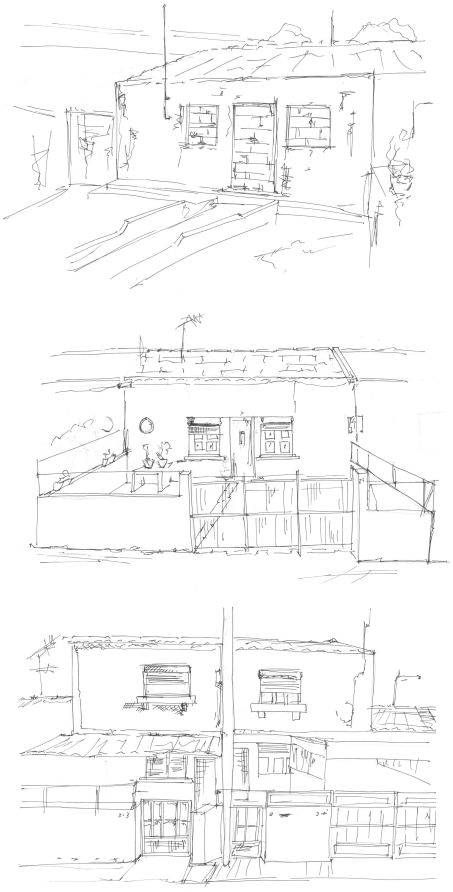


Fig. 68. Desenhos das diversas habitações do bairro Marechal Carmona. Habitações devolutas, fogos de um só piso, e por fim, habitações com dois pisos.

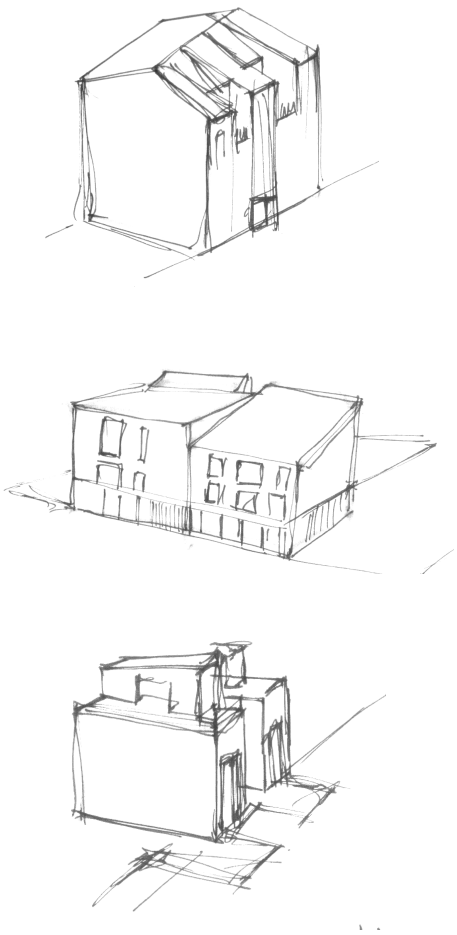


Fig. 69. Desenhos das propostas habitacionais do bairro Marechal Carmona. Habitações que proporcionem diversificadas tipologias.

Determinou-se a necessidade de estacionamento no bairro, e a resposta para esta carência foi solucionada com a projeção de dois parques de estacionamento subterrâneo, localizados estrategicamente na extremidade do bairro. O estacionamento à superfície foi projetado junto às habitações para que cada morador possa usufruir de parqueamento.

O piso térreo é composto por zonas comerciais e de serviços na fachada Sul e Nascente, devido ao registo de tráfego pedonal mais intenso na Rua Catarina Eufémia e a Rua Eng. José Ulrich, a fachada Poente, derivado ao desnível do terreno, é aproveitada para zonas de acesso à garagem e à criação de alguns arrumos para os moradores.

O espaço coletivo, no interior do quarteirão, estabelece uma relação de igual área entre as zonas permeáveis dos espaços verdes e as zonas impermeáveis dos espaços de circulação e permanência no local. O objetivo principal deste espaço central de uso público passa por criar uma ponte entre os espaços exteriores ao projeto, procurando a perpetuação do nível térreo, dando assim mais possibilidades de circulação e permanência aos moradores e visitantes.

A escola existente encontra-se em estado degradado, assim esta proposta urbana inclui-se no conjunto de demolições a realizar. Esta demolição é necessária pois procura libertar o interior do lote, para a criação de uma praça que sirva as habitações propostas e que se relacione com o espaço coletivo do lote adjacente.

Atualmente a maioria das habitações estão degradadas, algumas devolutas, que naturalmente levaram à conclusão sociológica de que o bairro Marechal Carmona não consiste numa área residencial atraente. Como mencionado anteriormente, o complexo habitacional *Hufeisensiedlung*, detinha a mesma necessidade, realojar o maior número de habitantes, que gerou um projeto que procurava resolver esta problemática, envolvendo os espaços públicos com os espaços privados.

Tornando este complexo habitacional como exemplo, a requalificação do bairro Marechal Carmona é um projeto ambicioso que pretende ser o catalisador para o renascimento dos bairros sociais, mas também, proporcionar uma gama completa de oportunidade de lazer, de serviços e uma diversidade de tipologias residenciais de uma cidade tradicional.

De acordo com os dados em estudo, o bairro precisa de atrair a faixa etária de idades compreendidas entre 18 e 34 anos e desta forma, foram criadas tipologias diversificadas para atrair, estudantes, famílias numerosas e jovens casais, utilizando como referência o complexo habitacional *Traumhaus Funari,* que tende a projetar habitações para cada estilo de vida e necessidade.

Assim, o projeto propõe: o desenho de residências para estudantes localizada a Noroeste do quarteirão; foi projetado um apartamento/moradia localizado a Oeste do quarteirão, de forma a reduzir a tendência de famílias com dois ou mais filhos se mudarem para casas particulares nos subúrbios, promovendo a mesma qualidade de vida; os edifícios com os apartamentos mais espaçosos situam-se a Sul do quarteirão, atraindo famílias numerosas, e por fim, a Este do quarteirão projetam-se apartamentos diversificados para jovens casais ou solteiros, com um *design* específico para os atuais e novos moradores, com referência no projeto *Block Village*.

A partir do estudo sobre as formas de "(re)habitar a casa", foi possível compreender, não só, as vastas alterações e instabilidade do modelo socioeconómico, que tornam os edifícios obsoletos e sem capacidade de adaptação às novas realidades, como, a constante mudança e diversidade dos modos de vida, consequentemente, as diferentes necessidades e preferências face ao espaço habitacional, procurando questionar os processos convencionais do pensar a habitação que justificam a procura de novas formas de habitar.

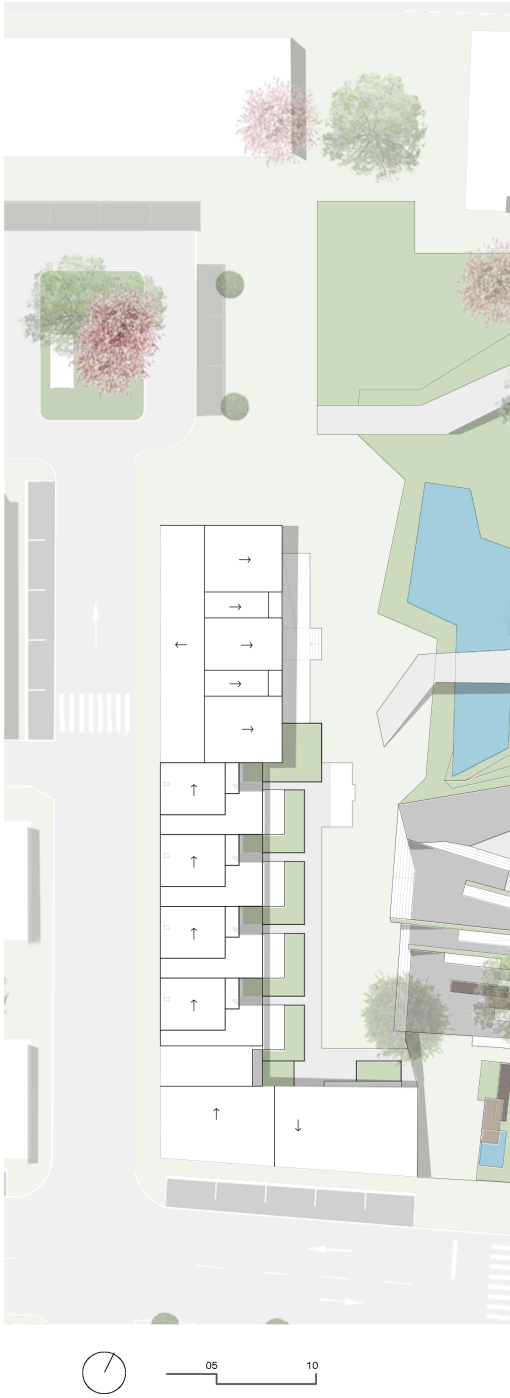




Fig. 70. Planta de implantação da proposta, relação entre o edificado, a envolvente e o parque urbano.

Por conseguinte, o estudo da problemática sobre o habitar "... (n)o futuro", conclui que os métodos de construção tradicionais não podem ser recuperados, quando estes se encontram numa fase avançada de degradação, sendo que a sua recuperação direta é uma falsificação da história, são sustentadas propostas que proporcionem melhores condições de vida no presente e no futuro, mesmo que isso implique a demolição total ou parcial do edificado existente.

Assim, os volumes propostos respeitam as caraterísticas do bairro Marechal Carmona, no entanto criam dinâmicas variadas dos telhados, como a interpretação do caso de referência, "laboratório da paisagem" e diversificados acabamentos nas fachadas. Ao agrupar os diferentes volumes, alturas e materiais, é formado um complexo que se encaixa organicamente com o ambiente histórico, criando um diálogo com a envolvente.

Esta forma de habitar surge como consequência das políticas habitacionais que se praticaram ao longo do tempo, esta necessidade levou à pesquisa de novos modos de habitar, de forma a responder eficazmente a diferentes faixas etárias e diferentes necessidades dos próprios habitantes.

A solução proposta passou primeiramente pelo aumento da densidade em altura, através da adição entre um a dois pisos aos edifícios existentes, por razões de proporção em relação à escala do edificado da Rua Catarina Eufémia e ao novo espaço urbano central, criando assim oportunidade para a reformulação dos usos e programa dos novos pisos.

Em suma, o programa desenvolvido no projeto, teve como base de estudo e análise as referências complementares, mencionadas no subcapítulo acerca do "habitar como referência" e entrevistas, tendo estes sido fundamentais para a compreensão das lógicas espaciais e programáticas deste tipo de habitação.

5.4.1| OS USOS E O PROGRAMA

O programa desenvolvido no projeto, teve como base de estudo e análise as referências anteriormente mencionadas, tendo sido fundamentais para a compreensão das lógicas espaciais e programáticas deste tipo de habitação. Assim, o desenho não teria sido exequível sem a análise detalhada das expectativas comunitárias, culturais, económicas, urbanas e arquitetónicas da região. Esta preocupação reflete-se na disposição espacial das novas edificações permitindo aos moradores usufruírem das suas casas e do meio ambiente. A proposta confere, ao bairro, uma nova identidade ao mesmo tempo que proporciona diversidade ao longo da escala do projeto.

Através da componente teórica do Trabalho Final de Mestrado, foi possível perceber que o local de intervenção não precisa de um bloco habitacional convencional, mas de um complexo urbano misto com unidades habitacionais ao longo de todo o quarteirão, repletos de jardins e pátios. As 47 tipologias de habitação, pretendem atender a uma variedade de composições familiares, algo que pudesse contribuir diretamente com a diversidade económica e social das famílias residentes. O projeto propõe 4 691 m² de habitações, 1 137 m² de serviços e 1 335 m² de estacionamento subterrâneo. As heterogeneidades dos blocos fornecem à paisagem urbana uma linha horizontal multifacetada que evita a monotonia e a obstrução nas ruas. Os diferentes volumes estão posicionados para proporcionar múltiplas vistas possibilitando a integração visual entre a casa e a envolvente.

A configuração dos volumes criar uma provisão de luz solar às habitações e ao espaço urbano central. O conforto no verão e inverno é um fator determinante na configuração do edifício para otimizar o desempenho térmico da estrutura e da sua sustentabilidade.

PISO 0

(na página seguinte)

Fig. 71. Planta esquemática, com a indicação dos usos propostos no piso térreo.

ESQUEMA PROGRAMÁTICO

TIPOLOGIA 1
COMUNICAÇÃO VERTICAL
TIPOLOGIA 3
TIPOLOGIA 2
COMÉRCIO


05
10

É a partir do piso 0 que surgem os pisos correspondentes à habitação (Fig. 72), foi projetado desta forma para que permitisse estar resguardado da poluição sonora correspondente às ruas de acesso por automóvel, assim como resguardar do campo de visão das pessoas que deambulam pelo espaço exterior, proporcionando mais privacidade.

Mesmo estando um nível acima da rua, encontra-se na mesma cota que o espaço urbano central, permitindo unir o espaço público com as habitações. Esta lógica foi desenvolvida para que o complexo não se fechasse sobre ele mesmo, mas ao mesmo tempo não ficasse completamente devassado. O espaço central, a praça, foi projetado com um leve desnível que absorve a inclinação natural do lugar e gentilmente liga todos os níveis de acesso e entradas principais.

Desta forma, todas as habitações têm acesso pelo jardim urbano central, beneficiando o contacto com a comunidade residente, no entanto algumas habitações, para além do acesso pelo jardim urbano central, também garantem o acesso pelo estacionamento privado e/ou público. Assim, a comunicação às habitações é permitida por meio de um pavimento exterior que serve os edifícios, este pavimento é dissemelhante do piso que orienta até aos espaços comuns, permitindo criar um distanciamento dos percursos para os visitantes com o acesso para os moradores.

Para diluir os limites entre o público e o privado, cada unidade apresenta um terraço individual fechado apenas nas laterais, incentivando os moradores a levarem as suas salas de estar para o exterior. Os terraços podem também ser utilizados como jardins ou espaços de encontro ao ar livre. Não há vedações ou muros no conjunto, transmitindo aos moradores uma sensação de abertura e inclusão.

(na página seguinte)

Fig. 72. Planta do piso 0, com a indicação do programa.

PISO 0 | PROGRAMA

01. *Suite;*
02. Cozinha;
03. *Closet;*
04. Instalação sanitária;
05. Instalação sanitária social;
06. Comunicação vertical;
07. Caixas de correio;
08. Pátio privado;
09. Jardim Privado;
10. Sala de jantar;
11. Sala de estar;
12. Lavandaria;
13. Quarto;
14. Terraço;
15. Arrumos;
16. Comércio;
17. Área comum;
18. Lagoa;
19. Passadiço.


05
10

Ao longo da rua João António Gaspar é projetado um edifício ocupado por uma residência de estudantes, de tipologia 0, que possibilita a estadia mais curta com habitações especificas para uma ou duas pessoas; vinculado a este edifício residencial, situam-se os apartamento/moradias, de tipologia três, permitindo albergar famílias númerosas, estas habitações distanciam-se do espaço público através dos pátios e jardins privados; os apartamentos de tipologia dois, situam-se a Sul, permitindo hospedar famílias, como exemplo, de um casal e um filho (Fig. 73).

O edifício que percorre a Rua Eng. José Ulrich, a Este, tem um caráter misto, com tipologias entre um a três, oferecendo a integração de diversas famílias no complexo. Este edifício oferece uma área de comércio que reforça a relação entre moradores e visitantes. Este espaço pode promover a economia local com a venda de produtos das hortas urbanas.

O 1º piso dá continuidade às habitações que se apresentam no piso 0 (Fig. 74), a residência para estudantes apresenta mais quatros fogos como no piso inferior; os apartamento/moradia apresentam um novo piso, destinado ao espaço privado e de descanso, e por conseguinte, o apartamento geminado às moradias, de tipologia dois, apresenta um piso com dois fogos, dando seguimento ao que apresentava no piso 0.

O edifício a Este, apresenta no 1º piso apenas habitações, entre elas, cinco fogos são de tipologia um, três fogos de tipologia dois e, por fim, dois fogos de tipologia três. Algumas unidades dão seguimento ao piso 0, outras distinguem-se e adaptam-se às potencialidades do edifício.

1º PISO

(na página seguinte)

Fig. 73. Planta esquemática, com a indicação dos usos propostos no piso 1.

ESQUEMA PROGRAMÁTICO

TIPOLOGIA 1
COMUNICAÇÃO VERTICAL
TIPOLOGIA 3
TIPOLOGIA 2
COMÉRCIO


05
10

(na página seguinte)

Fig. 74. Planta do piso 1, com a indicação do programa.

PISO 1 | PROGRAMA

01. *Suite;*
02. Cozinha;
03. *Closet;*
04. Instalação sanitária;
05. Instalação sanitária social;
06. Comunicação vertical;
07. Caixas de correio;
08. Pátio privado;
09. Jardim privado;
10. Sala de jantar;
11. Sala de estar;
12. Lavandaria;
13. Quarto;
14. Terraço;
15. Arrumos;
16. Comércio.


05
10

O 2º piso dá continuidade às habitações que se apresentam nos pisos inferiores (Fig. 75), a residência para estudantes mantém a sua distribuição, encontra-se, novamente, dividida permitindo uma área de paragem e comunicação, privilegiando a interação entre os habitantes conforme foi falado no capítulo do (Re)habitar. Os apartamentos/moradia, apresentam, no segundo piso, o seu último andar, correspondente ao quarto principal, com uma zona de estar exterior.

Relativamente ao edifício que se distribui ao logo da Rua Eng. José Ulrich, o 2º piso, apresenta agora mais quatro fogos de tipologia um, um fogo de tipologia três, e duas frações que pertencem ao fogo do piso inferior, duplex, onde apresentam uma área privada destinada à distribuição de mais quartos.

Assim, a integração urbana do edifício habitacional, resulta na criação de percursos que permitem ao individuo atravessá-lo no seu comprimento, relacionando-o com os vários percursos também criados na praça e ao longo do piso térreo. No seu todo, o conjunto habitacional resulta da agregação dos vários módulos desenvolvidos no decorrer desta investigação, resultando num desenho sóbrio e simples (Fig. 76).

2º PISO

(na página seguinte)

Fig. 75. Planta esquemática, com a indicação dos usos propostos no piso 2.

ESQUEMA PROGRAMÁTICO

TIPOLOGIA 1
COMUNICAÇÃO VERTICAL
TIPOLOGIA 3
TIPOLOGIA 2
COMÉRCIO


05
10

- 1º PISO

(na página seguinte)

Fig. 76. Planta do piso 2, com a indicação do programa.

PISO 2 | PROGRAMA

01. *Suite;*
02. Cozinha;
03. *Closet;*
04. Instalação sanitária;
05. Instalação sanitária social;
06. Comunicação vertical;
07. Caixas de correio;
08. Pátio Privado;
09. Jardim Privado;
10. Sala de jantar;
11. Sala de estar;
12. Lavandaria;
13. Quarto;
14. Terraço;
15. Arrumos;
16. Comércio;
17. Área comum.


05
10

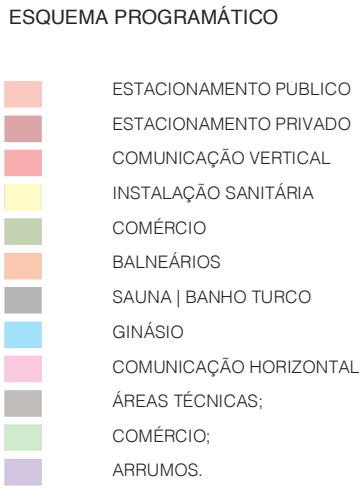
O piso -1, do complexo habitacional (Fig. 77), atinge a sua altura total na fachada da rua Catarina Eufémia, contendo espaços comerciais, cafés, espaços de serviço, pequenos escritórios e espaços de cooperação.

A rua João António Gaspar pretende ser uma rua de acesso a habitações e por esta razão o piso -1 pretende servir para estacionamento público e privado. Por fim, a rua Eng. José Ulrich serve áreas recessivas como armazenamento de bicicletas e bagagens, ginásio, sauna, lavandaria comum, aquecimento e outras instalações técnicas, esta fachada, permite também o acesso ao espaço habitacional superior e um acesso ao parque subterrâneo do mesmo edifício.

Assim, o piso -1 permite organizar os espaços comerciais, equipamentos e serviços, assim como a possibilidade de garantir estacionamento para todos os residentes e futuros visitantes.

(na página seguinte)

Fig. 77. Planta esquemática, com a indicação dos usos propostas no piso -1.




CAR SHARING
CAR SHARING
CAR SHARING
CAR SHARING
05
10

(na página seguinte)

Fig. 78. Planta do piso -1, com a indicação do programa.

PISO -1 | PROGRAMA

01. Acesso ao estacionamento;
02. Saída do estacionamento;
03. Estacionamento público;
04. Comunicação vertical;
05. Elevadores;
06. Estacionamento privado;
07. Espaço comercial;
08. Espaço comercial;
09. Área técnica;
10. Arrumos;
11. Comunicação vertical;
12. Área técnica;
13. Arrumos;
14. Espaço comercial;
15. Arrumos;
16. Acesso horizontal;
17. Acesso vertical;
18. Ginásio;
19. Acesso horizontal;
20. Sauna;
21. Balneários;
22. Área comercial;
23. Área comercial;
24. Área comercial.


01
02
03
04
05
01
03
04
06
07
08
09
10
11
12
13
03
14
15
16
17
18
19
20
21
22
23
24
02
04
03
01
10
20

5.4.2| A CASA

A proposta de habitação baseia-se nos valores de partilha e comunidade descritos anteriormente. Desta forma, como ponto de partida para o seu desenho define-se o espaço de partilha e de estar como o espaço com maior área de utilização e como motor central dos fluxos interiores da habitação.

O desenho do espaço interior surge da desconstrução existente tradicional, através de uma linha que divide o espaço exterior do espaço interior. A habitação desenrola-se maioritariamente em torno do espaço de confeção, que adquire a qualidade de espaço de distribuição entre pisos e entre o interior e exterior.

Os pátios privados, para além de promoverem o contacto direto com os jardins exteriores, promovem a vida em comunidade e a relação entre os diversos moradores.

Foram pensadas várias estratégias e tipologias programáticas de habitação, com uma identidade que pudesse responder aos vários conceitos e necessidades dos seus habitantes. Assim, a nível programático foram elaboradas várias formas de utilização do espaço interior, que incluem todas as caraterísticas conceptuais descritas anteriormente e que apenas diferem na lógica de organização dos espaços.

TIPOLOGIA 1

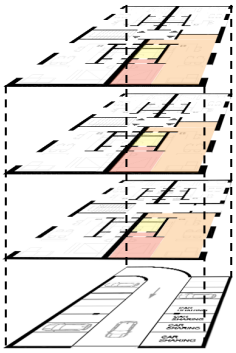


Fig. 79. Axonometria das tipologias da Residência para estudantes.

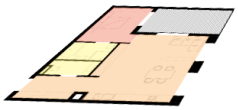


Fig. 80. Axonometria da tipologia um com pátio interior.

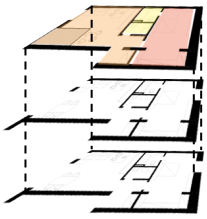


Fig. 81. Axonometria da tipologia um, que distancia as zonas privadas das zonas comuns.

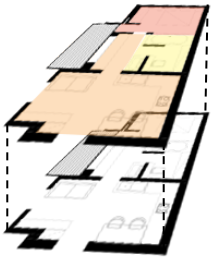


Fig. 82. Axonometria de tipologia um, de composição espacial mais uniforme.

Situado a Noroeste do quarteirão, a residência para estudantes, unidade habitacional de tipologia um, dispõe uma organização espacial da casa com apenas um espaço de dormir com *closet* e instalação sanitária, articulados com a área da sala de estar, sala de jantar, zona de confeção e instalação sanitária social (Fig. 79). Esta configuração repete-se ao longo do edifício, proporcionando doze tipologias, onde cada unidade pode albergar entre uma a duas pessoas, sendo de caráter mais temporário.

A configuração da unidade habitacional anterior repete-se três vezes no edifício a Nordeste, apresentando a mesma configuração, no entanto é privilegiado por um pátio interior privado (Fig. 80).

Por conseguinte, situado a Nordeste, o edifício apresenta oito unidades habitacionais, onde as áreas comuns que correspondem à instalação sanitária social, a sala de jantar, sala de estar e zona de confeção encontram-se distanciadas das áreas mais privadas, correspondentes ao quarto, com *closet* e instalação sanitária (Fig. 81).

Por fim, apresento uma unidade que se repete por duas vezes, esta tipologia de um quarto, pretende albergar uma a duas pessoas. A composição espacial do desenho da casa, apresenta-nos quatro espaços, um espaço mais privado, o quarto, um espaço de instalação sanitária, uma área de arrumos e por fim, na área comum, a sala de jantar, estar e zona de confeção (Fig. 82).

Assim, o complexo habitacional disponibiliza, 25 unidades de habitação de tipologia um, distribuído por todo o edificado.

TIPOLOGIA 2

Situado a Sudoeste e Sudeste do quarteirão, podemos observar as componentes habitacionais de tipologia dois. Estas unidades de habitação apresentam uma *suite* com *closet* e instalação sanitária, um quarto, uma lavandaria e no espaço comum dispõem uma zona de arrumos, sala de jantar, sala de estar, zona de confeção e instalação sanitária social (Fig. 83). Esta configuração repete-se ao longo dos diferentes edifícios, proporcionando oito tipologias, assim, cada unidade pode albergar entre duas a três pessoas, suportando, como exemplo, um casal e um filho.

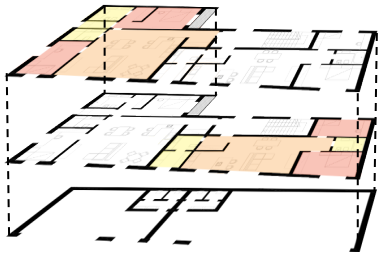


Fig. 83. Axonometria da tipologia dois, a sul do complexo habitacional.

O edifício que se apresenta ao longo da rua Eng. José Ulrich, dispõem de inúmeras unidades habitacionais de tipologia dois, no entanto, cada casa é um caso, e assim, a planta (Fig. 84) apresenta-nos uma habitação de vários níveis, que corresponde ao caso de referência *Block Village* esta configuração compreende no piso inferior, um quarto, um escritório e uma instalação sanitária, o piso intermédio apresenta as zonas comuns, com sala de estar, sala de jantar e zona de confeção e por fim, na zona superior, podemos observar um quarto, com *closet* e uma instalação sanitária, esta unidade repete-se duas vezes.

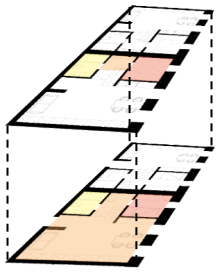


Fig. 84. Axonometria de tipologia dois de três níveis.

Por conseguinte, existe três unidades habitacionais de tipologia dois, com uma configuração mais longitudinal, compreende ao longo do piso uma *suite* com *closet* e instalação sanitária, uma área de lavandaria, uma instalação sanitária social e as áreas comuns, sala de estar, sala de jantar e área de confeção. Esta unidade permite incorporar pátios privados (Fig.85).

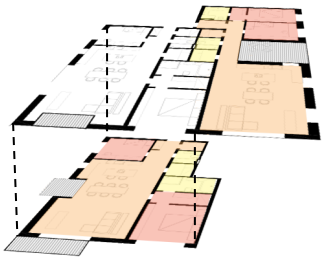


Fig. 85. Axonometria de tipologia dois, de configuração longitudinal.

Por fim, é disposto uma unidade habitacional, de tipologia igual às anteriores que contrariando a configuração da planta anterior (Fig.85), esta planta está disposta de forma quadrangular, onde as zonas comuns são apresentadas a Poente, e a Nascente, estão dispostas as zonas de conforto. A dividir estas zonas apresentam-se as áreas de lavandaria e instalação sanitária (Fig. 86).

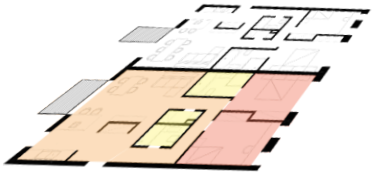


Fig. 86. Axonometria de tipologia dois, de configuração quadrangular.

TIPOLOGIA 3

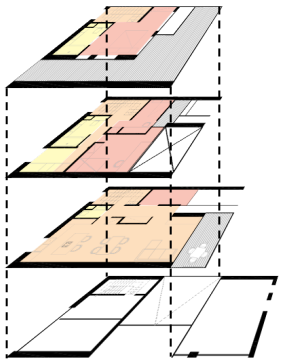


Fig. 87. Axonometria da tipologia dos apartamentos/moradias.

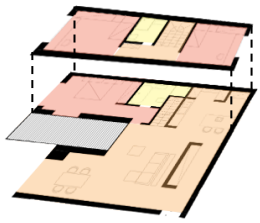


Fig. 89. Axonometria de dois níveis com tipologia 3.

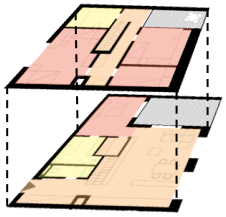


Fig. 88. Axonometria de dois níveis com tipologia três, composto por dois pátios privados.

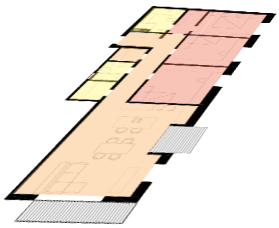


Fig. 90. Axonometria da tipologia 3 de configuração longitudinal.

Situado a Este do quarteirão, são projetados quatro apartamentos/moradias geminados (Fig. 87), unidade habitacional de tipologia três, que dispõe uma organização espacial da casa com vários pisos: o piso térreo com acesso pelo jardim urbano, apresenta a zona comum (sala de estar, sala de jantar, arrumos, instalação sanitária social e zona de confeção) e uma área que pode servir de arrumos, escritório ou um quarto de hospedes; o 1º piso é composto por dois quartos, uma instalação sanitária, e uma lavandaria; o ultimo piso é organizado pela *suite* com instalação sanitária e *closet*; esta configuração apresenta estacionamento privado no piso -1, assim como uma área para arrumos. Todos os pisos estão equipados por uma área exterior, que se apresentam em forma de pátio privado ou varanda.

Por conseguinte, são apresentadas as tipologias com dois pisos, semelhantes na sua configuração, o primeiro fogo é composto, no piso de entrada, pelas áreas comuns, sala de jantar, sala de estar, zona de confeção e pátio privado assim como, uma área privada com a *suite* e uma instalação sanitária, o segundo nível é composto por dois quartos e uma instalação sanitária comum (Fig. 88).

O segundo fogo é composto no piso de entrada pelas áreas comuns, zona de confeção, sala de jantar e sala de estar, zona de arrumos, instalação sanitária social e pátio privado assim como, uma área mais privada com a *suite* e uma instalação sanitária, o segundo nível é composto por dois quartos, uma instalação sanitária comum, um *closet* e um pátio exterior privado (Fig. 89).

Por fim, apresento uma tipologia três, de configuração longitudinal (Fig. 90), composta por três quartos, duas instalações sanitárias, uma lavandaria e uma área comum (sala de jantar, sala de estar e zona de confeção), esta organização apresenta dois pátios privados.

5.4.3| MATERIALIDADE

A materialidade tonar-se importante para a conceção do projeto na medida em que os volumes a construir destinam-se a respeitar e interpretar as caraterísticas do antigo bairro, tendo como novos elementos o panorama variado dos telhados, os diversos acabamentos das fachadas e as linhas de beirais dinâmicos. Ao agrupar os volumes de diferentes alturas e materiais dispostos numa só base, é formado um edifício que se encaixa organicamente com o ambiente histórico, refletindo a natureza da madeira, cerâmica e a construção em alvenaria, criando um diálogo com os volumes da envolvente.

O desenho do espaço urbano prevê a construção de pátios, passeios, rampas e escadas projetados para superar as diferenças dos desníveis. Estes passeios foram pensados de forma a enfatizar a direção e movimento dos pedestres, fornecendo uma organização conveniente do tráfego entre os acessos às habitações e o estacionamento, para além das saídas para as ruas adjacentes. O parque urbano central tem como revestimentos a pedra de pavimentação em cimento de tons claros (Fig. 91), como material natural, de alta resistência, o pavimento em betão (Fig. 92) é utilizado nas rampas, escadas e muros de contenção e os passadiços em deck de madeira tratado termicamente em tons naturais (Fig. 93).

Os volumes acima do solo são fabricados através de uma tecnologia de painéis de madeira maciça CLT (*cross laminated timber*), isto permite uma redução significativa no custo de construção, utilizando menos de um terço de tempo na construção local. Os painéis permitem ser dimensionados conforme as especificações do projeto, sendo cortados e produzidos na fábrica, proporcionando uma construção sem resíduos. No entanto, a principal vantagem deste material são as propriedades ecológicas que contribuem para a redução de emissões de gases de efeito de estufa (CO_2), possui uma boa capacidade de isolamento térmico e evita a formação de pontes térmicas na



Fig. 91. Pavimento exterior de cimento em tons claros. Utilizado em zonas de grande movimentação



Fig. 92. Pavimento exterior em betão. Utilizado em rampas, escadas e muros de contenção.

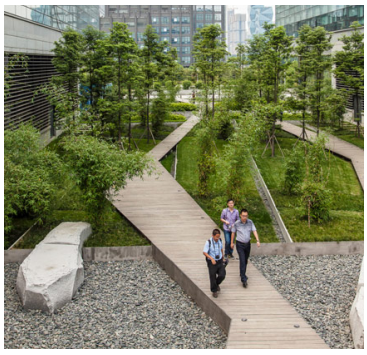


Fig. 93. Pavimento exterior em deck de madeira. Utilizado em passadiços e para tratado para zonas exteriores

estrutura. A madeira da qual os painéis serão feitos terá um recurso local e renovável (Fig. 94).

As fachadas do lado nascente do quarteirão são fundidas a betão pigmentado em tons cinza, este método é elaborado através de paredes duplas onde é aplicado o isolamento térmico entre ambas as paredes. Os edifícios que aplicam o painel de madeira maciça CLT são revestidos com madeira tratada termicamente, com variações de tons e padrões. Assim como, cerâmicas decorativas que são aplicadas, como exemplo, no edifício destinado à residência de estudantes, criando diferenciação de volumes.



Fig. 94. Sistema de montagem e aplicação dos painéis de madeira maciça CLT.

06

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sendo o conceito de bairro referente à *"... projeção da sociedade sobre um local..."* (LEFÈBVRE, 2006:56), o bairro reflete-se através do todo, enquanto aglomerado edificado. A sua compreensão e os seus valores estarão intrinsecamente ligados aos vários processos de pensamento presentes nas várias camadas que a constituíram ao longo do tempo, transmitindo as suas origens, os seus símbolos, as suas problemáticas, a sua identidade e as suas pessoas.

O projeto desenvolvido neste trabalho, recorre e procura elementos significativos do território que procuram identificar o bairro Marechal Carmona, compreendendo a sua identidade e tecido, tanto a uma macro escala, o bairro, como a uma microescala, a casa. Sendo um bairro e estando-se a intervir sobre um plano urbano, a procura focou-se nas memórias edificadas, criando assim os apoios fundamentais que o projeto procura integrar, tanto ao nível dos gestos propostos na arquitetura, como ao nível do programa.

O espaço urbano permite a transição entre o espaço público, privado e coletivo, levando à conclusão de que o bairro pode ser percorrido e habitado de um modo menos rígido, indagando assim a rutura da firme separação entre os domínios públicos e privados do espaço, dando lugar a uma cidade coletiva.

A proposta arquitetónica elaborada de um quarteirão aberto, propõe um modo de usufruto do seu espaço coletivo como mecanismo de interligação dos demais espaços públicos e coletivos que o envolvem. Sendo a sua maior premissa a consolidação do bairro, ligando diferentes tecidos do mesmo e conectando os seus diversos espaços.

O coletivo, como matéria abordada é um dos focos deste trabalho, estende-se à habitação, compreendendo os desafios das formas e conceitos, a partir de uma interpretação do ambiente doméstico dos grupos e/ou famílias estudadas.

O espaço da casa torna-se então no palco da mudança e dos conceitos do quotidiano na vida de quem o ocupa, procurando romper com a austeridade que a hierarquização do mesmo possa provocar.

Assim, o complexo habitacional do bairro Marechal Carmona surge como elemento urbano e arquitetónico a ser tratado, recolhendo os elementos urbanos que cruzam a comunidade, o espaço e a problemática dos vazios urbanos. Este espaço urbano central foi tratado de forma a compor a solução urbana que permitiria a permeabilidade do quarteirão. Foi essencial estabelecer novas dinâmicas e novas experiências locais, ajudando ainda na leitura do respetivo lugar e da respetiva paisagem envolvente.

O bairro comunitário é, portanto, um projeto em constante transformação, onde a arquitetura produz cada vez mais uma intensa e estreita relação entre os edifícios. Estas relações continuarão a existir nas cidades do futuro não poderemos dizer para já que se trata de uma transformação permanente, mas a ideia de extensão do espaço que habitamos na esfera do público trata-se de uma reivindicação do direito à vida nos bairros das cidades.

Assim, constata-se que mais do que inventar ou inovar em espaços diferentes para modos de vida particulares, o caminho deverá fazer-se reformulando os espaços tradicionais de forma a que estes sejam capazes de responder as atuais formas de habitar. Ora, perceber-se o esforço desenvolvido para compreender os novos mecanismos da sociedade e do habitar ora, esperar que no futuro as entidades reguladoras permitam soluções que possibilitem à arquitetura encontrar respostas mais próximas da contemporaneidade.

BIBLIOGRAFIA

AGACHE, Alfred-Donat (1936a), "L'aménagement de la Costa do Sol (Portugal)". *Urbanisme* Paris: pp.146-150.

AGACHE, Alfred-Donat (1936b), *Urbanisation de la Région Ouest*. Paris: Mimeo.

AGUIAR, José (1999), "A Cidade do Future já existe Hoje", *ATIC Magazine*, nº24, Lisboa, pp. 01-13.

ALEXANDER, Christopher (1966), *A city is not a tree*. London: Magazine Design.

ANDERSEN, Sophia de Mello Breyner (2010), *Obra poética*, edição de Carlos Mendes de Sousa, 2. ed, Lisboa: Caminho.

ARAVENA, Alejandro (2018), *Elemental*. [online] Elementalchile.cl. Disponível em: http://www.elementalchile.cl/contacto/ [Consultado em: Dezembro 2018].

ASCHER, François (2010), *Novos Princípios do Urbanismo. Seguidos de Novos Compromissos Urbanos – um Léxico*. Lisboa: Livros Horizonte.

AUTHIER, Jean-Yves (2002), "Habiter son quartier et vivre en ville: les rapports résidentiels des habitants des centres anciens", *Espaces et Sociétés*, nº108/109, Paris, pp. 89-110.

BAEZA, Alberto Campo (2005), "A tua casa, o teu museu, o teu mausoléu. A minha casa, nem museu, nem mausoléu", *Revista Arquitetura Ibérica* nº 10, Casal de Cambra, pp. 44-52.

BANDEIRINHA, José António (2007), *O processo SAAL e a Arquitetura no 25 de Abril de 1974*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.

BAUMAN, Zygmunt (2006), *Tempos Líquidos*. Cambridge: Zahar Editor.

BOLLNOW, Otto (1969), *Hombre y Espacio*. Espanha: Labor.

BORDALO, Ana (2006), *Bairro do Alto do Moinho: Estudo de Caso*. Dissertação de Mestrado, ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa.

BOTTON, Alain (2013), *A Arquitetura da Felicidade*. Lisboa: Dom Quixote.

CABRITA, António e **COELHO**, António (2003), *Habitação Evolutiva e Adaptável.* Lisboa: LNEC.

CABRITA, António M. Reis (1995), *O Homem e a Casa: Definição Individual e Social da Qualidade da Habitação.* Lisboa: LNEC.

CARDOSO, Ana e **SILVA**, Manuela (1993), *A outra face da cidade: Pobreza em Bairros Degradados de Lisboa*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa.

CARMO, Renato Miguel do (2006), *Contributos para uma sociologia do espaço-tempo.* Oeiras: Celta.

CARVALHO, Ricardo (2006), "Morada: Rua, Casa", *Jornal Arquitectos,* edição nº224, Lisboa, pp. 34-41. Disponível em: https://www.arquitectos.pt/?no=1010731395,248 [consultado em: Março 2019].

CATURELLI, Alberto (1984), *La ciudad. Su esencia, su historia, sus patologias*. Buenos Aires: Fades Ediciones.

CEDRU (1990), "Valorização de Lisboa". *VALIS, CEDRU*. Lisboa, pp.5.

CHAMBART DE LAUWE, Paul-Henri e **CHAMBART DE LAUWE**, Marie-José (1965), "A evolução contemporânea da Família: estruturas, funções, necessidades", *Editions Ouvrières*, França, pp. 475-500.

CHOAY, Françoise (2005), *Património e Mundialização*. Évora: Casa do Sul Edições.

COELHO, António Baptista e **CABRITA**, António Reis (2015), *Habitação Evolutiva e Adaptável*. Lisboa: LNEC.

COHEN, Jean-Louis (2006), *Le Corbusier*. Alemanha: Taschen.

CORREIA, Miguel Brito e **LOPES,** Flávio (2004), *Património arquitetónico e arqueológico. Cartas, recomendações e convenções internacionais*. Lisboa: Livros Horizonte.

COSTA, António Firmino (1999), *Sociedade de Bairro*. Oeiras: Celta.

CRESPO, José (2012), "Algumas complexidades do bairro no contexto da cidade: o caso do bairro da Bela Vista", in **MENDES,** Maria Manuela; **FERREIRA,** Carlos; **SÁ,** Teresa e **CRESPO,** José (2012), *A cidade entre Bairros*. Lisboa: Caleidoscópio, pp. 65-74.

CULLEN, Gordon (1983), *Paisagem Urbana, Arquitetura e Urbanismo*. Lisboa: Edições 70.

DIAS, Francisco Silva e PORTAS, Nuno (1972), "Habitação Evolutiva", *Arquitectura,* edição nº126, Lisboa, pp. 100-121.

DORFLES, Gillo (2000), *A Arquitetura Moderna*. Lisboa: Edições 70.

FARIAS, Hugo (2018), *A casa: Experimento e Matriz*. Lisboa: Caleidoscópio.

FLEMMING, Liane e QUALHARINI, Eduardo (2007), "Intervenções em unidades de tratamento intensivo (UTI): a terminologia apropriada". *UFRJ*, Rio de Janeiro, pp.1-5.

FERNANDES, José Manuel (2003), *Português Suave: Arquiteturas do Estado Novo.* Lisboa: IPPAR.

FERREIRA, Carlos (2012), "Projectar a cidade entre bairros: Lisboa, um Projeto de Cidade em Mudança", in MENDES, Maria Manuela; FERREIRA, Carlos; SÁ, Teresa e CRESPO, José (2012), *A cidade entre Bairros*. Lisboa: Caleidoscópio, pp.47-62.

FERREIRA, Carlos Antero (1960), "Aspetos Sociais na Conceção do Habitat: Colóquio sobre Problemas de Habitação: Organização da Secção Cultural do Sindicato Nacional dos Arquitetos", *Binário* nº17, Lisboa, pp.59-60.

FERREIRA, Pedro Moura (2003), "Tendências e Modalidades da Conjugalidade". *Sociologia, Problemas e Práticas*, nº 43, Lisboa, pp.67-82. Disponível em: http://sociologiapp.iscte.pt/ [consultado em: Abril 2019].

FORREST, Ray (2008), "Who cares about neighborhoods?", *International Social Science Journal*, 59, nº1, pp. 129-141.

FRAMPTON, Kenneth (2000), *História Crítica da Arquitetura Moderna*. 2ª Edição. São Paulo: Martins Fontes.

GASPAR, João (2013), *O Que Faz Uma Casa? - notas sobre a arte de habitar*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto.

GEHL, Jan (1987), *Life Between Buildings, Using Public Space*. Washington: Island Press.

GORJÃO, João (2006), *Lugares em Teoria*. Casal da Cambra: Caleidoscópio.

GRIMLEY, Chris e LOVE, Mimi (2007), *Color, Space and Style.* USA: Rockport Publishers, Inc.

GRUPO DE INVESTIGAÇÕES HABITAR (2011), *Rehabitar (5): Más Puertas Madrid.* Madrid: Ministério de Fomento.

GUERRA, Isabel; MOURA, Dulce; SEIXAS, João e FREITAS, Maria João (2006), "A Revitalização Urbana. Contributos para a Definição de um Conceito Operativo", *Cidades – Comunidades e territórios,* nº12/13. Lisboa, pp.15-34.

HEIDEGGER, Martin (2002), *Construir, Habitar, Pensar, Ensaios e Conferências*, 8º edição. Petrópolis: Editora Vozes.

HENRIQUES, Cláudia (2003), *Turismo, Cidade e Cultura. Planeamento e Gestão Sustentável.* Lisboa: Edições Sílabo.

JACOBS, Jane (1961), *The death and the life of great American cities*. Nova Iorque: Random House.

KAHN, Louis (1973), *Silence and Light*. Zurique: Park Books.

LAMAS, José (1993), *Morfologia urbana e desenho da cidade*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

LE CORBUSIER (1924), *Por uma Arquitetura*. São Paulo: Editora Perspetiva.

LEFEBVRE, Henri (1971), *De lo Rural a lo Urbano*, Barcelona: Ediciones Península.

LYNCH, Kevin (1960), *A imagem da Cidade*. Lisboa: Edições 70.

LYNCH, Kevin (2007), *A Boa Forma da Cidade.* Lisboa: Edições 70.

MACCREANOR, Gerard (1998), "Adaptabilidad", *A+T 12.* Espanha: Housing and Flexibility I. Disponível em: https://aplust.net/blog/adaptability/ [Consultado em: Agosto 2019].

MARTINEZ, Vicente (1980), *Vocabulário arquitetónico ilustrado.* México: Secretaría de Asentamientos Humanos Y Obras Públicas.

MENDES, Maria Manuela; FERREIRA, Carlos; SÁ, Teresa e CRESPO, José (2012), *A cidade entre Bairros*. Lisboa: Caleidoscópio.

MENDES, Maria Manuela (2012), "A demolição do bairro do Aleixo e a acção da população local vista pela imprensa diária e nas notícias *online*", in MENDES, Maria Manuela; FERREIRA, Carlos; SÁ, Teresa e CRESPO, José (2012), *A cidade entre Bairros*. Lisboa: Caleidoscópio, pp.87-104.

MINGUET, Anna (Eds.) (2017), *Clever Solutions For Small Apartments*. Barcelona: Instituto Monsa de Ediciones.

MOLTENI, Enrico (1997), *Álvaro Siza: Barrio de La Malaguiera, Évora.* Barcelona: Edicions UPC.

MOREIRA, Graça (2007), "Requalificação Urbana – Alguns Conceitos Básicos", *Artitextos*, nº5. Lisboa: CEFA + CIAUD, pp.117-129.

NASAR, Jack (1998), *The evaluative image of the city.* USA: Sage Publications.

NEUFERT, Ernest (2004), *Arte de projetar em arquitetura*, 17ªedição. Amadora: Editorial Gustavo Gil.

NICOLAU, Jorge (2017), *O bairro como catalisador de urbanidade da cidade*. Dissertação de Doutoramento em Urbanismo. Faculdade de Arquitetura, Universidade de Lisboa.

NORBERG-SCHULZ, Christian (1975), *Existencia, Espacio y Arquitectura*. Barcelona: Editorial Blume.

NORBERG-SCHULZ, Christian (1984), *L'Abitare: l'insediamento, lo spazio urbano, la casa*. Milão: Electa Editrice.

PALLASMAA, Juhani (2018), *Habitar,* Barcelona: Editorial Gustavo Gili, SL.

PARICIO, Ignacio e SUST, Xavier (2008), *La vivenda contemporânea*. Catalunya: Insitut de Tecnologia de la Construcció.

PEREIRA, Sandra Marques (2012), *Casa e a mudança social – uma leitura das transformações da sociedade portuguesa a partir de casa*. Casal de Cambra: Caleidoscópio.

PORTAS, Nuno (1959), "Conceito de casa em pátio como célula social". *Revista Arquitectura,* 3ºSérie, nº 64. Lisboa: pp.32-34.

PORTAS, Nuno (1963), *A arquitetura para hoje: finalidade, métodos, didáticas.* Dissertação para concurso de professor de arquitetura na ESBAL, Lisboa.

PORTAS, Nuno, **CABRAL,** João e **DOMINGUES,** Álvaro (2007), *Políticas Urbanas – Tendências, estratégias e oportunidades*. Lisboa: CEFA/FCG.

PROENÇA, Sérgio (2013), "A rua. Cadernos de Morfologia Urbana: Os elementos". *Argumentum*, Lisboa: pp. 101-143.

PROENÇA, Sérgio (2014), *A Diversidade da Rua na Cidade de Lisboa. Morfologia e Morfogénese.* Dissertação de Doutoramento em Urbanismo, Faculdade de Arquitetura, Universidade de Lisboa.

RIBEIRO, Margarida (2012), *Projetar para o Presente e Futuro. Os conceitos de adaptabilidade e flexibilidade na habitação plurifamiliar*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Arquitetura, Universidade do Porto.

RODRIGUES, Ana (2003), "Bairro do Zambujal é uma terra de ninguém. Moradores reclamam contra o desleixo". *Notícias da Amadora*, Lisboa: Seminário Popular, 1553 edição.

RODRIGUES, Ana (2008), *A habitabilidade do espaço doméstico. O cliente, o arquiteto, o habitante e a casa*. Tese de Doutoramento, Universidade do Minho.

ROSSI, Aldo (2016), *A Arquitetura da Cidade*. Lisboa: Edições 70.

SÁ, Teresa (2012), "Ainda há bairros na cidade?", in **MENDES,** Maria Manuela; **FERREIRA,** Carlos; **SÁ,** Teresa e **CRESPO,** José (2012), *A cidade entre Bairros*. Lisboa: Caleidoscópio, pp. 21-31.

SARTI, Raffaella (2001), *Casa e Família. Habitar, Comer e Vestir na Europa Moderna*. Lisboa: Editorial Estampa.

TÁVORA, Fernando (1999), *Da Organização do Espaço*. Porto: FAUP Publicações.

TAUT, Bruno (1925*), Master of colourful architecture in Berlin.* Alemanha: Editions Braun.

WHYTE, Lain Boyd (1982), *Bruno Taut and the Architecture of Activism*. Cambridge University Press.

ZEVI, Bruno (2002), *Saber Ver a Arquitetura*. São Paulo: Martins Fontes.

ANEXO I

COMPLEMENTOS À INVESTIGAÇÃO

Plantas Históricas

ANEXO II

COMPLEMENTOS ÀO TRABALHO PRÁTICO

Vista Aérea e Ortofotomapas

Registos Fotográficos do Autor, 2018-19

Inquérito

ANEXO III

PROCESSO DE TRABALHO

Painéis Intermédios de Análise e Estudo

Esboços e Desenhos

Maquetes do Projeto Final de Mestrado

ANEXO IV

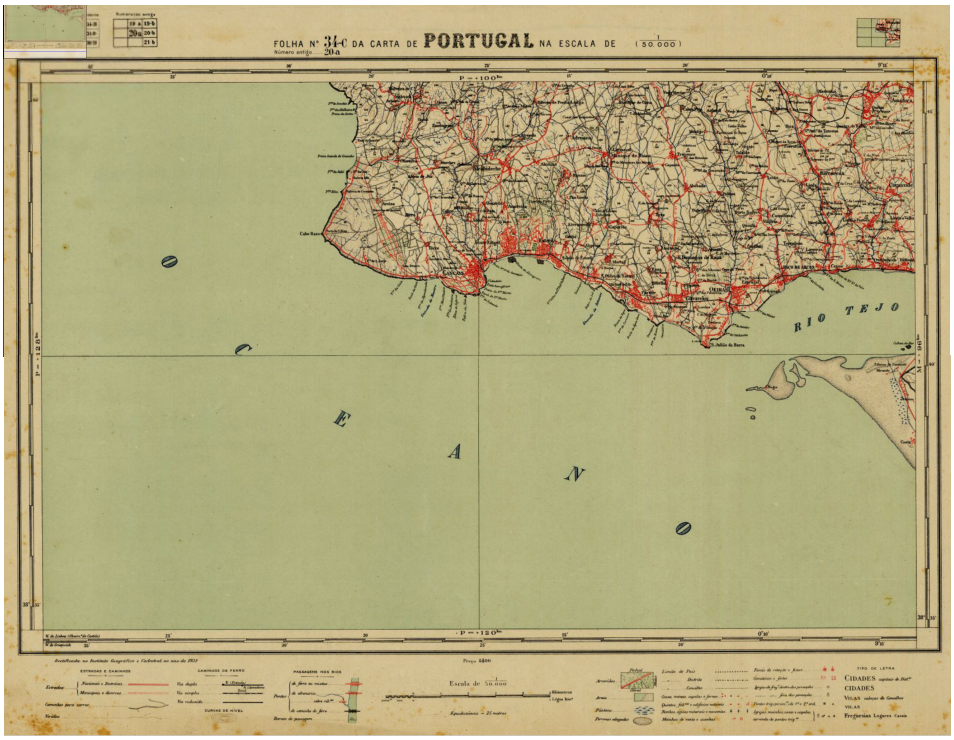
APRESENTAÇÃO GRÁFICA DO PROJETO FINAL DE MESTRADO

ANEXO I

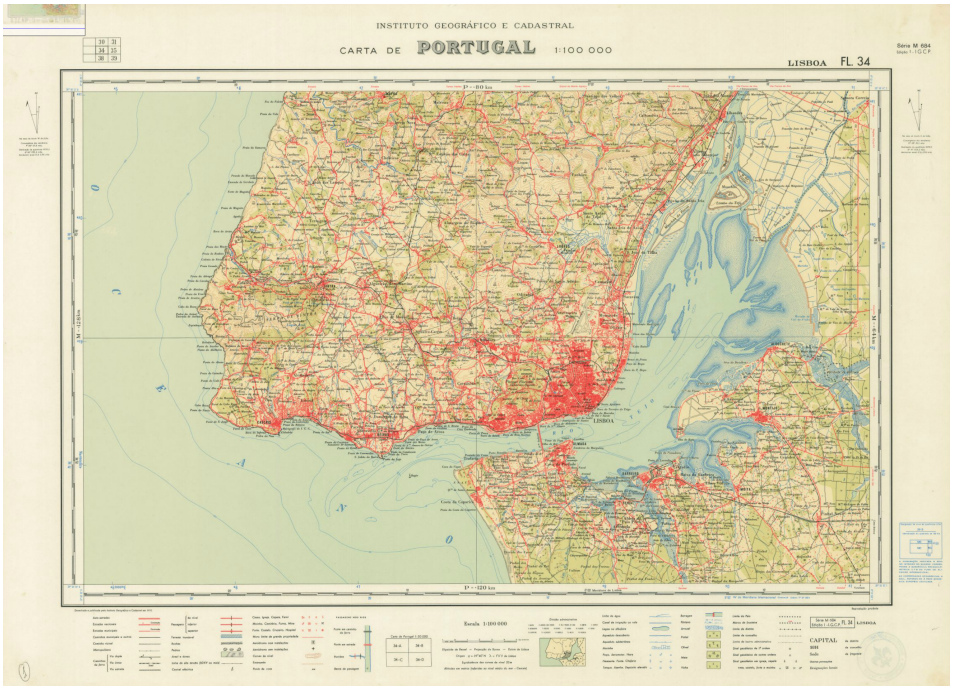
COMPLEMENTOS À INVESTIGAÇÃO

Plantas Históricas

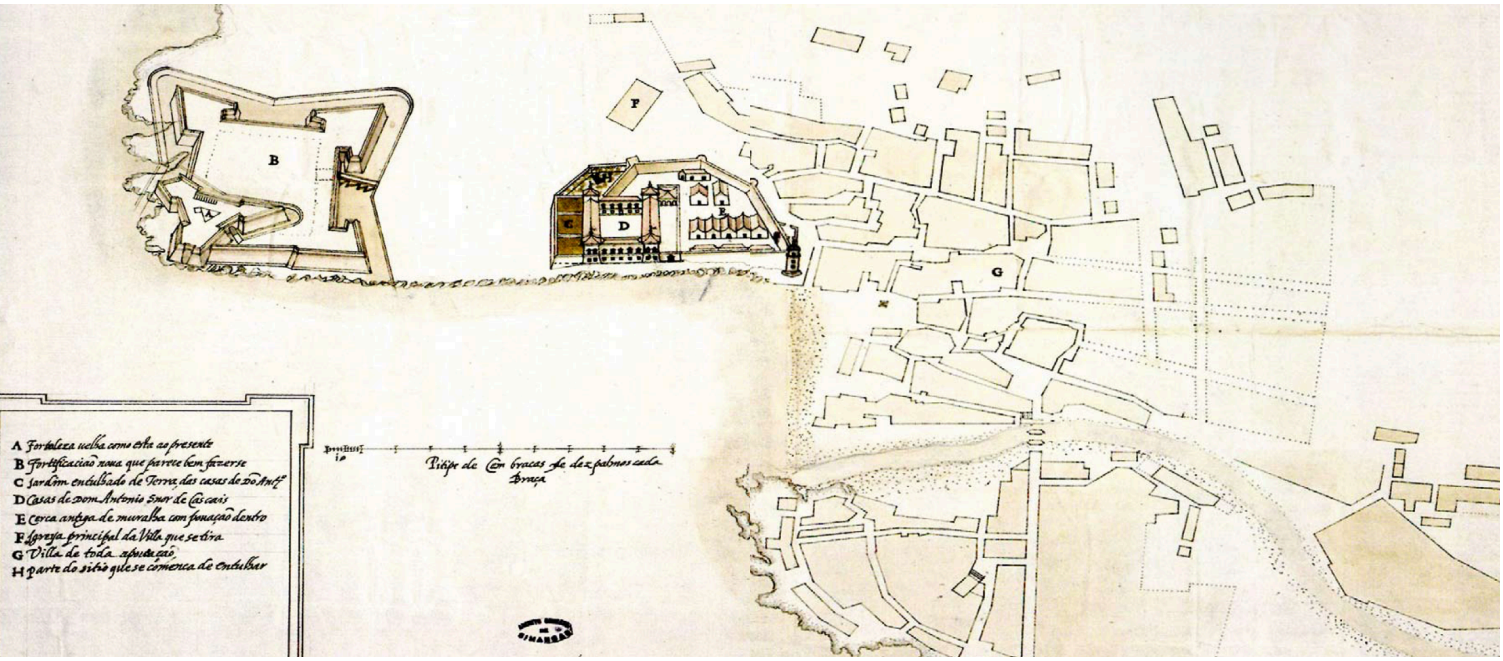
Plantas Históricas



Planta do concelho de Cascais, Folha nº34 da carta de Portugal, 1932.



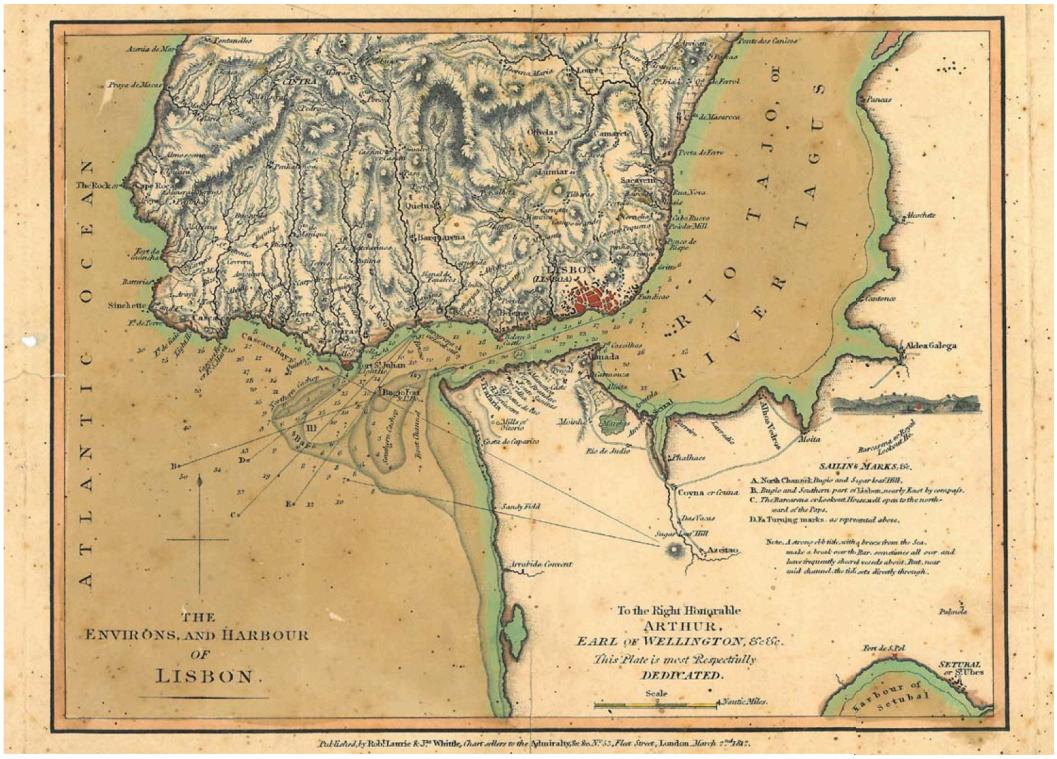
Planta do distrito de Lisboa, Folha nº34 da carta de Portugal, 1970.



Planta anónima da vila de Cascais., 1594.



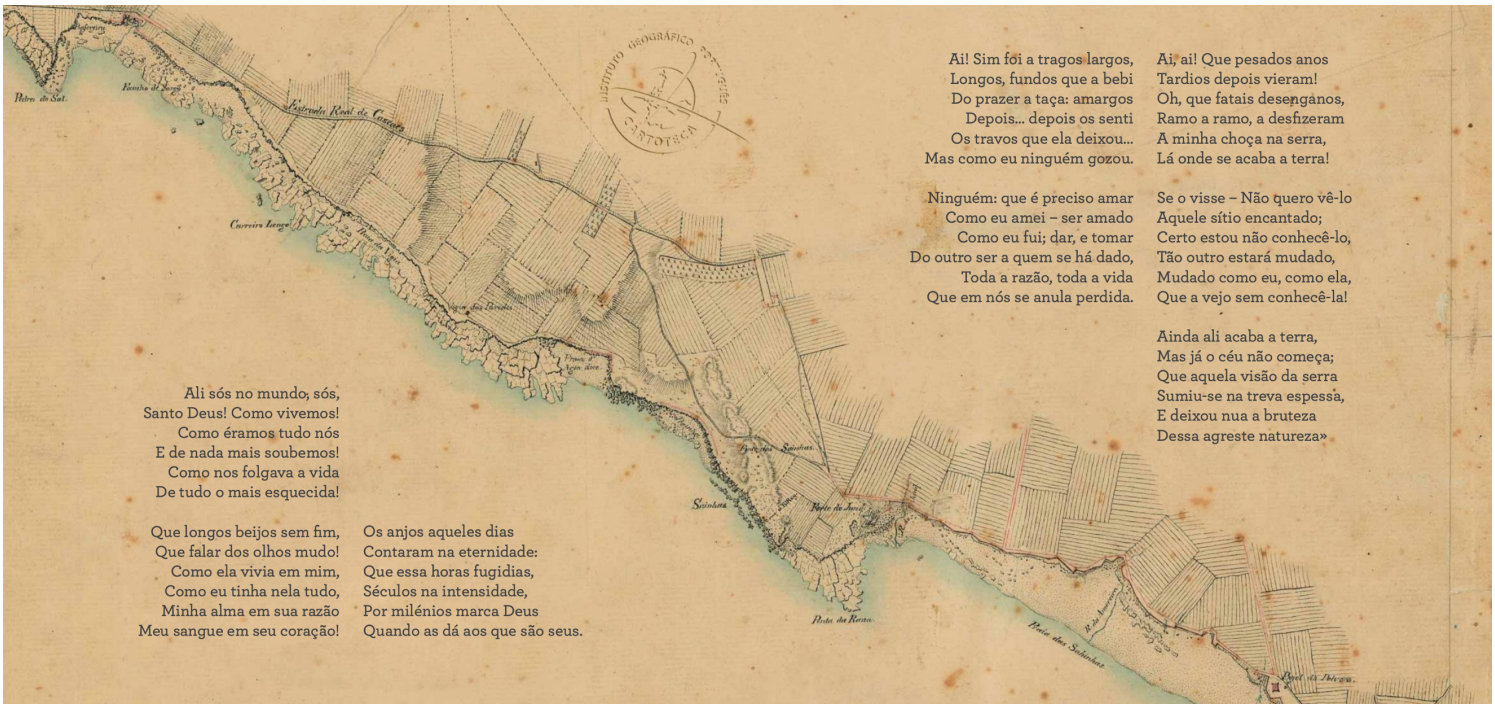
Cascais em 1755: do terramoto à reconstrução.



Distrito de Lisboa, os arredores e os portos náuticos, 1964.



Toponímia do concelho de Cascais, 1964.



Ai! Sim foi a tragos largos,
Longos, fundos que a bebi
Do prazer a taça: amargos
Depois... depois os senti
Os travos que ela deixou...
Mas como eu ninguém gozou.

Ninguém: que é preciso amar
Como eu amei – ser amado
Como eu fui; dar, e tomar
Do outro ser a quem se há dado,
Toda a razão, toda a vida
Que em nós se anula perdida.

Ai, ai! Que pesados anos
Tardios depois vieram!
Oh, que fatais desenganos,
Ramo a ramo, a desfizeram
A minha choça na serra,
Lá onde se acaba a terra!

Se o visse – Não quero vê-lo
Aquele sítio encantado;
Certo estou não conhecê-lo,
Tão outro estará mudado,
Mudado como eu, como ela,
Que a vejo sem conhecê-la!

Ainda ali acaba a terra,
Mas já o céu não começa;
Que aquela visão da serra
Sumiu-se na treva espessa,
E deixou nua a bruteza
Dessa agreste natureza»

Ali sós no mundo, sós,
Santo Deus! Como vivemos!
Como éramos tudo nós
E de nada mais soubemos!
Como nos folgava a vida
De tudo o mais esquecida!

Que longos beijos sem fim,
Que falar dos olhos mudo!
Como ela vivia em mim,
Como eu tinha nela tudo,
Minha alma em sua razão
Meu sangue em seu coração!

Os anjos aqueles dias
Contaram na eternidade:
Que essa horas fugidias,
Séculos na intensidade,
Por milénios marca Deus
Quando as dá aos que são seus.

Litoral de Cai-Água a Carcavelos, 1844.

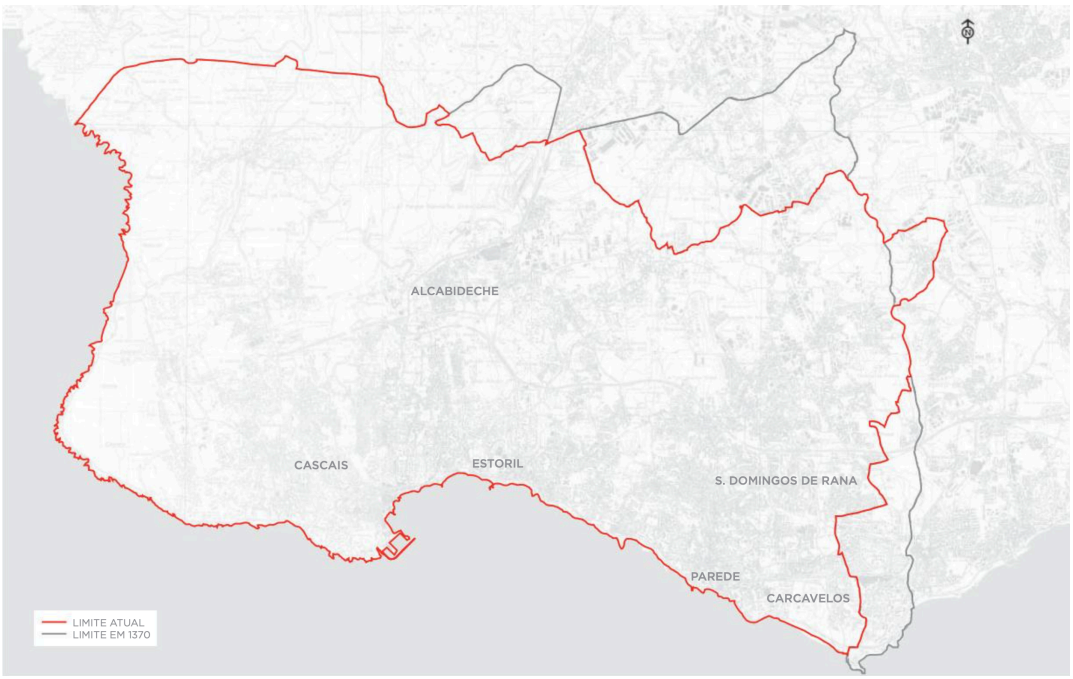


«Acabava ali a terra
Nos derradeiros rochedos,
A deserta árida serra
Por entre os negros penedos
Só deixa viver mesquinho
Triste pinheiro maninho.

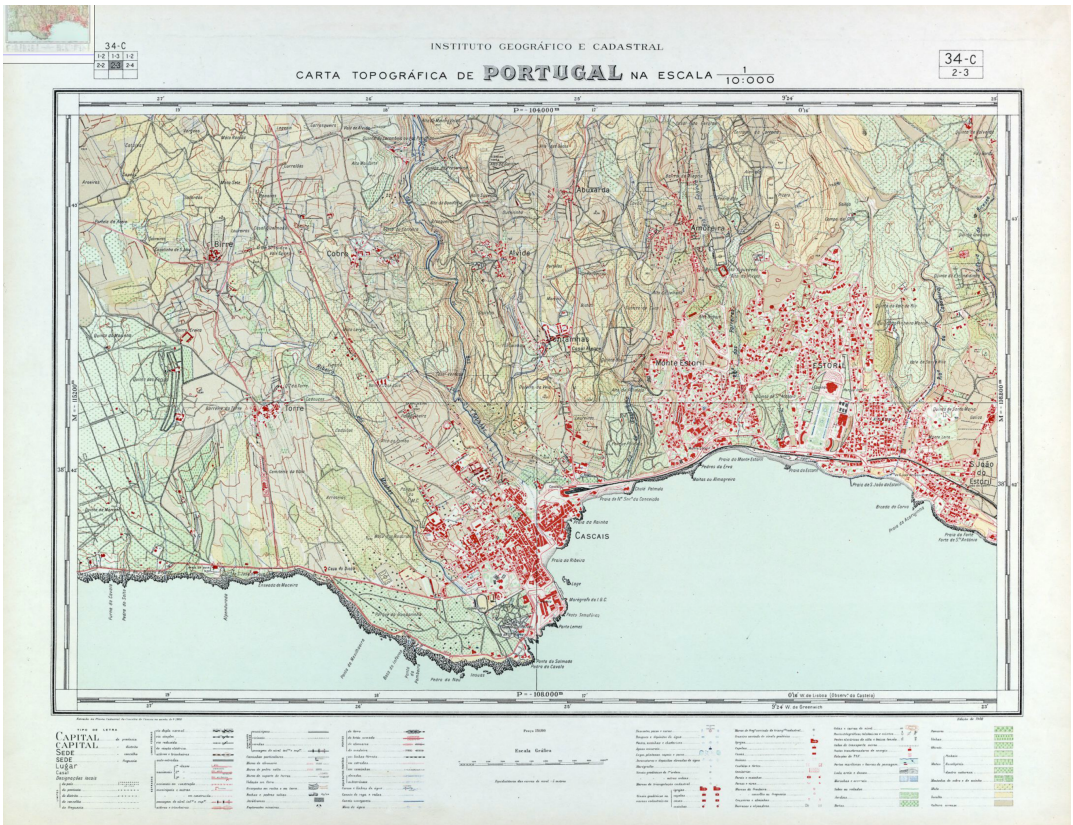
E os ventos despregados
Sopravam rijos na rama,
E os céus turvos, anuviados,
O mar que incessante brama...
Tudo ali era braveza
De selvagem natureza.

Aí, na quebra do monte,
Entre uns juncos mal medrados,
Seco o rio, seca a fonte,
Ervas e matos queimados,
Aí nessa bruta serra,
Aí foi um céu na terra.

Litoral de Cascais ao forte de Santo António da barra, 1855.



Limites do concelho de Cascais, limite atual e limite em 1370.



Carta topográfica de Portugal, nº34-c do concelho de Cascais, 1948.

ANEXO II

COMPLEMENTOS ÀO TRABALHO PRÁTICO

Vista Aérea e Ortofotomapas

Registos Fotográficos do Autor, 2018-19

Inquérito

Vista Aérea e Ortofotomapas



Ortofotomapa, 1960



Ortofotomapa, 1999



Ortofotomapa, 2006



Ortofotomapa, 2014



Ortofotomapa, 2018

Registo Fotográfico do Autor, 2018-19





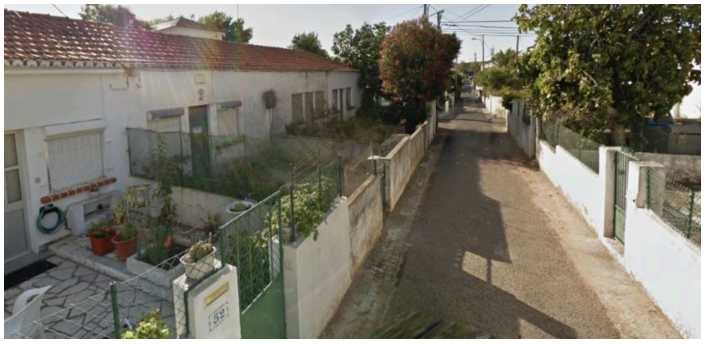


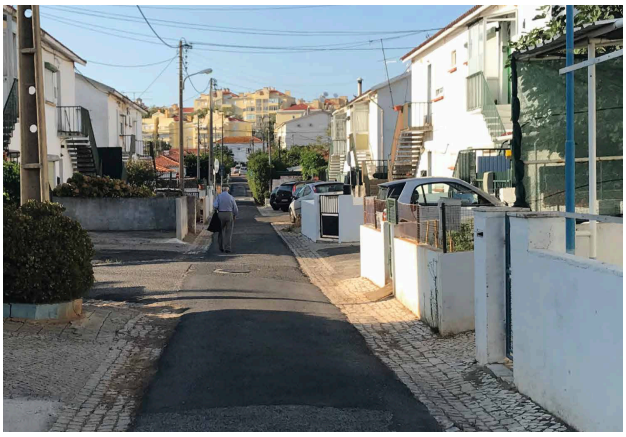


























Inquérito

CASCAIS

CÂMARA MUNICIPAL

Data ____/_____/_____

Nº Casa: _____ N.º Polícia: _____

Tipologia Atual

Tipologia Adequada

Morada:

Nome TAF (*Primitivo*):

TAF (Atual):

Observações:

Inquirido/a:

Contacto: Telefone

CASCAIS

CÂMARA MUNICIPAL

Contacto: e-mail

• Composição do agregado familiar?

Nome	Relação Familiar	Data de nascimento	Nacionalidade	CC	NIF	Situação socioprofissional

• Desde quando reside o agregado familiar nesta morada?

CASCAIS
CÂMARA MUNICIPAL

• Existe algum elemento do agregado familiar com grau de: (X)

Dependência _____

Deficiência _____

Necessidades especiais _____

• Quais são as dinâmicas quotidianas do agregado familiar residente (escola, local de trabalho, saúde)?

• Costuma recorrer a alguma instituição social?

Nome da instituição	Tipo de Apoio prestado	Frequência

Técnico _____

ANEXO III

PROCESSO DE TRABALHO

Painéis Intermédios de Análise e Estudo

Esboços e Desenhos

Maquetes do Projeto Final de Mestrado

Painéis Intermédios de Análise e Estudo

(RE)QUALIFICAR E (RE)HABITAR O BAIRRO

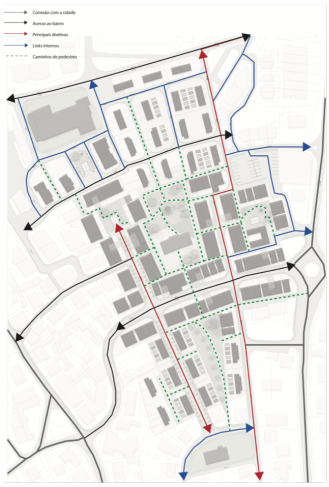
PROJETO VI | PROF. PEDRO DIAS RODRIGUES
FACULDADE DE ARQUITETURA UNIVERSIDADE DE LISBOA
DANIELA PIRES | GONÇALO SILVA | MARZIA LAI | ILENIA ZACCAGNA

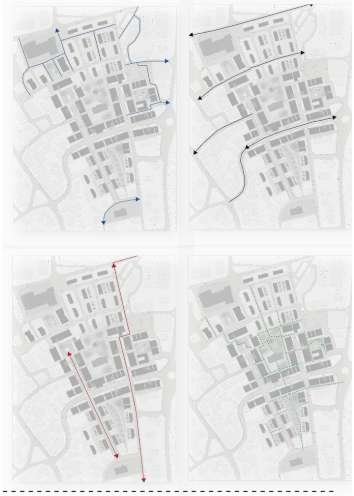
ESTRATÉGIAS
- Vazios urbanos
- Rede familiar
- Aproximidade aos tranportes públicos
- Localização estratégica

OPORTUNIDADES
- Revitalizar as áreas abandonadas
- Novo Design para o palno geral do bairro com novos habitantes
- Criar mais parques de estacionamento
- Fortalecer a passagem para o bairro

FRAQUEZAS
- Falta de cuidados urbanos
- Superlotação das habitaçoes
- Limites e casas degradadas
- Acesso pedestre
- Falta de equipamentos e serviços

AMEAÇAS
- Passeios pedonais ocupados por carros
- Poucos espaços verdes
- Bairro envelhecido
- Acessos muito estreitos
- Tendência para formação de ilhas sem conexões





TIPOLOGIA | A0

A partir de uma unidade mínima de habitação, esta tipologia faz a agregação, em duas unidades separadas.



TIPOLOGIA | B0

A partir de uma unidade mínima de habitação, esta tipologia faz a agregação, em duas unidades juntas.



TIPOLOGIA | C0

Esta tipologia faz uma agregação das duas tipologias anteriores (A0 e B0).



TIPOLOGIA | A1



TIPOLOGIA | B1

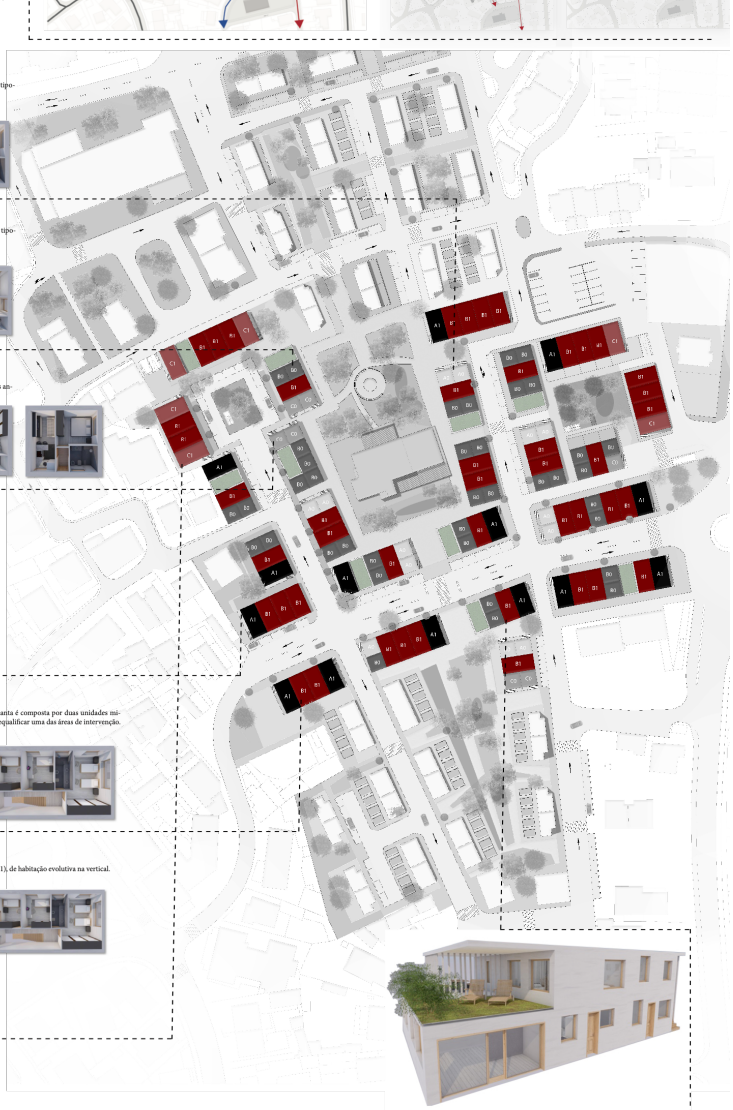
A partir do conceito de habitação evolutiva, esta planta é composta por duas unidades mínimas de habitação agregadas, com o proposto de requalificar uma das áreas de intervenção.



TIPOLOGIA | C1

Esta tipologia faz uma agregação das plantas (A1 e B1), de habitação evolutiva na vertical.



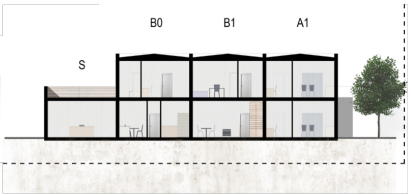








B0 B1 A1



B0 B1 A1

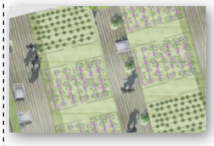
(RE)QUALIFICAR E (RE)HABITAR O BAIRRO

PROJETO VI | PROF. PEDRO DIAS RODRIGUES
FACULDADE DE ARQUITETURA UNIVERSIDADE DE LISBOA
DANIELA PIRES | GONÇALO SILVA | MARZIA LAI | JLENIA ZACCAGNA

ESPAÇO PÚBLICO

O projeto tinha como propositu um plano urbano sustentável, habitável e acessível a todos. A nossa ideia seria requalificar toda a área, que nos possibilitou diferentes soluções, onde a base respeita a história, memória e imagem do bairro. Desenvolvemos um cálculo que permitia aumentar a densidade populacional, criando padrões urbanos que garantiam avaliar o distrito e a carência demográfica, esta proposta, permitiu triplicar o número base de habitantes existentes neste bairro. Cálculamos, também, a necessidade de estacionamento no bairro, e a resposta para esta carência foi solucionada com a projeção de dois parques de estacionamento subterrâneo e estacionamento ao longo de todas as estradas de acesso viário, localizados estratégicamento nos centros urbanos principais. A ideia base foi sempre projetar de forma mais sustentável e verde, para que o solo tivesse permeabilidade incluindo sempre vegetação. Permitiu diminuir o impacto ambiental e redução de poluição. O estacionamento a superfície foi projetado estratégicamente junto das habitações para que cada habitante possa usufruir de parqueamento. O espaço urbano central é caraterizado por parque urbano, com conexões pedestres no seu eixo principal. A ligação entre as ruas e caminhos pedestres resulta de diferentes parques e espaços verdes que podem ser utilizados por todos os habitantes e visitantes externos.

JARDINS URBANOS



Pensamos na inclusão de hortas urbanas ou jardins urbanos, encontram-se distribuidas por todo o bairro, promovendo produtos locais e a venda dos mesmos no espaço central que se caraterize como mercado urbano. Os jardins, não só tem a função de hortas urbanas, como também promovem o encontro local, compartilha de produtos e conhecimentos, espaços adequados a adultos e crianças. Isto vai permitir uma harmonia perfeita entre os espaços.







PRAÇAS VERDES

Tornar o bairro mais verdes e sustentável, para que possa ser habitável por toda a comunidade, é o nosso objetivo principal de projeto. Por estas razões, incluimos bastantes áreas verdes, principalmente nas zonas que promovem o encontro, como as praças e as ruas. Todos os edifícios de um piso, apresentam-se com coberturas verdes, que seria um aspeto inovador, porque podem ser usufruidos pelas pessoas com casas adjacentes.



ESTACIONAMENTO À SUPERFÍCIE

Através dos cálculos padrões, foi possivel perceber a escasses de estacionamento, em todo o bairro. Para esta problema foi pensado espaços de estacionamento verdes ou permeabilizaveis que estivessem em harmonia com o próprio bairro. Estes parques de estacionamento foram projetados de acordo com as normas exigidas, respeitando as medidas e espaços de segurança necessários.



PERCURSOS PEDONAIS

No centro do bairro, criámos um parque urbano com um eixo principal que atravessa todo o bairro acessível so por caminhos pedestres. Os percursos urbanos são em deck de madeira e pedra, rodeados por vegetação local. Estão equipados com mobiliário urbano para garantir uma maior segurança e conforto para a comunidade, desta forma, podemos atrair a população residente em Cascais e exterior, garantindo espaços de encontro e de agradabilidade.



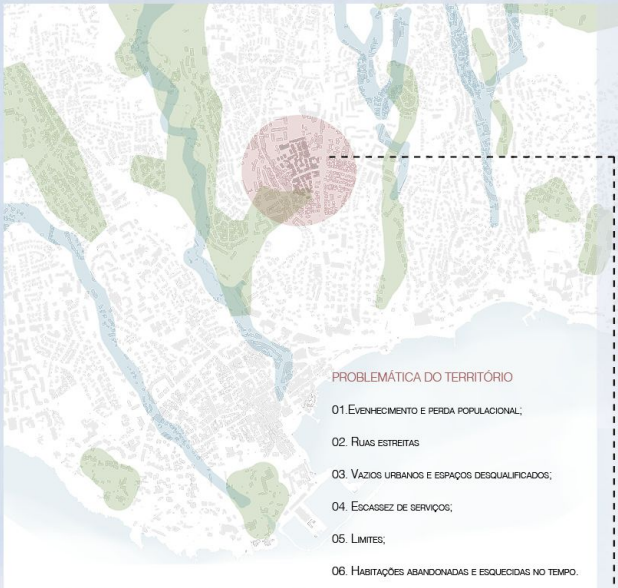
P01

U LISBOA | UNIVERSIDADE DE LISBOA

FACULDADE DE ARQUITETURA
UNIVERSIDADE DE LISBOA

PROBLEMÁTICA

01. QUAL É A IMPORTÂNCIA DA **REQUALIFICAÇÃO** DO BAIRRO PARA O MUNICÍPIO DE **CASCAIS?**



PROBLEMÁTICA DO TERRITÓRIO

01.Evenhecimento e perda populacional;

02. Ruas estreitas

03. Vazios urbanos e espaços desqualificados;

04. Escassez de serviços;

05. Limites;

06. Habitações abandonadas e esquecidas no tempo.

02. COMO INTERVIR NO ESPAÇO **COMUNITÁRIO** DE FORMA A DINAMIZÁ-LO?



OBJETIVOS

Promover o desenho dos espaços públicos e fomentar a vivência do bairro.

Transformar os espaços públicos desqualificados em locais capazes de albergar usos coletivos que promovam a dinâmica em comunidade.

Requalificar os espaços urbano, estabelecendo novos padrões de organização e utilização do tecido urbano.

A apropriação de espaço, que agora é residual, tornando-o numa zona "central" de domínio público qualificada e favorecida de equipamentos arquitetónicos que satisfaçam as necessidades da comunidade.

REFERÊNCIAS DE PROJETOS



Masterplan Lille - France

Multifuncionalidade dos espaços desenvolvidos na cidade, fortalecendo o centro e integrando os bairros, um desenvolvimento consistente e contínuo.



Re-Think Athens Competition Entry / Gianmaria Socci Architecture

"O que atrai as pessoas são as pessoas" (Jacobs, 1961), se o tecido urbano tiver a capacidade de suportar vários usos, torna-se na razão principal para o sucesso do espaço público que está relacionado com a diversidade funcional das atividades da envolvente próxima e da sua densidade.

PROPOSTA





CONCEITOS

(RE)QUALIFICAR

Todos os caminhos, da nova rua ou da nova aldeia deverão levar à metrópole, sem traumas de regresso(s). A estratégia deve levar a vivência, pelo património – o que se herdou e importa valorizar, como também o que se deve construir no espírito do tempo" (CEDRU, 1980, p.5).

PAISAGEM URBANA

MEMÓRIA

COMUNIDADE

Kevin Lynch considera que as verdadeiras comunidades só existem quando os residentes partilham interesses em comuns e vitais de trabalho, crença ou comunidade familiar e/ou étnica.

BIBLIOGRAFIA



(RE)QUALIFICAR E (RE)HABITAR O BAIRRO P02

A Habitação Evolutiva no Bairro Marechal Carmona, Cascais

Orientador: Prof. Dr. Pedro Rodrigues
Orientador: Prof. Dr. José Crespo
Daniela Filipa Pires | 20130339

03. DE QUE FORMA PODE A **HABITAÇÃO EVOLUTIVA** PENSAR NO FUTURO DO BAIRRO? **I (RE)HABITAR**









PROBLEMÁTICA

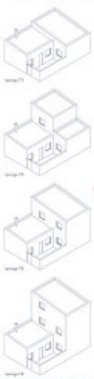




Promover novas formas de habitar e atrair novos residentes

"(...) um modo de habitar é "a relação estabelecida por uma pessoa ou família com a sua casa, uma relação que pode ser analisada através do tempo passado na casa, do interesse que a mesma desperta nos seus moradores sobretudo das práticas que aí são desenvolvidas" (Pereira, 2012:20).



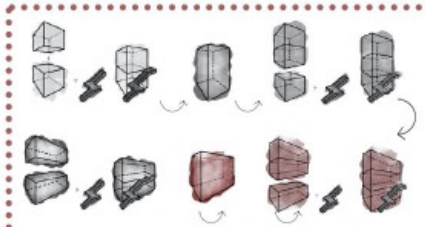


Bairro Alto do Moinho / Arq° Francisco Silva Dias

A solução delimitou o espaço de habitar às possibilidades planeadas pelo arquiteto que, consequentemente, condicionou o crescimento da forma. "Introdução do fator tempo na arquitetura" - uma casa inteira "cortada em lego".









(RE)HABITAR

Juhani Pallasmaa, o instinto de habitar é inato ao ser humano: o homem procura um local que o abrigue de perigos e de fenómenos exteriores, de forma a garantir a sua proteção.

HABITAÇÃO EVOLUTIVA









(RE)HABITAR O BAIRRO | HABITAÇÃO

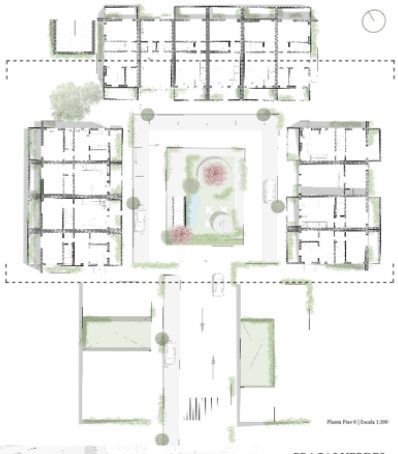
(RE)QUALIFICAR

Foi na sequência do projeto desenvolvido durante o primeiro semestre do 5º ano do ano letivo 2018/2019, focado no bairro Marechal Carmona, com o tema Redesenhar e Requalificar – o Bairro na Cidade, que surgiu o interesse no estudo sobre a forma de requalificar o Bairro e o Lugar, através do desenho urbano e arquitetónico de um bairro social, dando lugar à requalificação dos espaços públicos, à elaboração de equipamentos e serviços que o promovam e elaboração de um sistema incremental e evolutivo que possa servir de modelo e abrir o debate à descoberta e experimentação de novas alternativas na habitação, que permitam melhorar as condições de habitabilidade conforme as necessidades ao longo do tempo.

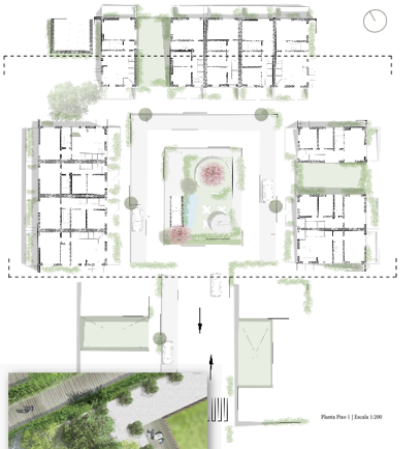
À luz da situação de degradação que este bairro social atravessa, ambiciona-se a procurar de repostas para a sua requalificação, de modo a criar condições aos moradores locais e ao convite de novos visitantes.

Procura-se o entendimento da arquitetura habitacional como uma forma passível de transformação ao longo do tempo e entender a importância da ideia de habitar, hoje em dia, que não está unicamente ligada ao "conceito de família", mas também, ao modo como cada indivíduo vive os diferentes espaços, criando diferentes perceções sobre o habitar.

Compreender as vastas alterações e instabilidade do modelo socioeconómico, problemática habitacional da época, que tornam os edifícios obsoletos e sem capacidade de adaptação às novas realidades, assim como, a constante mudança e diversidade dos modos de vida, consequentemente, as diferentes necessidades e preferências face ao espaço habitacional, procuram questionar os processos convencionais de pensar a habitação e justificam a exploração de novos modelos.



Planta Piso 0 | Escala 1:200



Planta Piso 1 | Escala 1:200







Planta Piso -1 | Escala 1:200

PRAÇAS VERDES

Tornar o bairro mais verdes e sustentável, para que possa ser habitável por toda a comunidade, é o nosso objetivo principal do projeto. Por estas razões, incluímos bastantes áreas verdes, principalmente nas zonas que promovem o encontro, como as praças e as ruas. Todos os edifícios de um piso, apresentam-se com cobertura verdes, que seria um aspeto inovador, porque podem ser usufruídos pelas pessoas com casas adjacentes.



ESTACIONAMENTO À SUPERFÍCIE

Através dos cálculos padrões, foi possível perceber a escassez de estacionamento, em todo o bairro. Para esta problema foi pensado espaços de estacionamento verdes ou permeabilizáveis que estivessem em harmonia com o próprio bairro. Estes parques de estacionamento foram projetados de acordo com as normas exigidas, respeitando as medidas e espaços de segurança necessários.







EVOLUTIVA E INCREMENTAL



Planta Piso 2 | Escala 1:200

Planta A2| Escala 1:50

Planta B1 | Piso Térreo | Escala 1:50

Planta B1 | Variante | Escala 1:50

Planta B1 | 1º Piso | Escala 1:50

Pormenor Construtivo

Planta A1 | Perspetiva

Planta B1 | Piso 0 | Perspetiva

Planta B1 | 1º Piso | Perspetiva

Alçado Norte

Corte Longitudinal

(RE)HABITAR

O instinto de habitar é inato ao ser humano: o Homem procura um local que o abrigue de perigos e de fenómenos exteriores, de forma a garantir a sua proteção. Desta forma, habitar é o objetivo fulcral da arquitetura e a sua própria justificação.

Em 20 anos, Portugal produziu um milhão e meio de novas habitações, suprimindo, em termos técnicos, o défice habitacional. Não obstante, persistem problemas relacionados com a degradação do parque habitacional dos centros urbanos antigos, com as necessidades de mobilidade das famílias e com os custos de habitação, em especial no arrendamento, que continuam elevados.

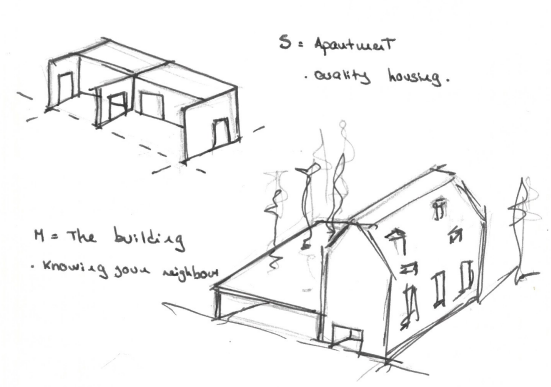
O processo SAAL foi o mecanismo através do qual germinaram projetos que, à época, representavam a máxima vanguardista, transformaram uma luta de causas sociais pelo direito à habitação. "o SAAL é o único sonho que um arquiteto, quando acordado, pode sonhar". (COSTA, 2007:41)

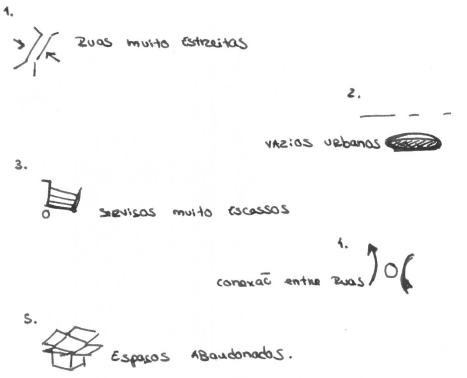
Em busca de uma construção quantitativa que expandisse de forma ordenada a cidade, surgia a tipologia de habitação evolutiva. Esta estratégia assegurava a evolução do tecido residencial segundo um sistema de organização projetado pelo arquiteto, e simultaneamente, permitia a evolução qualitativa da habitação pelo indivíduo.

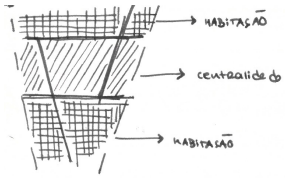
Em suma, este ponto baseia-se sobre o tempo de habitar, pretende indagar sobre a construção de uma tipologia de habitação; perceber as diferentes interpretações do mesmo princípio evolutivo e compreender a relação entre o pensamento daquele que ordena e a apropriação daquele que vive, a cidade e a habitação.

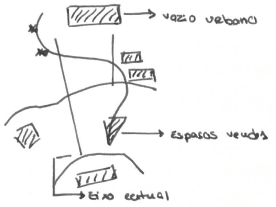
A influência do conceito da habitação evolutiva no pensamento arquitetónico português surge a partir de importantes experiências internacionais que se centraram numa forma de planear o tecido urbano a partir do campo da ação social. Desta forma, o interesse por uma arquitetura construída pelas mãos de quem habita, tornou-se na principal temática de inúmeras investigações. A participação de arquitetos, urbanistas e filósofos como Charles Abrams, Hassan Fathy e Henri Lefebvre, entre outros, potenciou a importante discussão internacional em torno do processo de habitar e surgiu com a pretensão de encontrar uma solução para as ocupações informais que emergiam um pouco por todo o lado.

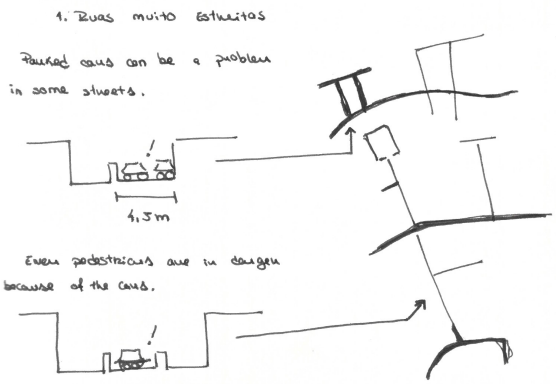
Esboços e Desenhos



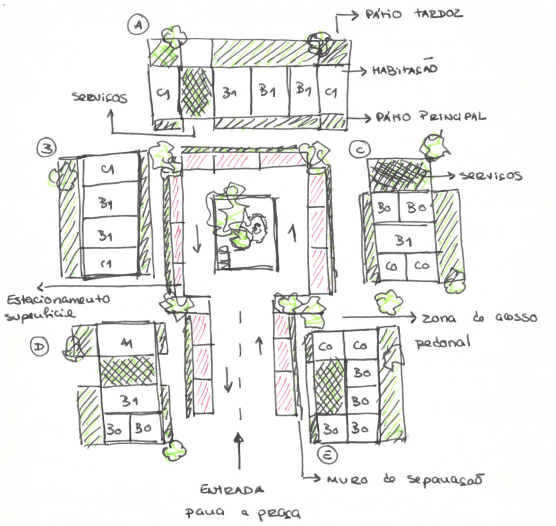


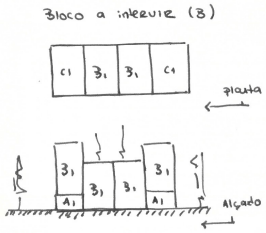


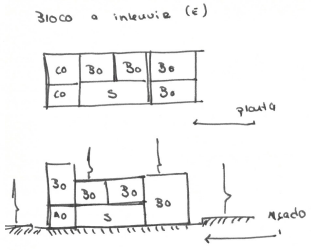


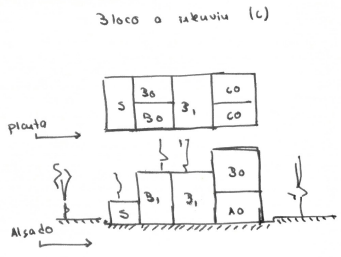


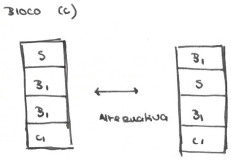


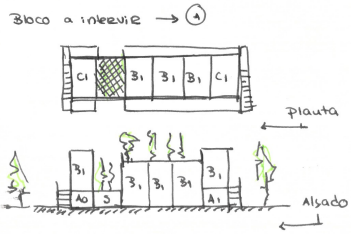


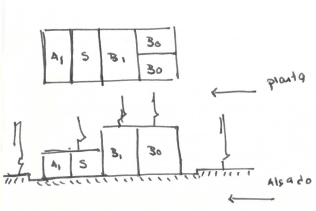


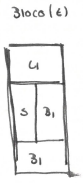


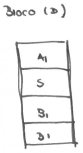


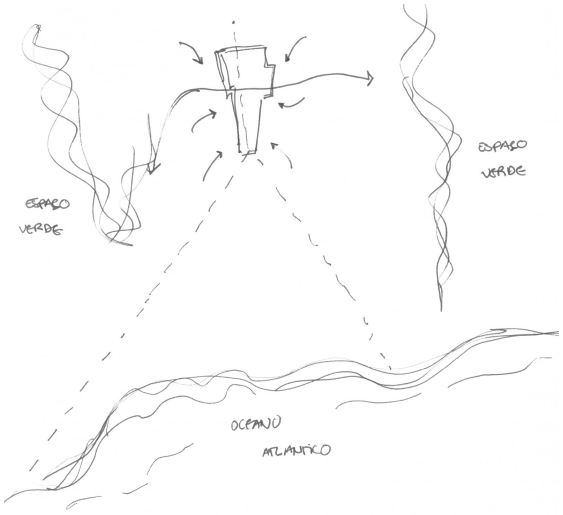


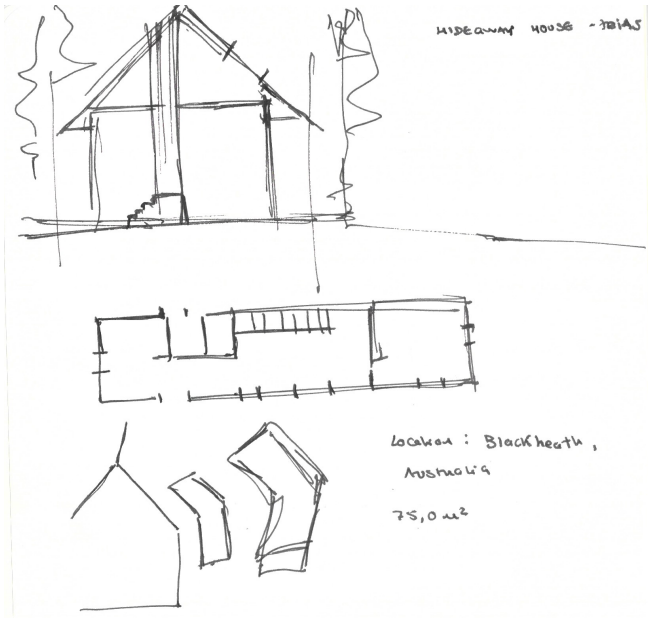


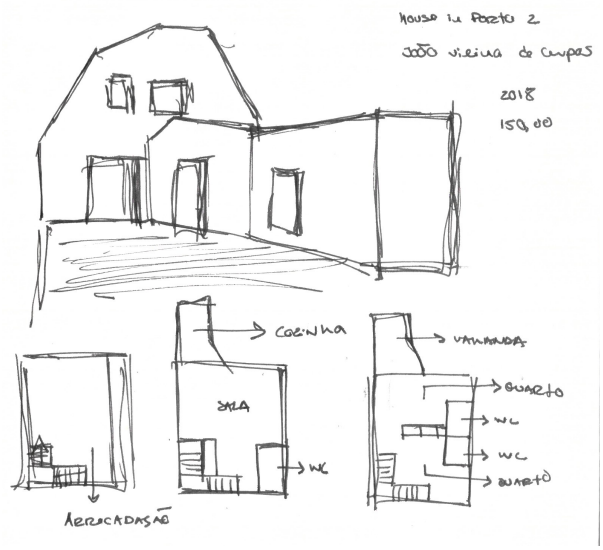


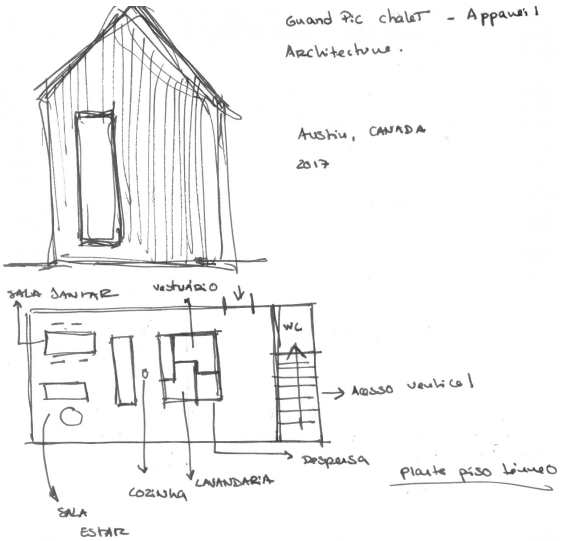


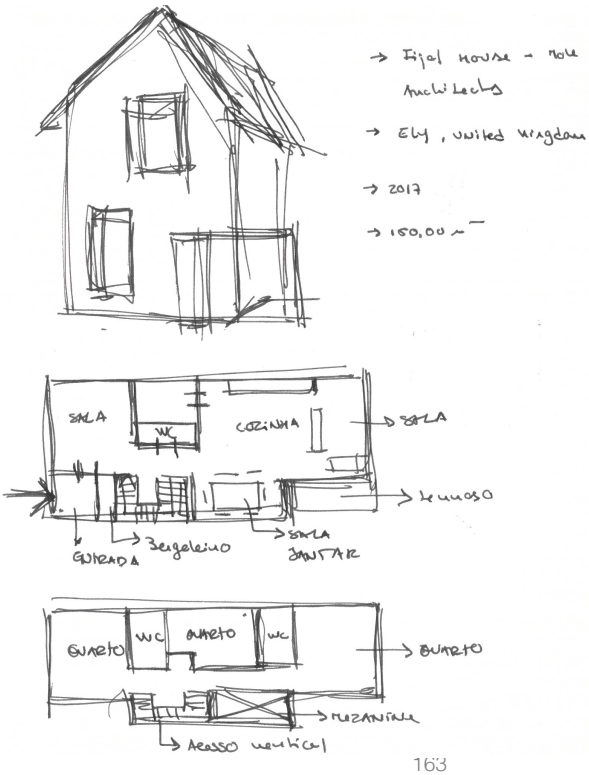



ESPAÇO VERDE
ESPAÇO VERDE
OCEANO ATLANTICO


HIDEAWAY HOUSE - TOIAS
Location : Blackheath, Australia
75,0 m²


House in Porto 2
João Vieira de Campos
2018
150,00
COZINHA
SALA
WC
LAVANDARIA
QUARTO
WC
WC
QUARTO
ARRECADAÇÃO


Guard Pic chalet - Appanui Architecture.
Austin, CANADA
2017
SALA JANTAR
VESTUÁRIO
WC
ACESSO VERTICAL
DESPENSA
COZINHA
LAVANDARIA
SALA ESTAR
planta piso térreo
WC
MEZANINE
QUARTO
planta 1º PISO

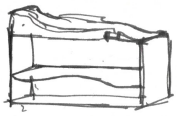

→ Tidal House - Role Architects
→ Ely, United Kingdom
→ 2017
→ 150,00 m²
SALA
WC
COZINHA
SALA
TERRAÇO
ENTRADA
SALA JANTAR
QUARTO
WC
QUARTO
WC
QUARTO
MEZANINE
ACESSO VERTICAL

HURDU

Traumhaus, FUNARI | GERMANY, Mannheim 2015



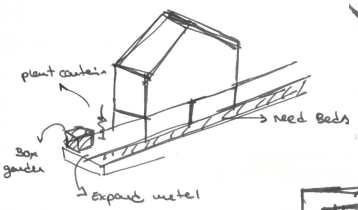


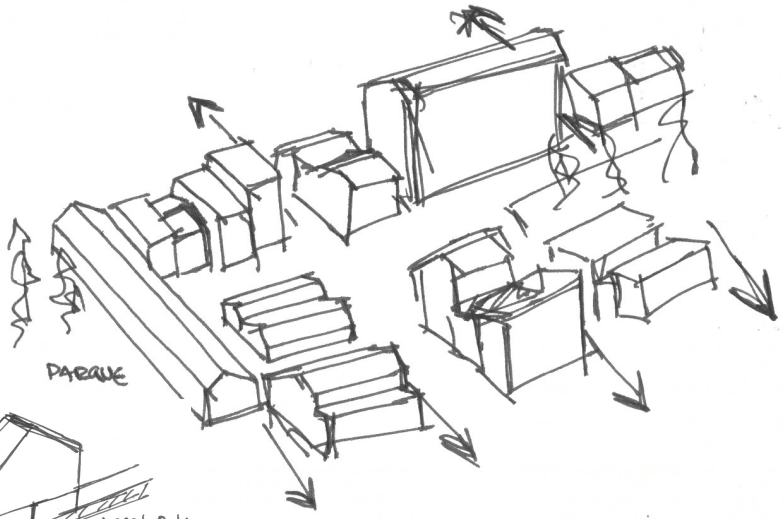


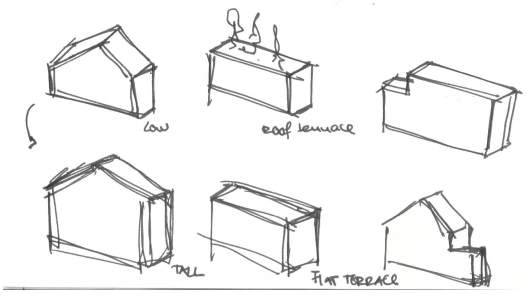




3. VARIÁVEIS









CAMPUS SKÖNDAL

↳ university college, education campus.

PASSAGEM HORIZONTAL

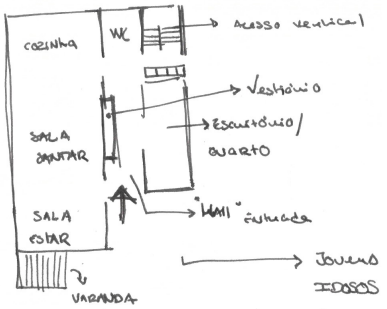
VIDRO

Espaço urbano:

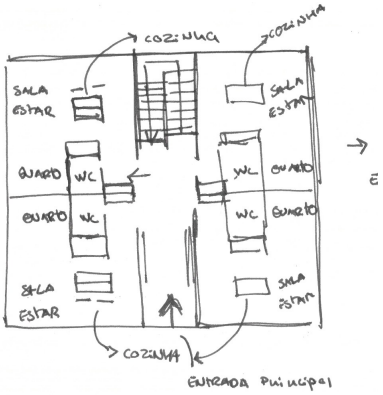
- Análise sócio-económica
  - → População
  - → HABITAÇÃO
  - → Entrada do bairro
  - → Parque Estacionamento
  - → contentores do lixo
  - → HORTAS
  - → Piramide etária
  - → População residente | Estrutura etária.



T1



T2



conceito "tiny houses" - 2018

↳ soluções práticas e inovadoras para espaços pequenos.



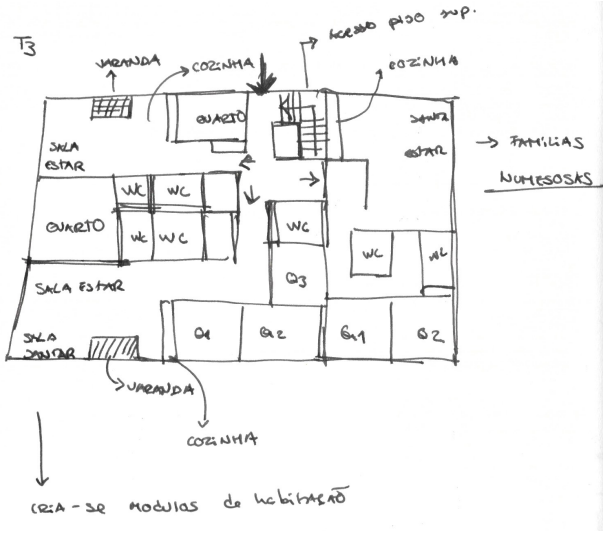
→ AMARELO - componentes do espaço urbano

→ VERDE - HABITAR HOJE

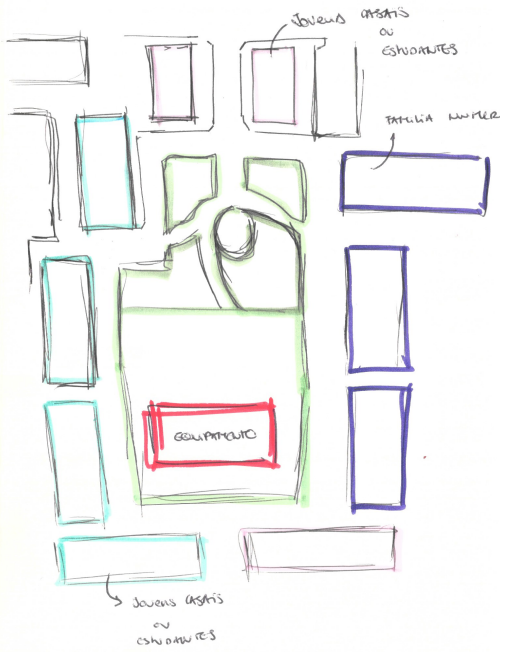
→ AZUL - HABITAR FUTURO

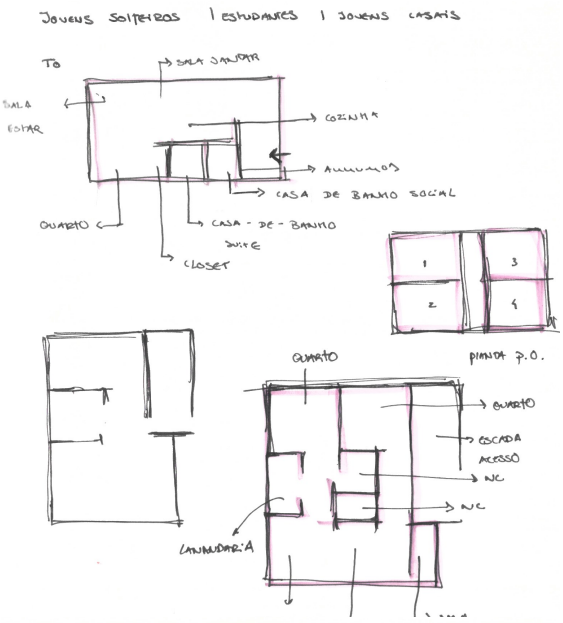
→ ROSA - REFERÊNCIAS

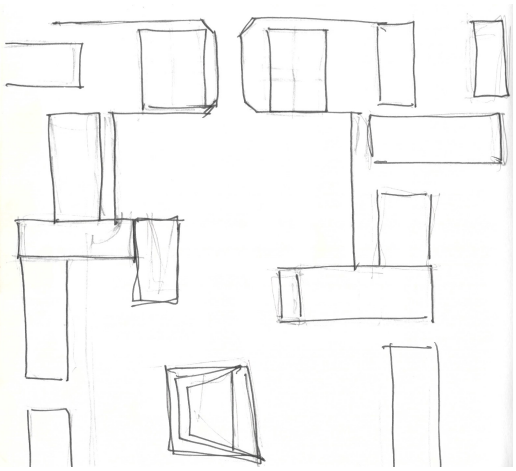
→ ROXO - PROJETO



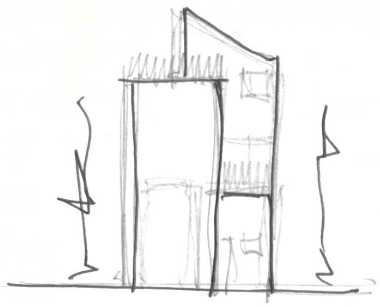
CRIA-SE MODULOS de habitação

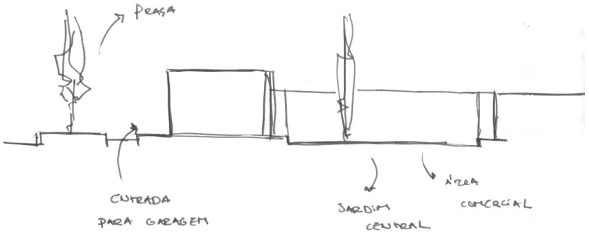


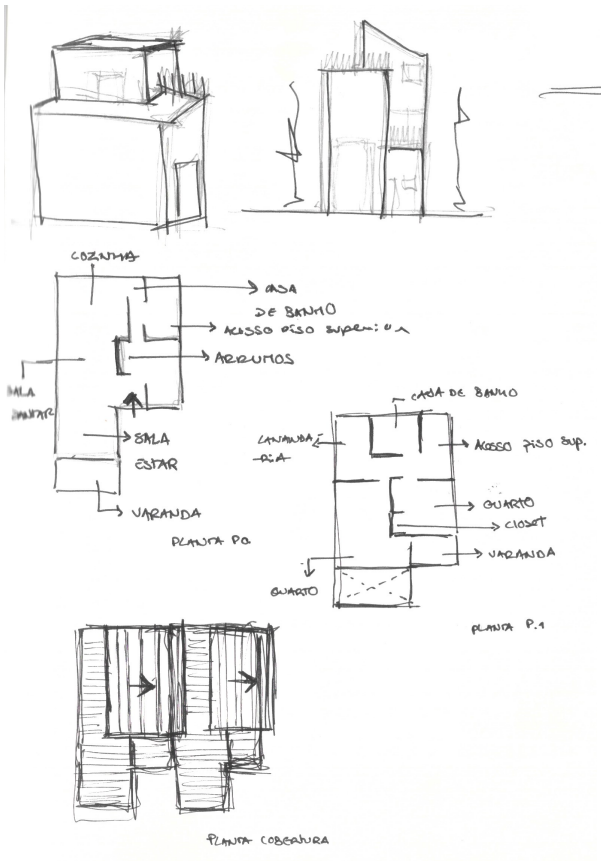


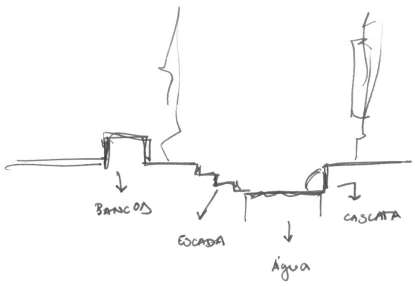


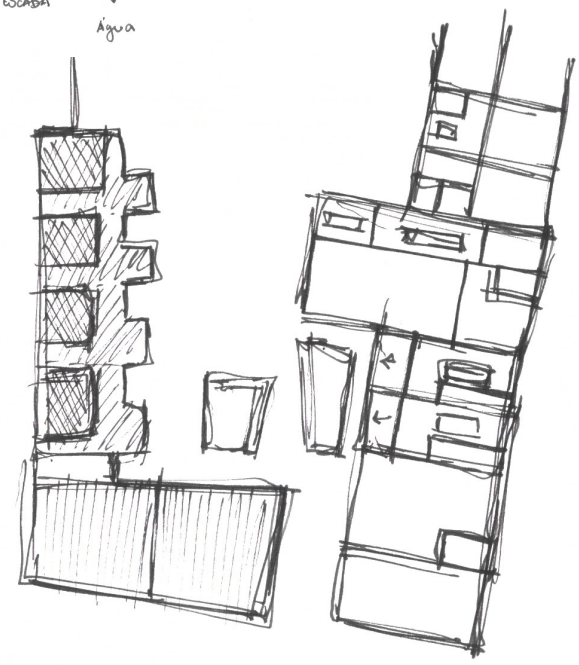


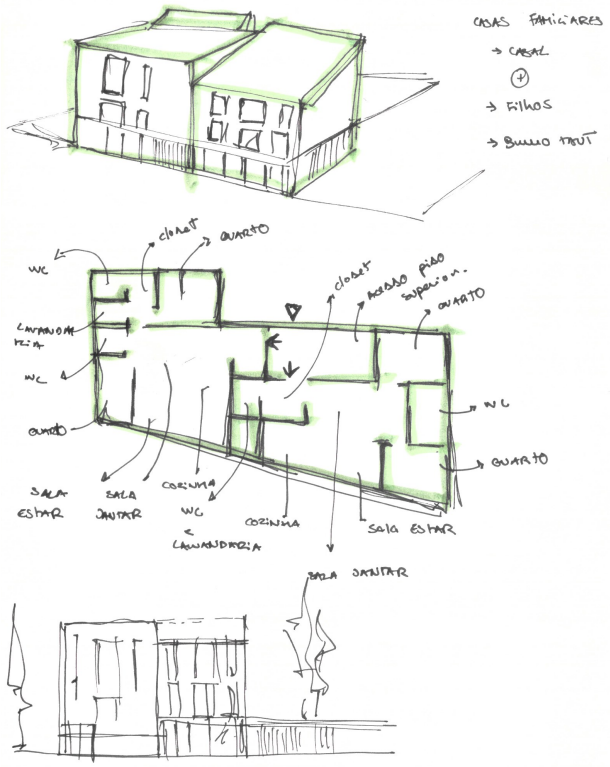


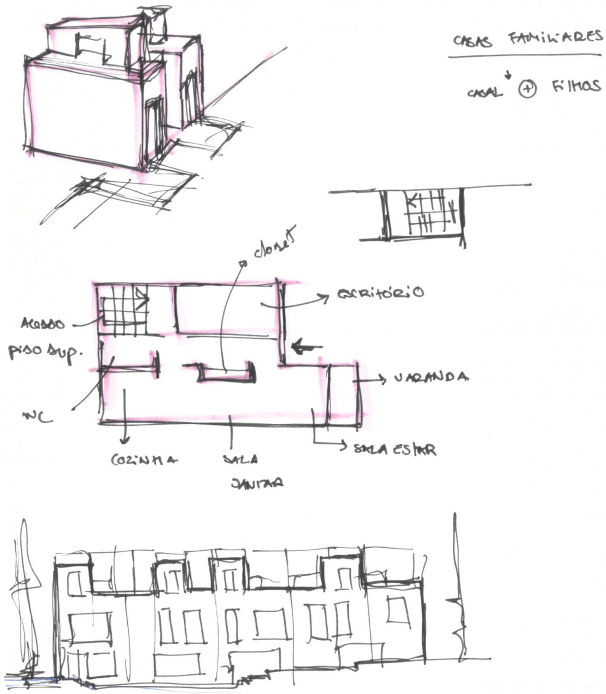


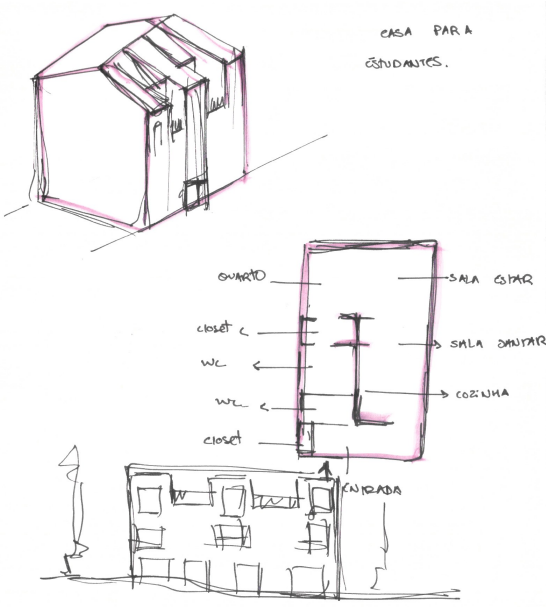

COZINHA
CASA DE BANHO
ACESSO PISO SUPERIOR
ARRUMOS
SALA JANTAR
SALA ESTAR
VARANDA
PLANTA P0
CASA DE BANHO
LAVANDARIA
ACESSO PISO SUP.
QUARTO
CLOSET
VARANDA
QUARTO
PLANTA P.1
PLANTA COBERTURA

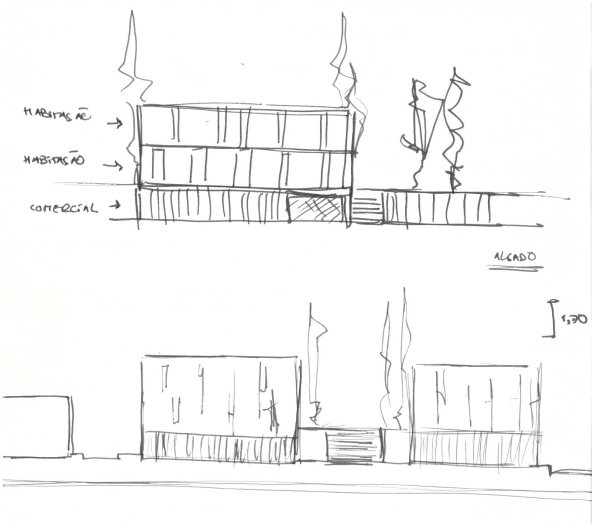

BANCOS
ESCADA
CASCATA
Água




CASAS FAMILIARES
→ CASAL
+
→ FILHOS
→ BUNNO TAUT
closet
QUARTO
WC
LAVANDARIA
WC
QUARTO
closet
ACESSO PISO SUPERIOR.
QUARTO
WC
QUARTO
SALA ESTAR
SALA JANTAR
COZINHA
WC
LAVANDARIA
COZINHA
SALA ESTAR
SALA JANTAR


CASAS FAMILIARES
CASAL + FILHOS
closet
ESCRITÓRIO
ACESSO PISO SUP.
VARANDA
WC
COZINHA
SALA JANTAR
SALA ESTAR

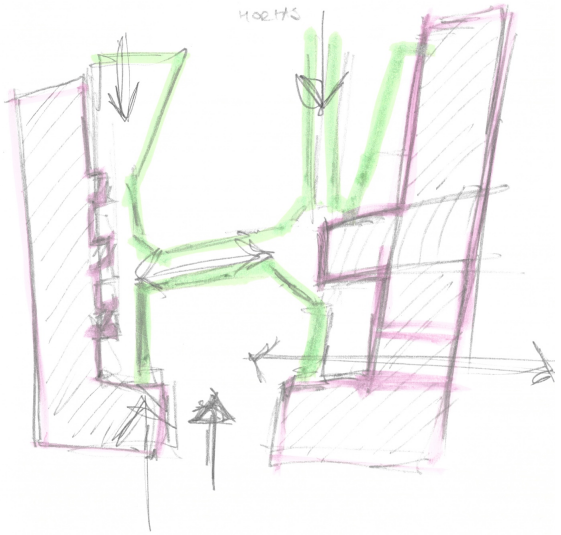


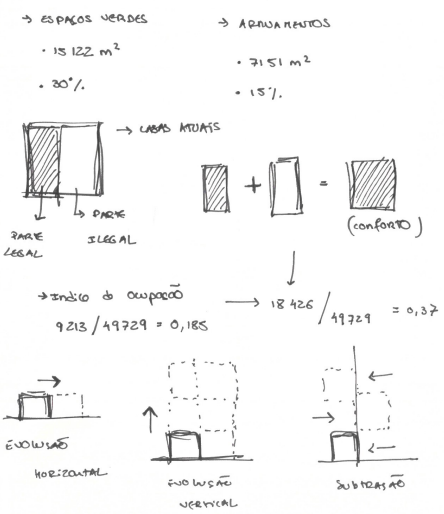


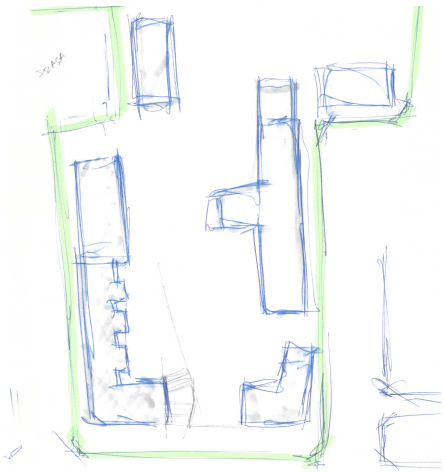
→ PLANTA 1º PISO ZERO (comercial) + HORTAS

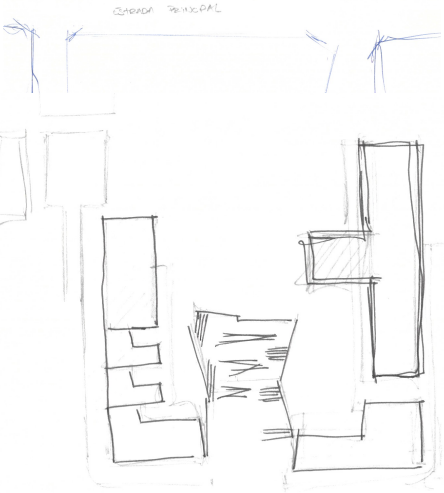
→ Planta 1º PISO (HABITAÇÃO ⊕ comércio)

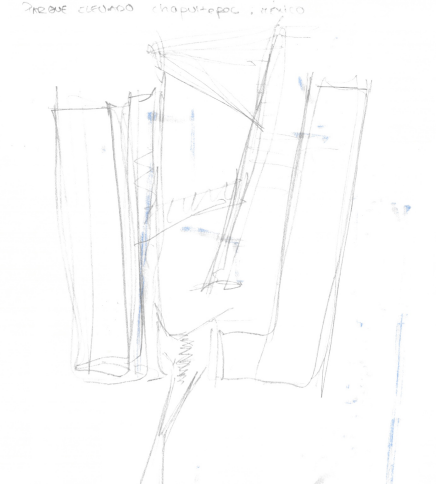
HORTAS











O BAIRRO MARECHAL CARMONA, INAUGURADO EM 1946 – DEU RESPOSTAS ÀS CARÊNCIAS HABITACIONAIS DA ÉPOCA. LOCALIZADO A 5 MIN DO CENTRO HISTÓRICO DE CASCAIS, NUM DOS PRINCIPAIS EIXOS RODOVIÁRIOS → AV. SINTRA.

Trabalho Final de Mestrado

(RE)QUALIFICAR E (RE)HABITAR O BAIRRO

INFORMAÇÃO ATUAL | HABITAÇÃO

→ 226 = Nº FOGOS TOTAL

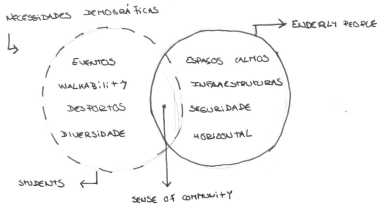
- ESTRUTURA ETÁRIA ENVELHECIDA;
- BAIXO NÍVEL DE ESCOLARIDADE;
- ELEVADOS NÍVEIS DE INATIVIDADE E VULNERABILIDADE NO EMPREGO;
- TIPOLOGIA T2 e T3;
- DESAJUSTAMENTO ENTRE A COMPOSIÇÃO FAMILIAR E TOPOLÓGICA.



PARÂMETRO URBANÍSTICO

1. CONCRETIZAÇÃO DOS EIXOS E OBJETIVOS ESTRATÉGICOS
2. ÁREA DE INTERVENÇÃO = 48 700 m²
   - ↳ ÁREA MÁXIMA DE CONSTRUÇÃO = 40 000 m²
   - ↳ ÍNDICE DE OCUPAÇÃO DO SOLO MÁXIMO = 0,46;
   - ↳ NÚMERO MÁXIMO DE PISOS ACIMA DA COTA DE SOLEIRA = 3 m;
   - ↳ PROFUNDIDADE MÁXIMA DAS EMPENAS = 15,00 m
   - ↳ 3. NOS ESPAÇOS DESTINADOS A EQUIPAMENTOS NÃO PODEM SER PROPOSTAS HABITACIONAIS.

NECESSIDADES DEMOGRÁFICAS



- EXISTE UMA POPULAÇÃO ENVELHECIDA (69% >50) E NOTÓRIO A SUBOCUPAÇÃO DOS FOGOS (GRANDE MAIORIA COM 1 OU 2 PISOS).

PRINCÍPIOS BÁSICOS

1. SOLUÇÃO JUSTA E EQUILIBRADA PARA TODOS OS ATUAIS HABITANTES DO BAIRRO;
2. BOA SOLUÇÃO URBANÍSTICA PARA O REORDENAMENTO DO CASAL;
3. VIABILIDADE ECONÓMICA - FINANCEIRA DA OPERAÇÃO;
4. RAPIDEZ NO ESTUDO E NA EXECUÇÃO DA OPERAÇÃO SOB PENA DE SE PERDER O BOM CICLO IMOBILIÁRIO;
5. CRIAR EM CASCAIS UMA EXPERIÊNCIA PILOTO NA MELHORIA DA VIDA DOS IDOSOS, ATRAVÉS DO PROGRAMA DE ENVELHECIMENTO ATIVO.

EDUCAÇÃO

DO PONTO DE VISTA DO BAIRRO É REALMENTE ATIVO.

- EXISTEM 3 ESCOLAS PRIMÁRIAS;
- MAIOR PARTE DESTES ALUNOS NÃO VIVEM NESTE BAIRRO, E MUITOS DOS PAIS DOS ALUNOS VÃO DE CARRO.

DEMOGRAFIA



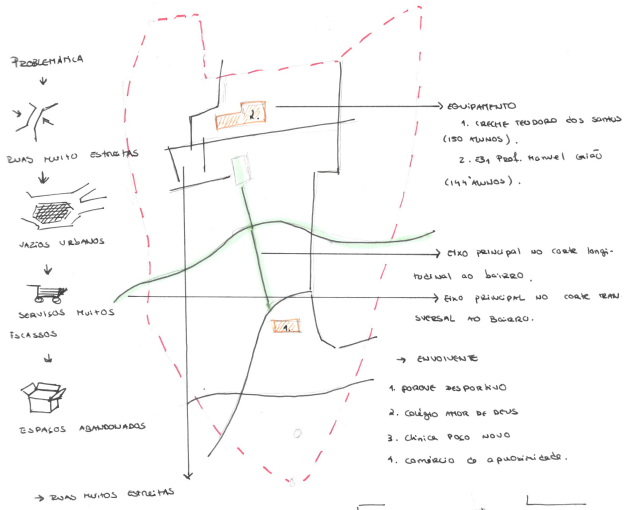
DENSIDADE

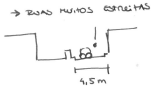


ESPAÇO DE INTERAÇÃO









→ RUAS MUITO ESTREITAS

OS CARROS PODEM SER UM PROBLEMA PARA ALGUNS AVÓS, PRINCIPALMENTE PARA ESTACIONAR



OS PEÕES PODEM ESTAR EM PERIGO POR NÃO HAVER UM PASSEIO PRÓPRIO.

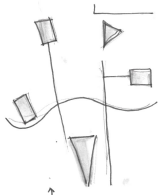
→ ESCASSEZ DE SERVIÇOS

- ENQUADRADO COM O BAIRRO EXISTEM 3 ESCOLAS
- 1 CENTRO RECREATIVO E DE DESPORTO

→ TODOS OS SERVIÇOS SÃO LOCALIZADOS NA VIZINHANÇA DO BAIRRO;

→ ESTES PROBLEMAS FAZ COM QUE O BAIRRO NÃO SEJA UNIDOS E EM COMUNIDADE;

→ OS SERVIÇOS EMPREGAM NOVOS MORADORES E TRABALHADORES.



ESTUDO DEMOGRÁFICO ATUAL

(0 – 14) — 22 RESIDENTES (8,20 %)
(15 – 24) — 23 RESIDENTES (8,60 %)
(25 – 44) — 46 RESIDENTES (17,20 %)
(45 – 64) — 74 RESIDENTES (27,60 %)
(65 – 74) — 51 RESIDENTES (19,00 %)
(75 – +) — 52 RESIDENTES (19,40 %)

TIPOLOGIA DE ALOJAMENTOS

8,3 % = T1
44,6 % = T2
38,0 % = T3
7,4 % = T4
1,7 % = T5

ABANDONADOS:

→ ALGUMAS CASAS ESTÃO COMPLETAMENTE VAZIAS OU ABANDONADAS;

· 23 CASAS ABANDONADAS 203 CASAS HABITADAS.

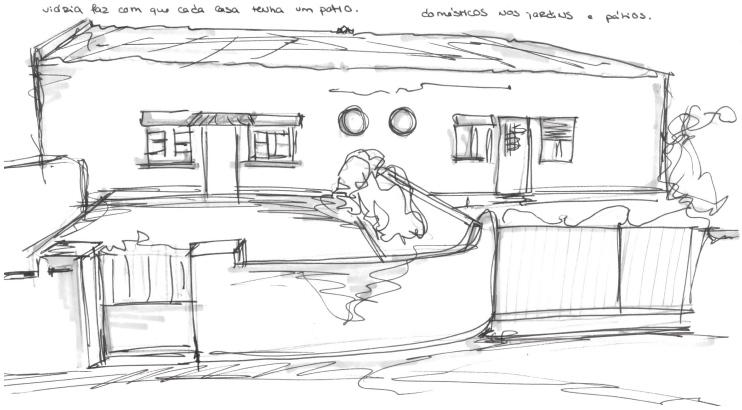


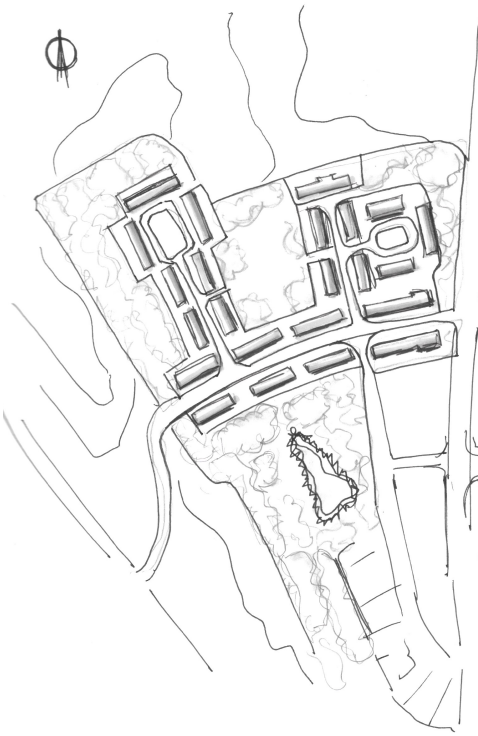
VIDA URBANA:

→ CADA CASA TÊM O SEU ESPAÇO INDIVIDUAL EXTERIOR.

· AS RUAS ESTREITAS E A POUCA MOVIMENTAÇÃO VIÁRIA FAZ COM QUE CADA CASA TENHA UM PÁTIO.

· OS JARDINS ESTÃO ESPALHADOS POR TODO O BAIRR
. MAIORIA DOS HABITANTES TÊM CÃES E ANIMAIS DOMÉSTICOS NOS JARDINS E PÁTIOS.



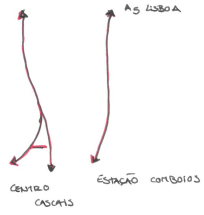


SANTA CASA DA MISERICÓRDIA DE CASCAIS

BAIRRO PARA POBRES

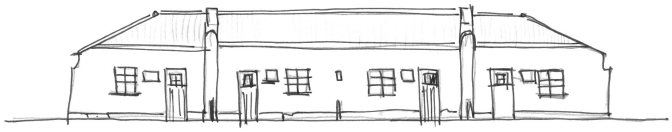
ESC. 1:1000

O BAIRRO É LIMITADO POR DUAS RUAS DE EXTREMA IMPORTÂNCIA.

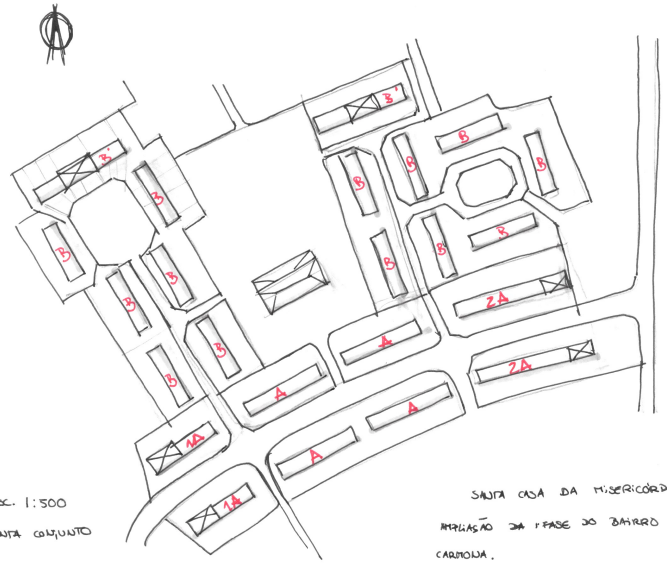


BAIRRO DE CASAS PARA POBRES

ALÇADO POSTERIOR



ESC. 1:50



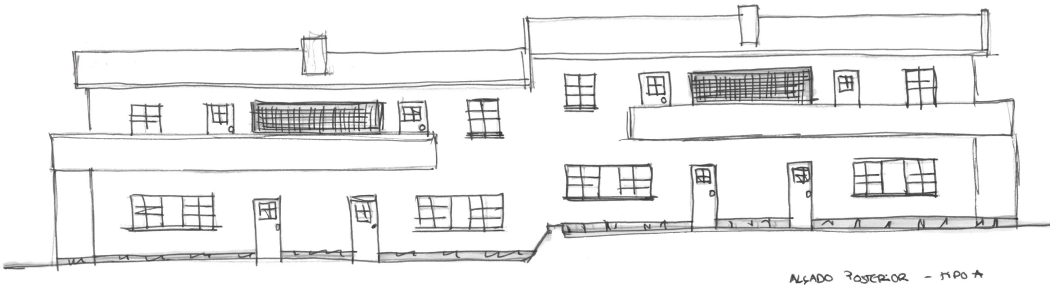
ESC. 1:500

PLANTA CONJUNTO

SANTA CASA DA MISERICÓRDIA

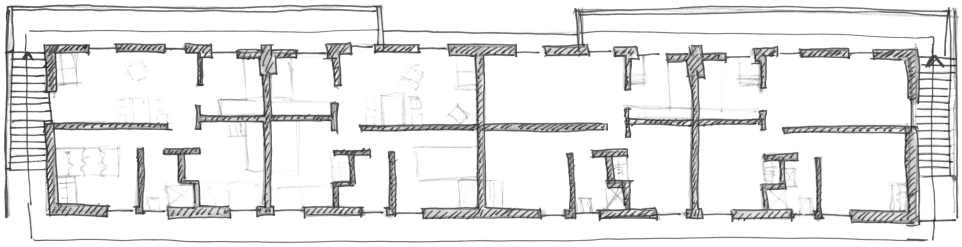
AMPLIAÇÃO DA 1ª FASE DO BAIRRO MARECHAL CARMONA.





ALÇADO POSTERIOR - TIPO A

esc. 1:50



PLANTA PISO 2º - TIPO A

Projeto 1ª FASE:

→ manter mas restringir muito os veículos dentro do bairro;

→ 2 eixos principais

→ sistema orgânico de conexão

REQUALIFICAR

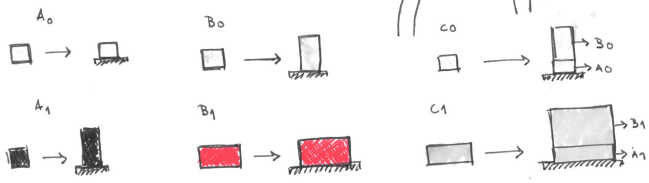
Temporizar os edifícios existentes em áreas degradadas, visando melhoria à qualidade de vida desta área.

↳ têm um cariz mais económico do que social ou urbanístico.

(RE)habitar - memória / imagem e património.

- onde ficariam os estudantes?
- qual é a tipologia?
- onde está a mobilidade?
- onde está a vivência?





SERVIÇOS



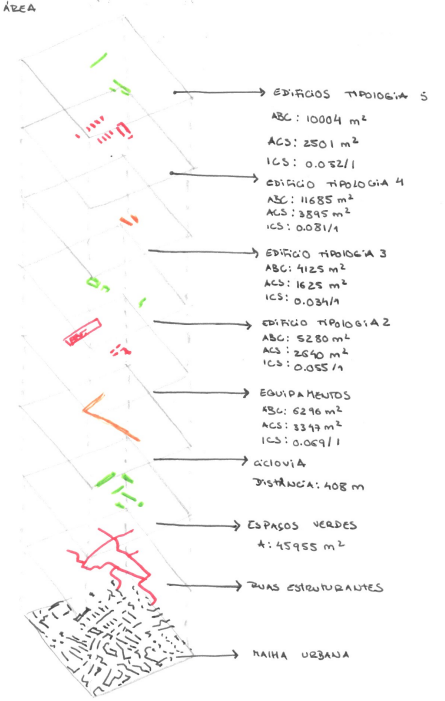
↳ ABANDONADOS

→ A HABITAÇÃO é uma das intervenções que pretendo fazer, através da requalificação da tipologias existentes na área da Santa Casa da Misericórdia.

→ Através destas alterações podemos perceber a evolução que houve, passando de 226 fogos para 446 fogos

→ A partir do desenvolvimento do sistema de aglegação incremental e evolutiva, permitiu aumentar o número de casas e consequentemente o numero

ABC: ÁREA BRUTA CONSTRUÇÃO
ACS: ÁREA DE CONSTRUÇÃO NO SOLO
ICS: ÍNDICE DE CONSTRUÇÃO NO SOLO
A: ÁREA



TOTAL: ABC: 37390 m² ACS: 14008 m² ICS: 0.29/1

Mobilidade:

O bairro encontra-se perto do centro de cascais

15. min

10. min

5. min

5. min

Proposta de intervenção

- Área de intervenção = 48700 m²
- Área máxima de construção = 40 000 m²
- Índice de ocupação do solo máximo = 0,45
- Nº máximo de pisos acima da cota de soleira = 3
- Profundidade máxima dos ocupantes = 13,00 metros.



OBJETIVOS estratégicos:

→ constituir um território com qualidade de vida urbana, socialmente coeso e inclusivo a que pertence a cidadania ativa.

→ assegurar a conetividade territorial com a envolvente, espaços públicos inclusivos e acessíveis, com especial enfoque no peão.

→ Garantir uma leitura homogénia do território, através de um desenho urbano consistente e morfologicamente adaptado ao terreno.

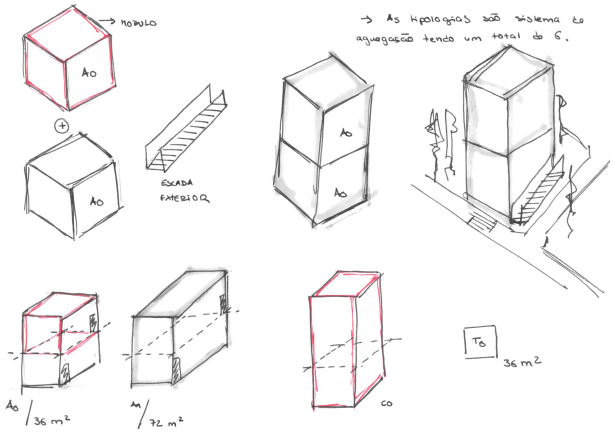
→ Promover a melhoria dos equipamentos existentes e criar um equipamento social de apoio à população.

PARA reabilitar o BAIRRO

→ tem de EXISTIR uma ligação entre (a casa), (o trabalho) e o (lazer).

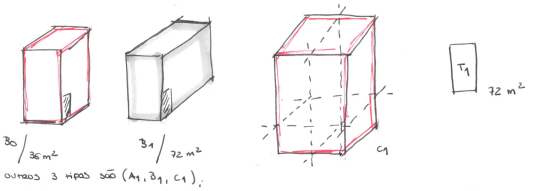
ESQUEMA HABITACIONAL. | REQUALIFICAR e REHABITAR

· O arquiteto tem o poder de mexer com a natureza e é importante que este tenha sensibilidade em relação ao espaço e à harmonia do mesmo.



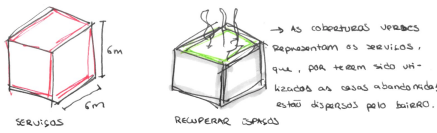
↳ As 3 primeiras tipologias são (A_0, B_0, C_0).

Mantendo as dimensões das plantas existentes, mas desenvolvem-se verticalmente em 2 a 3 pisos.

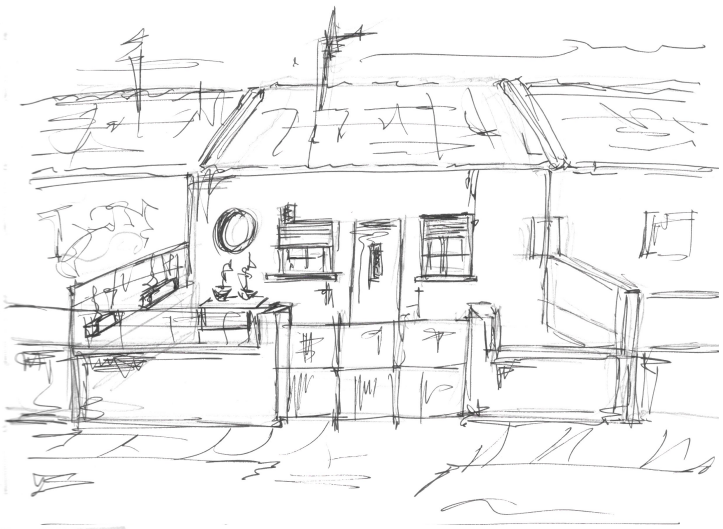


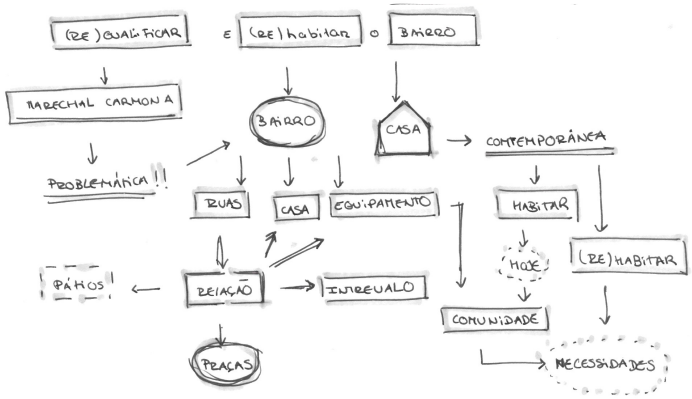
↳ Os outros 3 tipos são (A_1, B_1, C_1).

são equivalentes ao aumento em dobro destas tipologias pré-existentes. Utilizados por mais habitantes

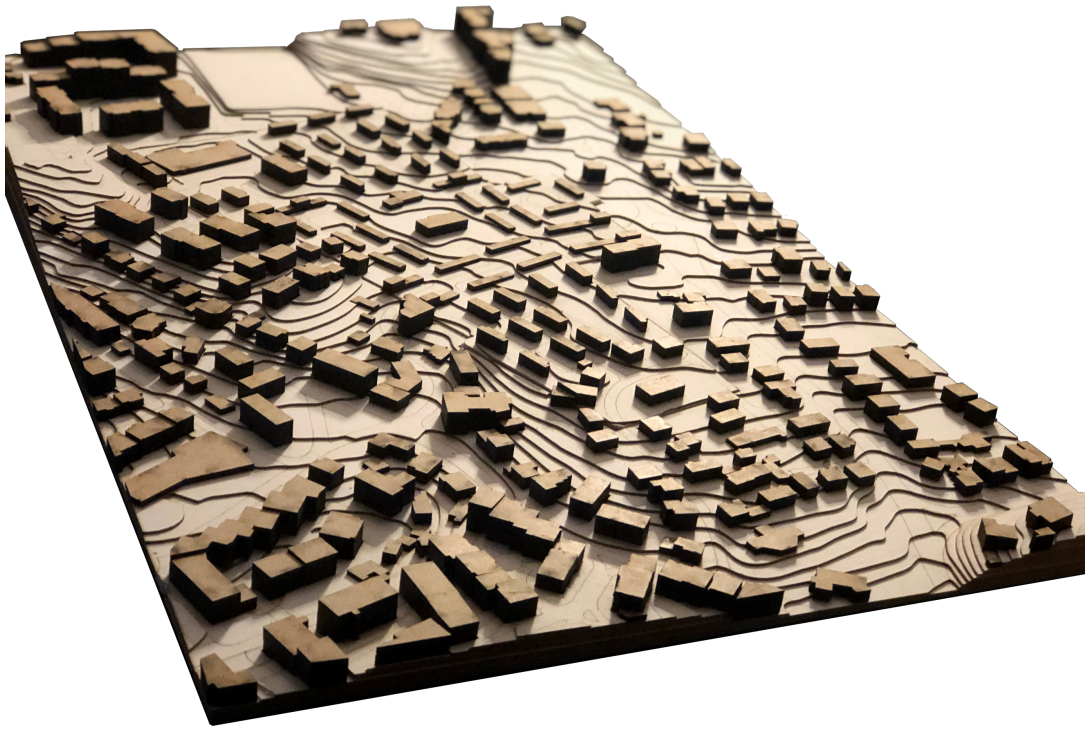


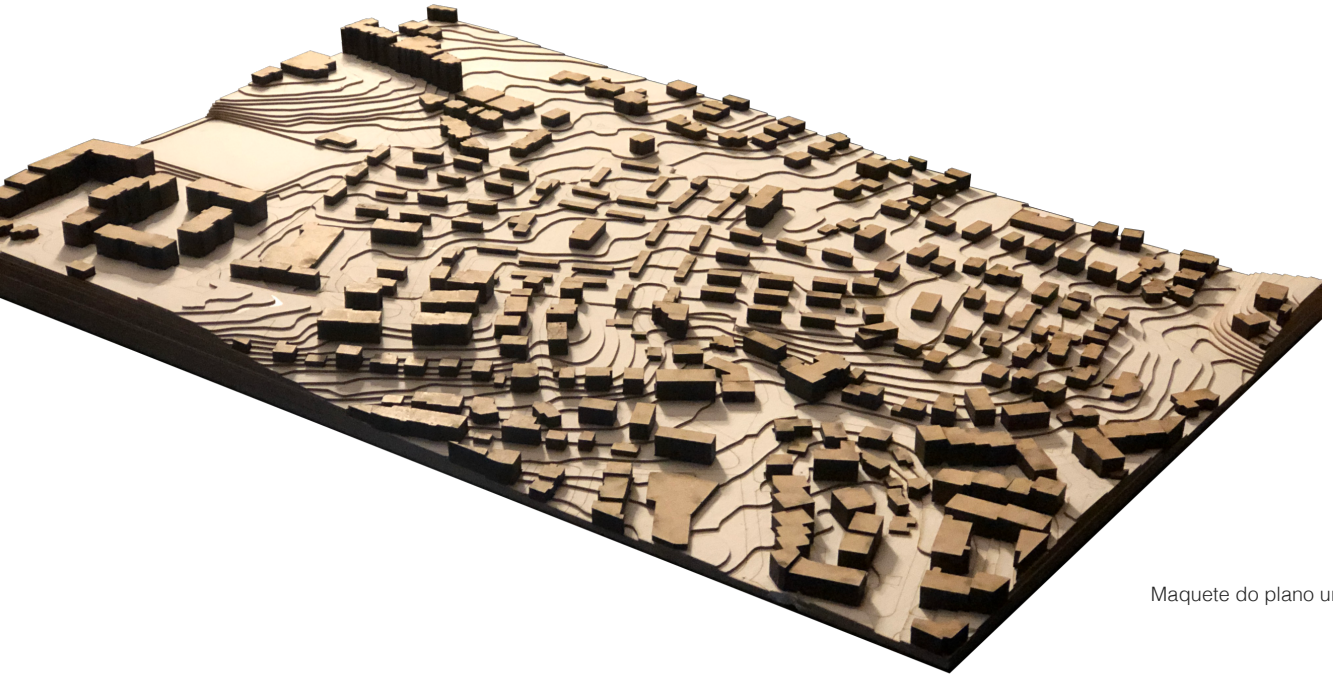






Maquetes do Projeto Final de Mestrado





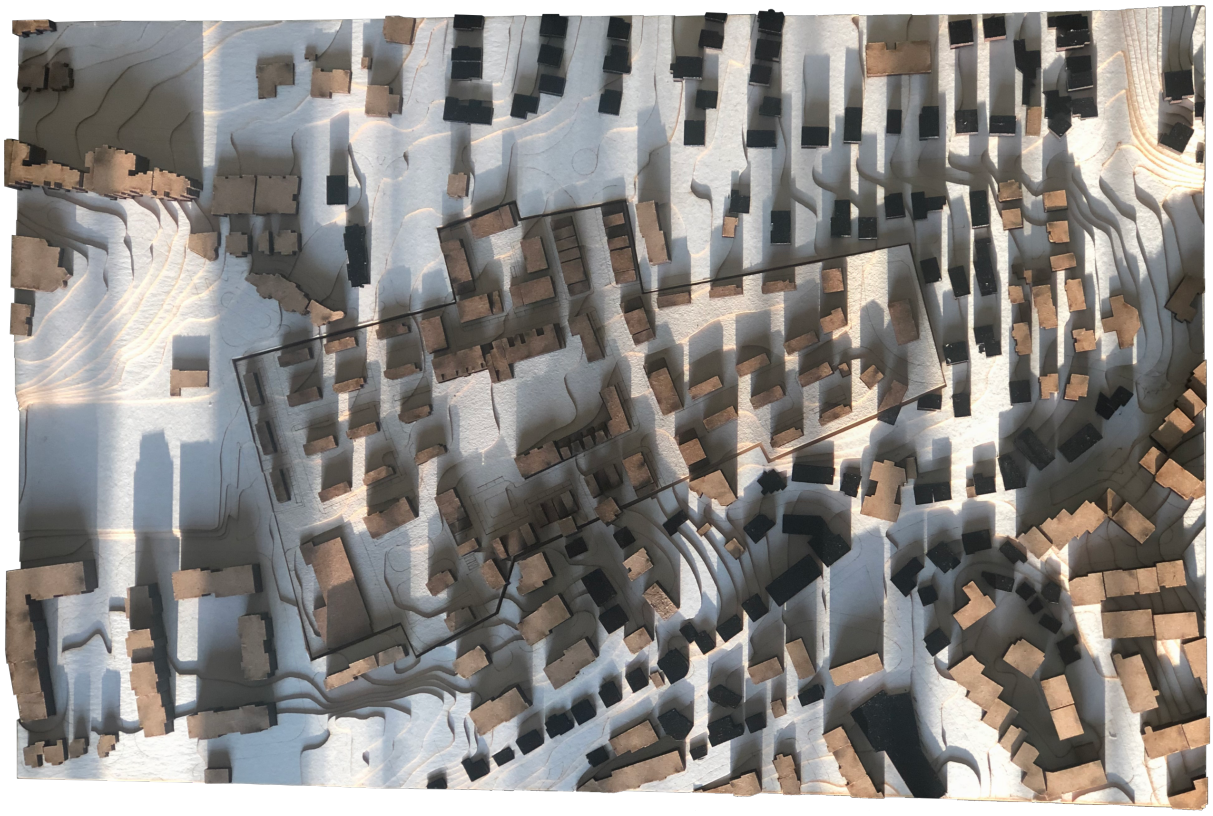
Maquete do plano urbano, 2019

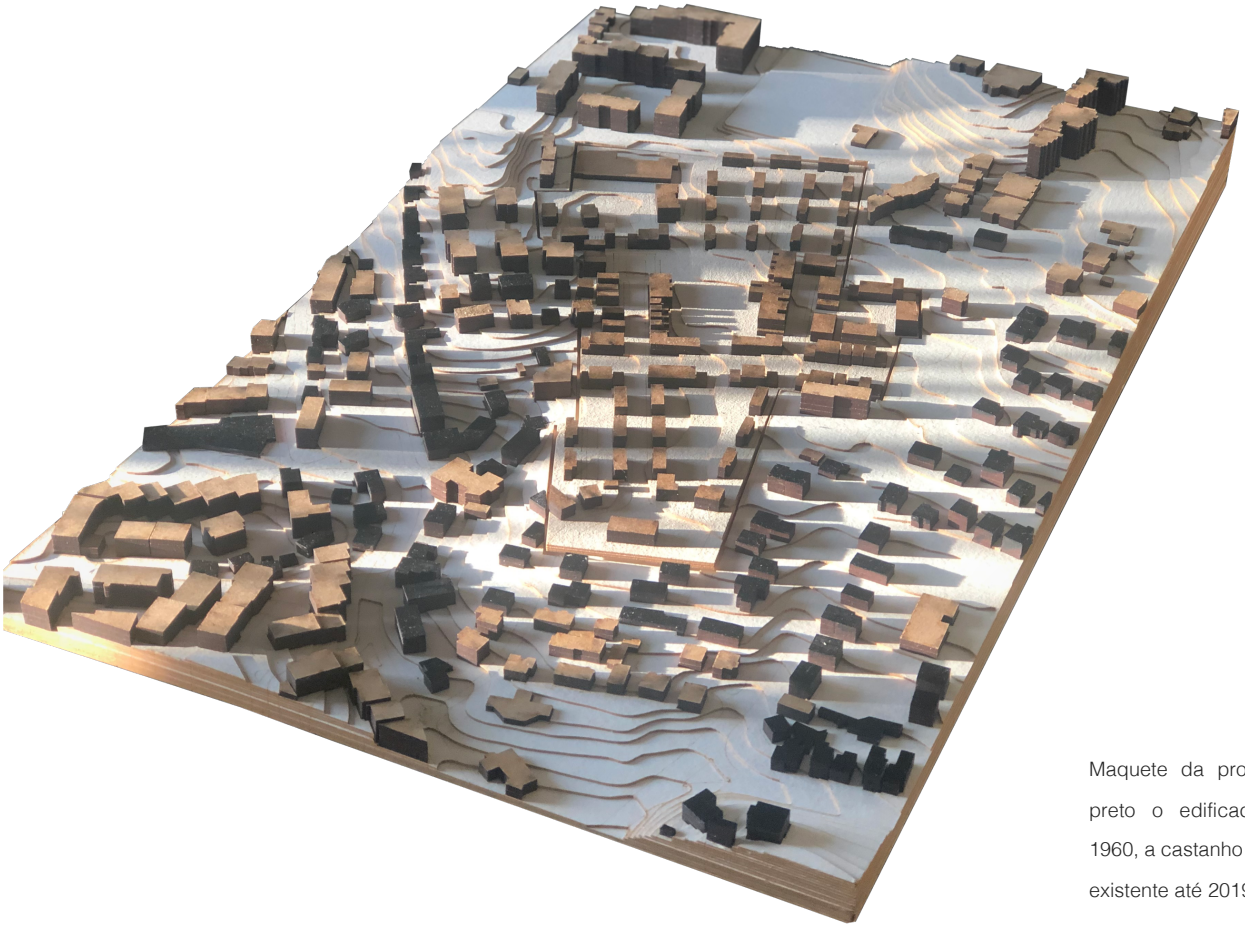




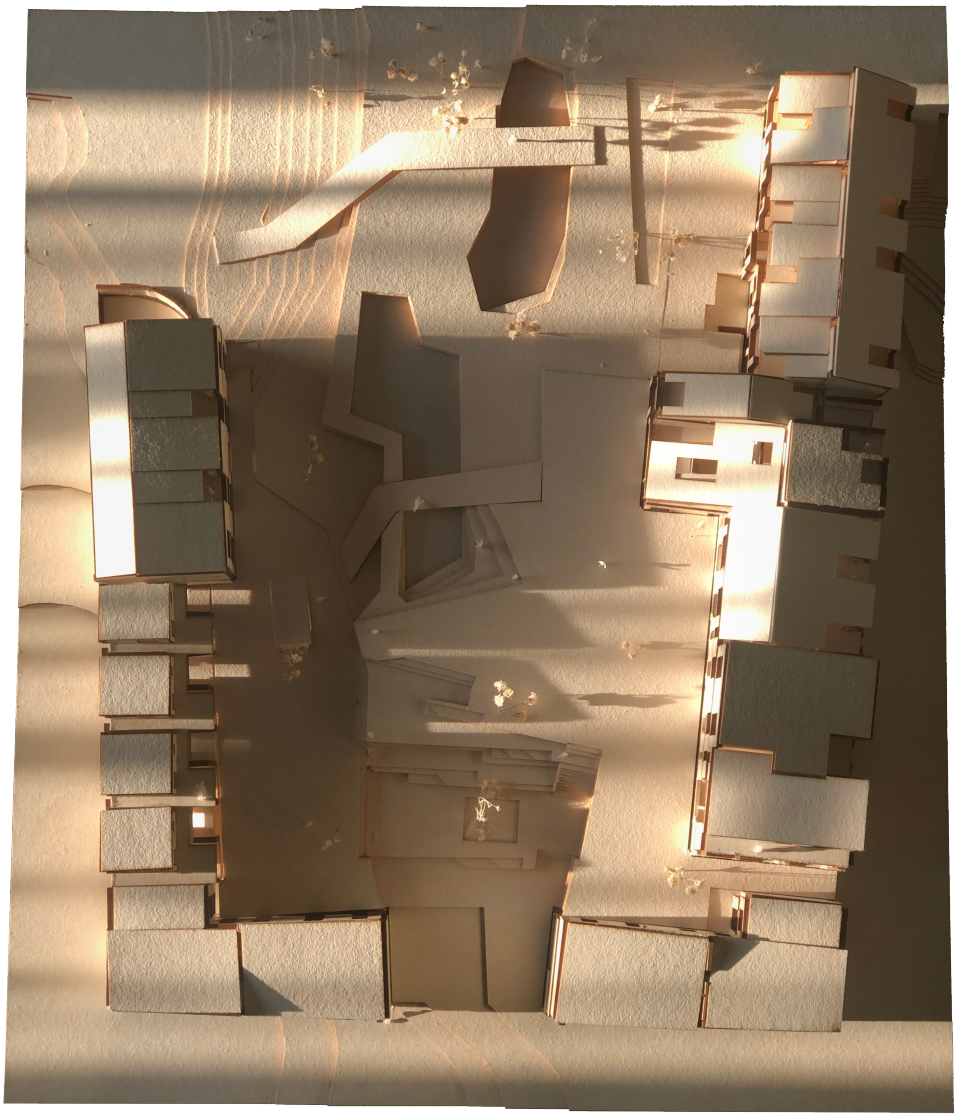


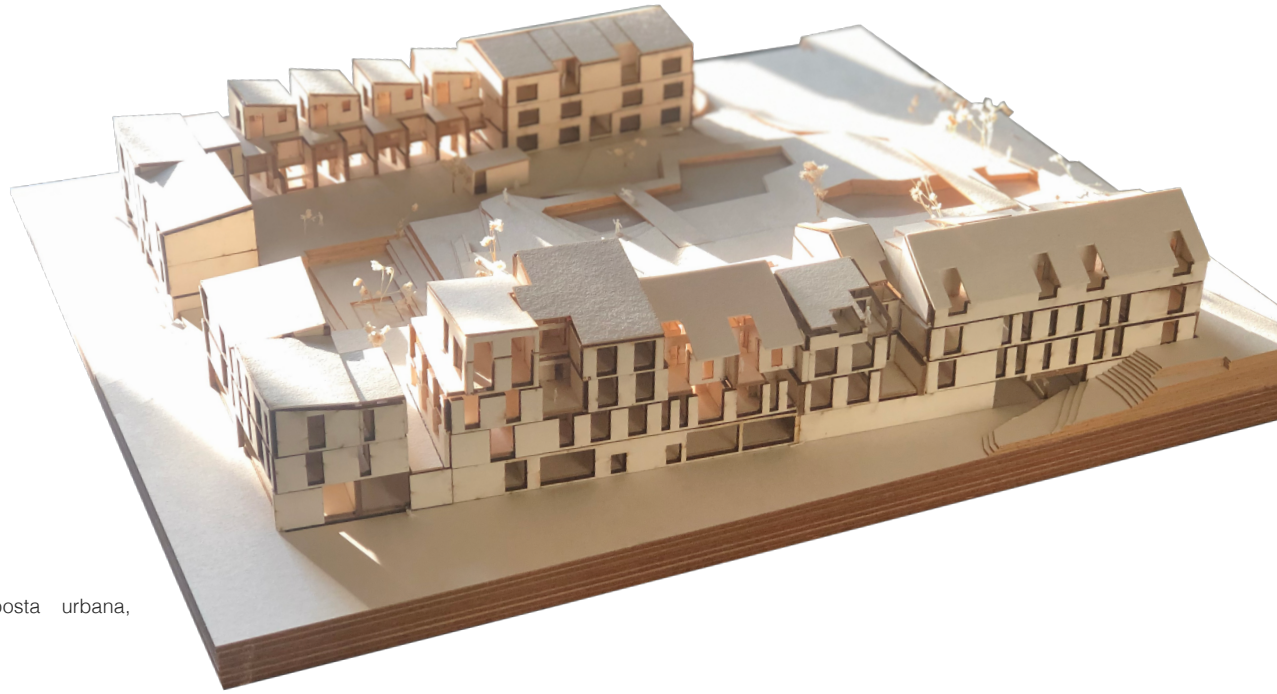
Maquete do plano urbano, a preto o edificado existente em 1960, a castanho todos o edificado existente até 2019.



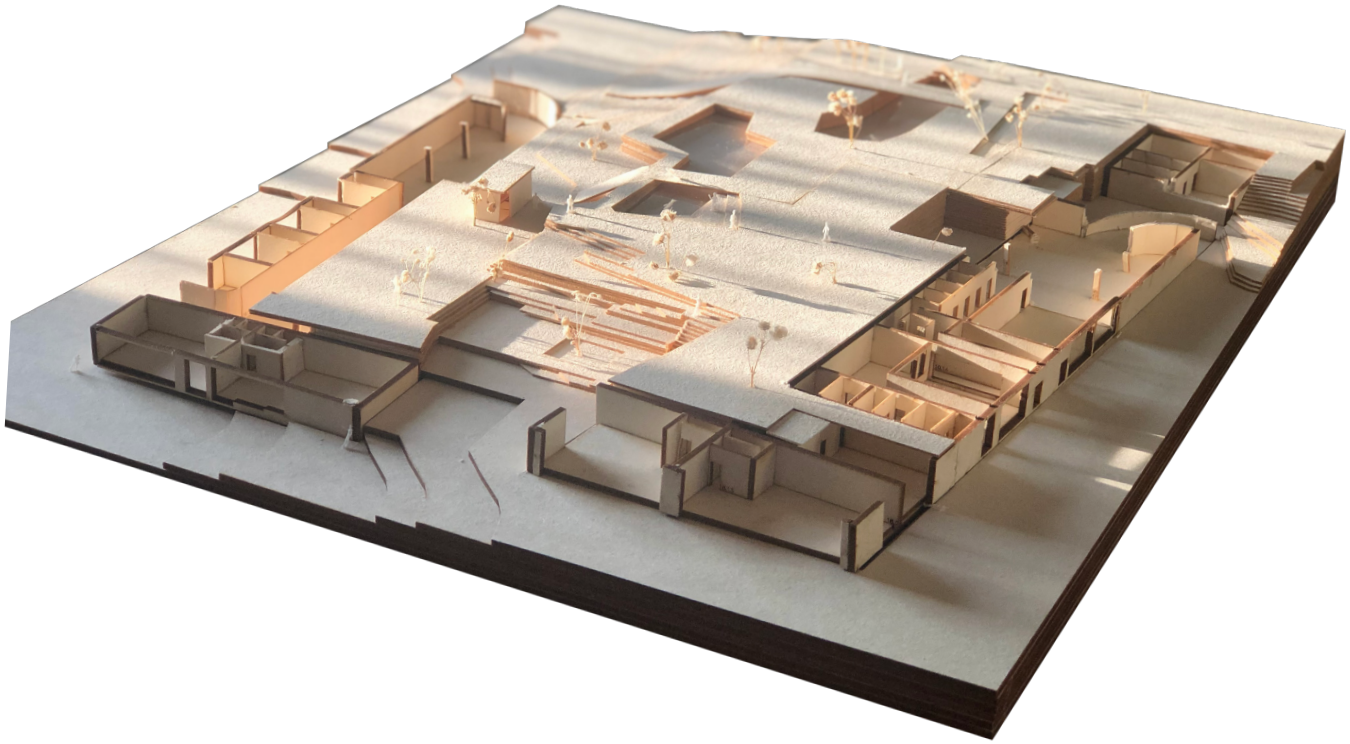


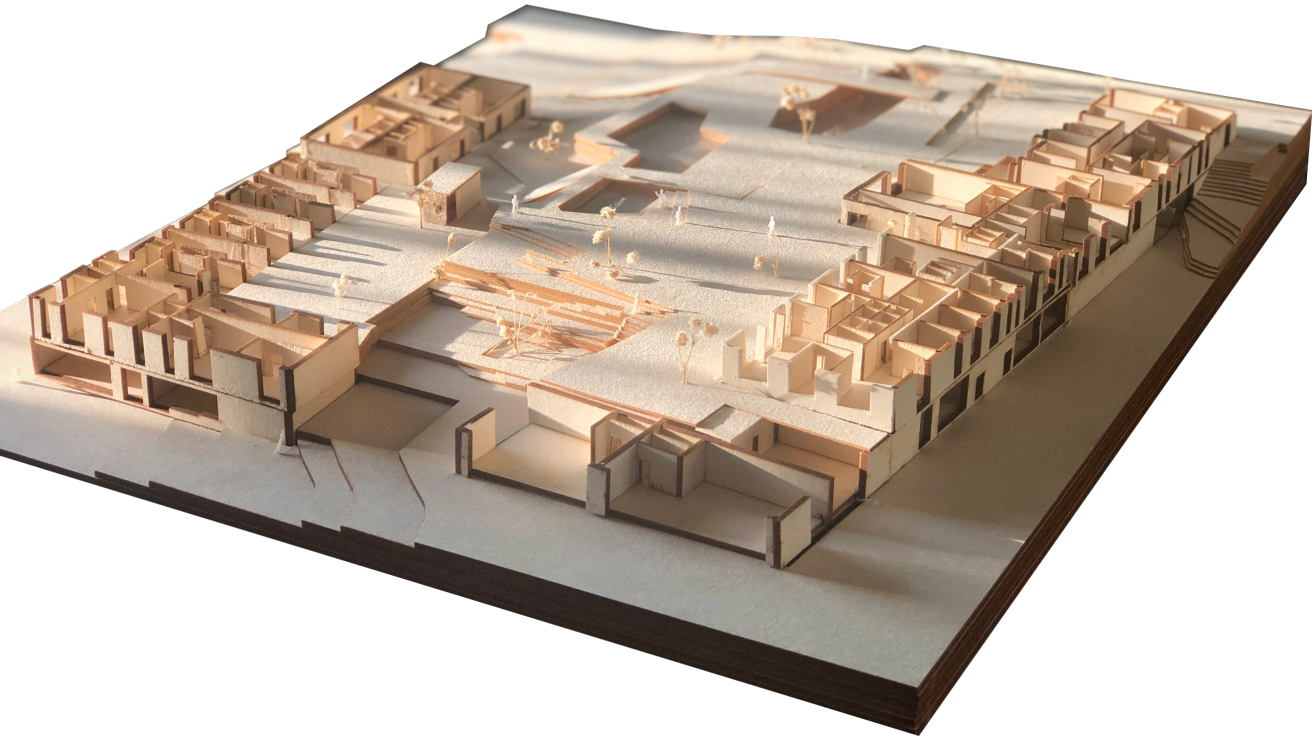
Maquete da proposta urbana, a preto o edificado existente em 1960, a castanho todos o edificado existente até 2019.

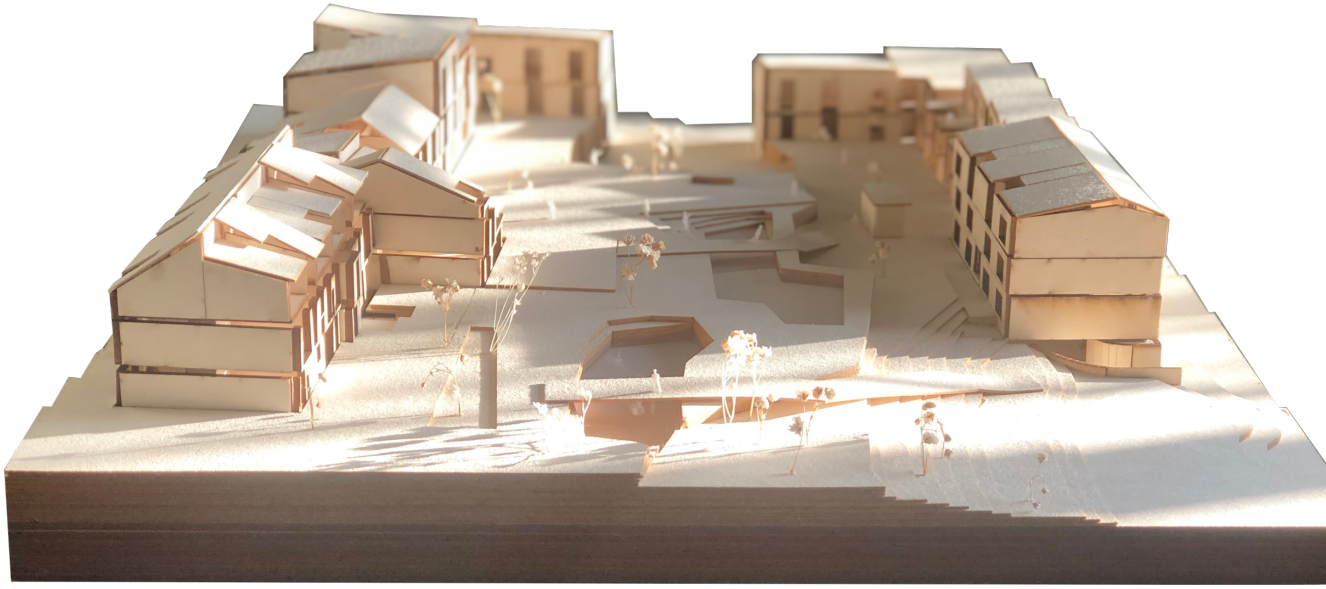


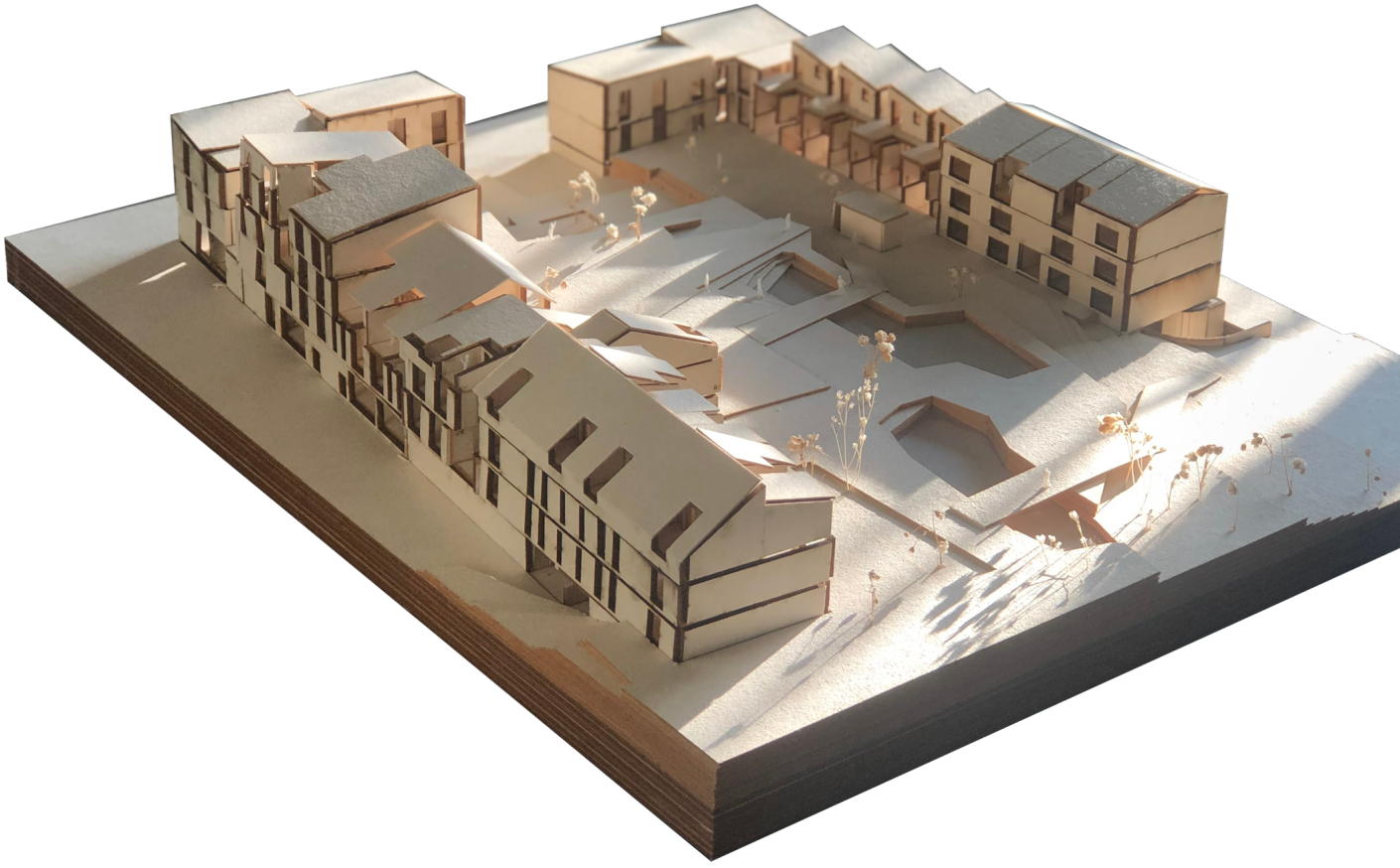


Maquete da proposta urbana, escala 1:200.









ANEXO IV

APRESENTAÇÃO GRÁFICA DO PROJETO FINAL DE MESTRADO

Montagem do Painel de Apresentação Completo

01| Análise e Estratégia à Escala Nacional

02| Análise e Estratégia à Escala do Concelho e do Bairro

03| Análise Morfológica do Bairro Marechal Carmona e Envolvente

04| Análise sobre a Envolvente do Bairro | Unidade Operativa

05| Proposta Urbana

06| Conceito do Lugar e Análise dos Casos de Referência

07| Perspetiva Exterior

08| Perspetiva Exterior

09| Perspetiva Exterior e Alçado Nascente | Escala 1:200

10| Esquema de Usos e Tipologias | Programa Principal

11| Planta de Nolli | Escala 1:300

12| Perspetivas Interiores

13| Alçado Sul e Perspetiva Exterior | Escala 1:200

14| Planta Piso -1 | Escala 1:200

15| Planta Piso 0 | Escala 1:200

16| Planta Piso 1 | Escala 1:200

17| Planta Piso 2 | Escala 1:200

18| Planta Piso Coberturas | Escala 1:200

19| Axonometria Explodida

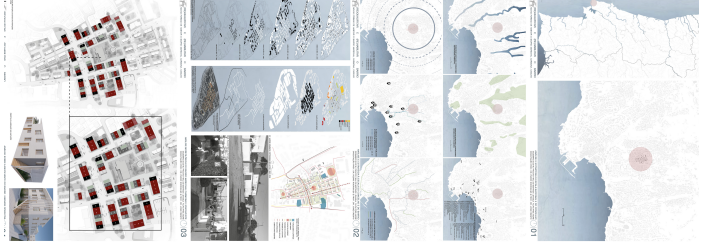
20| Perspetiva Exterior

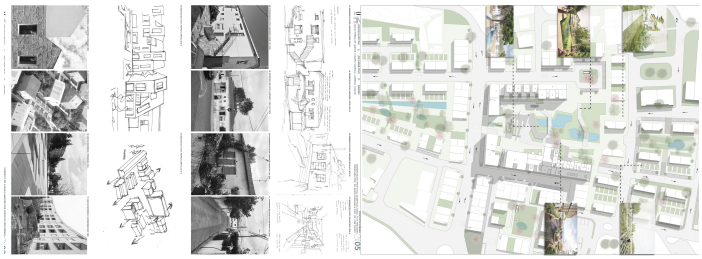
21| Cortes | Escala 1:200

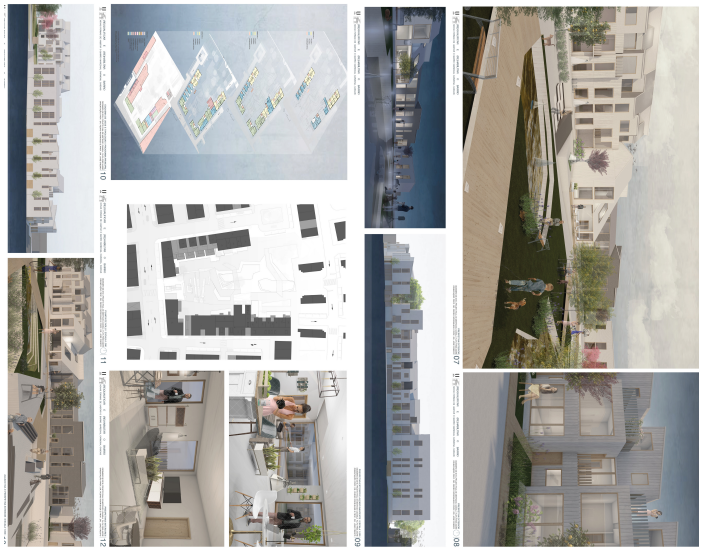
22| Alçado Sul e Corte | Escala 1:200

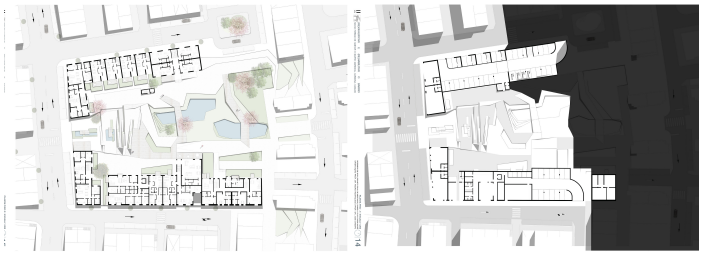
23| Perspetiva Exterior

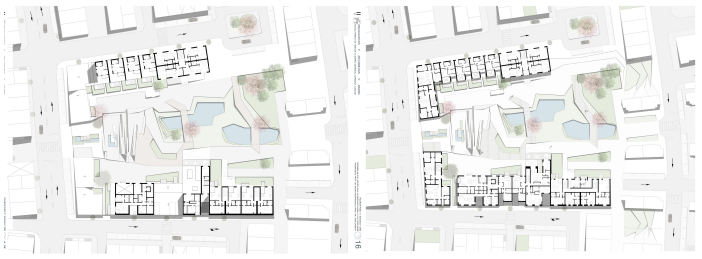
24| Corte Construtivo | Escala 1:20

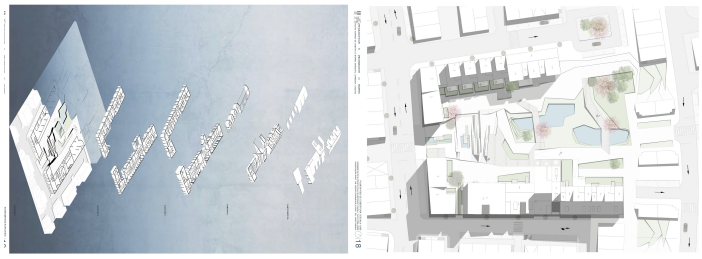


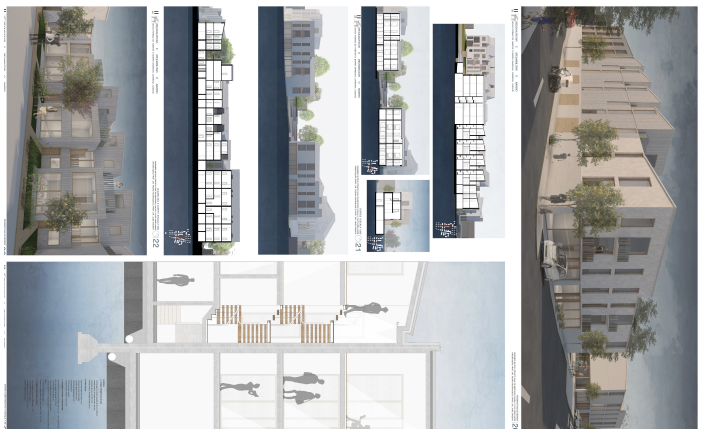


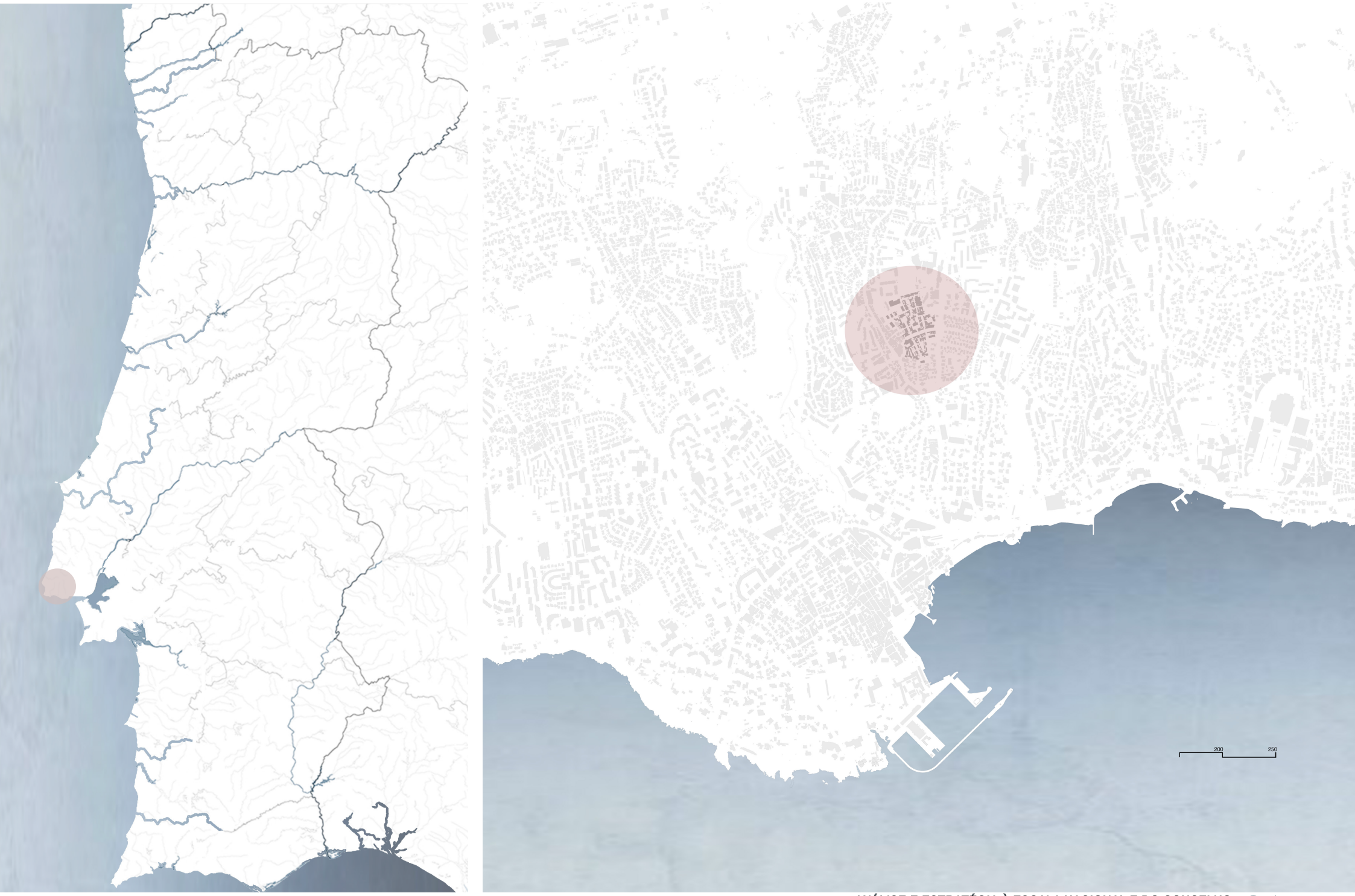








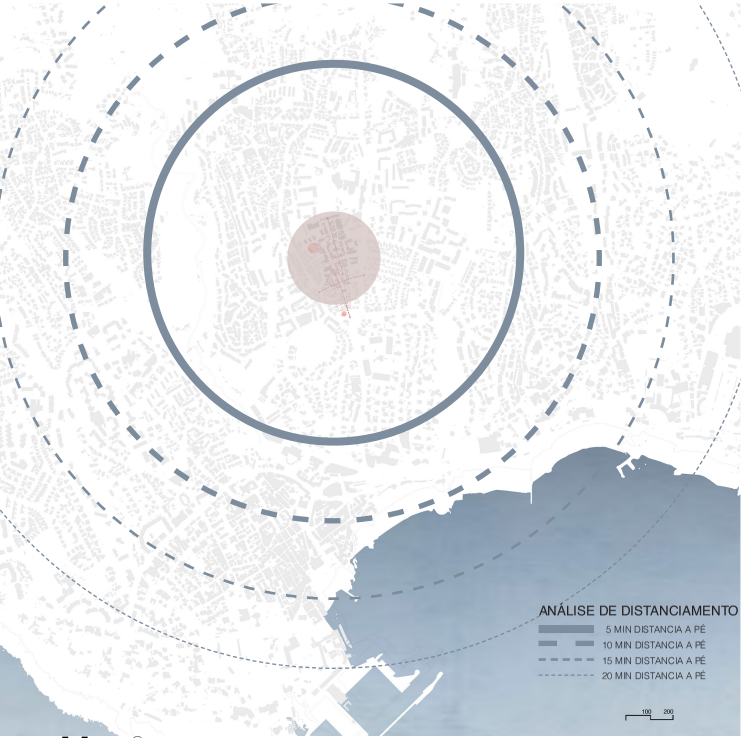


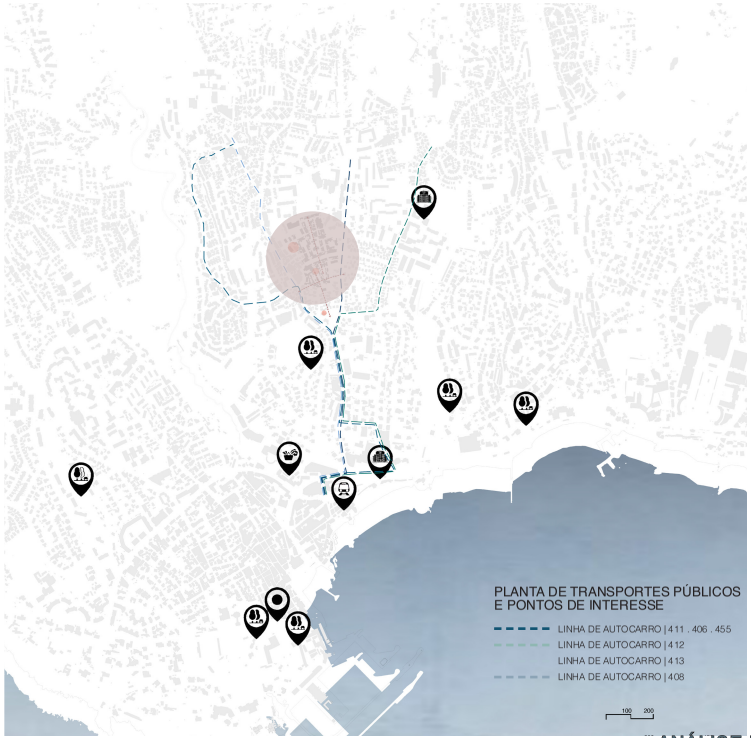

200
250

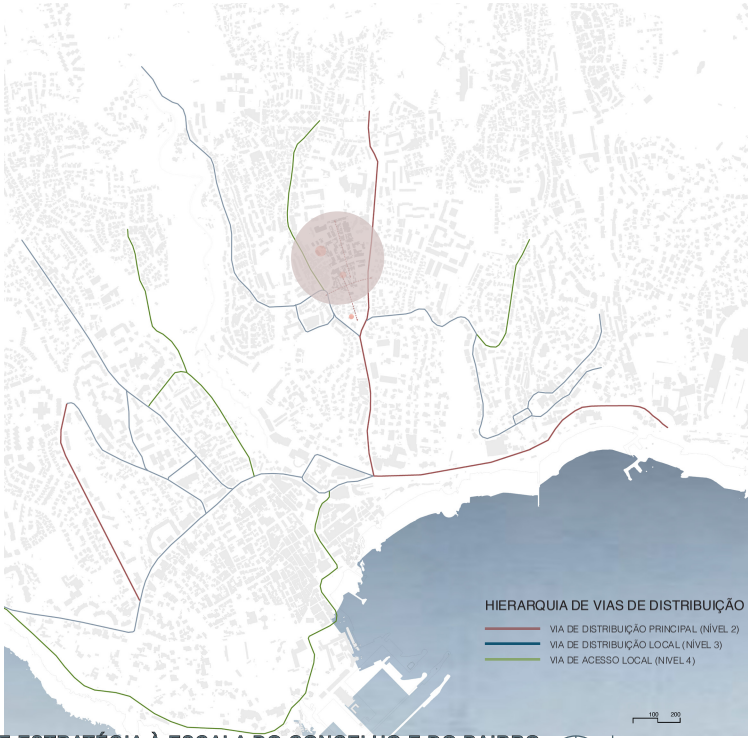

PRINCIPAIS MANCHAS E CORREDORES
DE INTERESSE AMBIENTAL

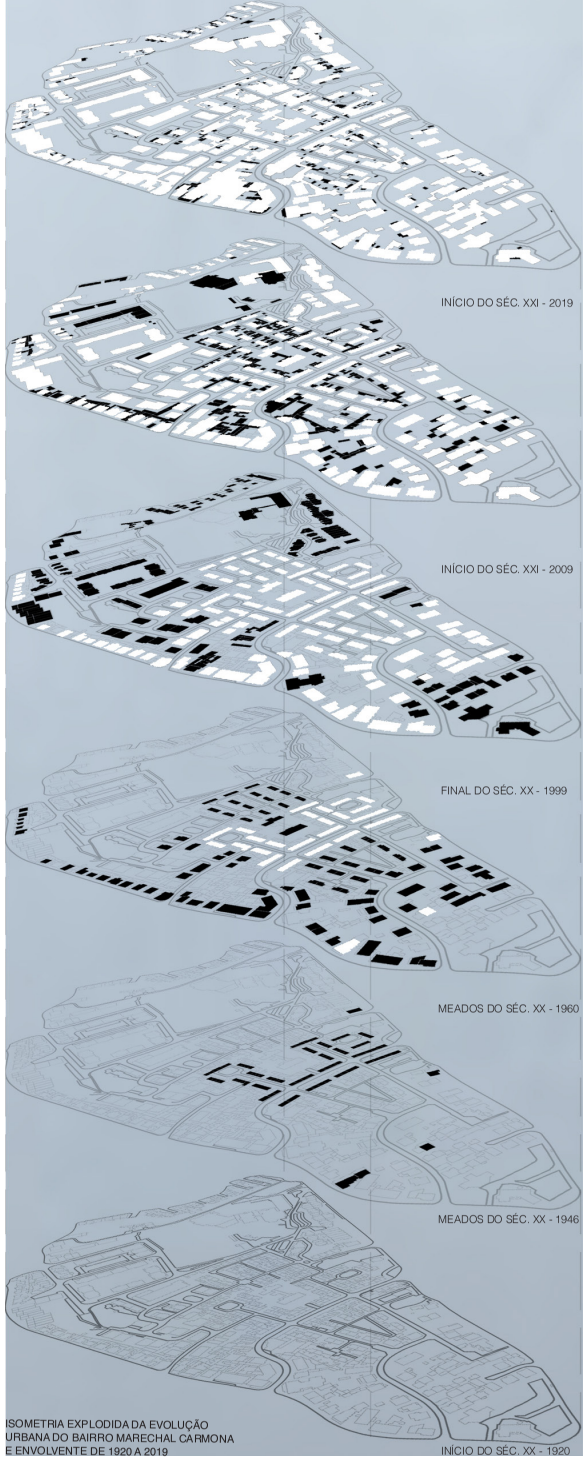

PRINCIPAIS MANCHAS E CORREDORES
VERDES ESTRUTURANTES


PRINCIPAIS REFERÊNCIAS DO LUGAR
01. PALÁCIO DA CIDADELA
02. CASA DE SANTA MARIA (ARQ. RAUL LINO)
03. TORRE DE SÃO SEBASTIÃO (ARQ. LUIGI MANIRI)
04. CASA COSTA E SILVA
05. CASA HENRIQUE SOMMER
06. CASA LEITÃO (ARQ. JOSÉ DIAS DA SILVA)
07. HOTEL BAIA (ARQ. ALBERTO CRUZ)
08. CASA BIXAS (ARQ. JOAQUIM NORTE JÚNIOR)
09. EDIFÍCIO DA LOTA
10. CASA PÉRGULA
11. CASA DUQUE DE LOULÉ (ARQ. LUIS PEDRO DÁVILA)
12. CASA ANTÓNIO LENCASTRE
13. CASA FAIAL (ARQ. ALBERTO CRUZ)
14. CASA PALMELA (ARQ. THOMAS HENRY WYATT)
15. MERCADO DE CASCAIS (ARQ. ALBERTO CRUZ)
16. BAIRRO DOS PESCADORES
17. HOSPITAL CONDES DE CASTRO GUIMARÃES (ARQ. JORGE SEGURADO)
18. HOTEL CIDADELA (ARQ. . ALBERTO CRUZ)
19. CASA VITOR PIQUERIEDO
20. CASA VALADAS FERNANDES
21. CASA MARIA PIA
22. CASA TÂNGIER (ARQ. RAUL LINO)
23. CASA MONSALVAT (ARQ. RAUL LINO)
24. CASA VITOR SCHALK (ARQ. RAUL LINO)
25. CASA MANUEL DUARTE (ARQ. FRANCISCO VILAÇA)
26. PISCINA DO TAMARIZ (ARQ. MANUEL TAINHA)
27. ESTAÇÃO TELEFÓNICA DO ESTORIL (ARQ. ADELINO NUNES)
28. CHALET BARROS (ARQ. CEZANE LANZ)
29. ESTAÇÃO DOS CORREIOS (ARQ. ADELINO NUNES)
30. (HOTEL PALÁCIO (ARQ. RAOUL JOURDE)
31. TORRE DE SÃO PATRÍCIO (ARQ. RAUL LINO).

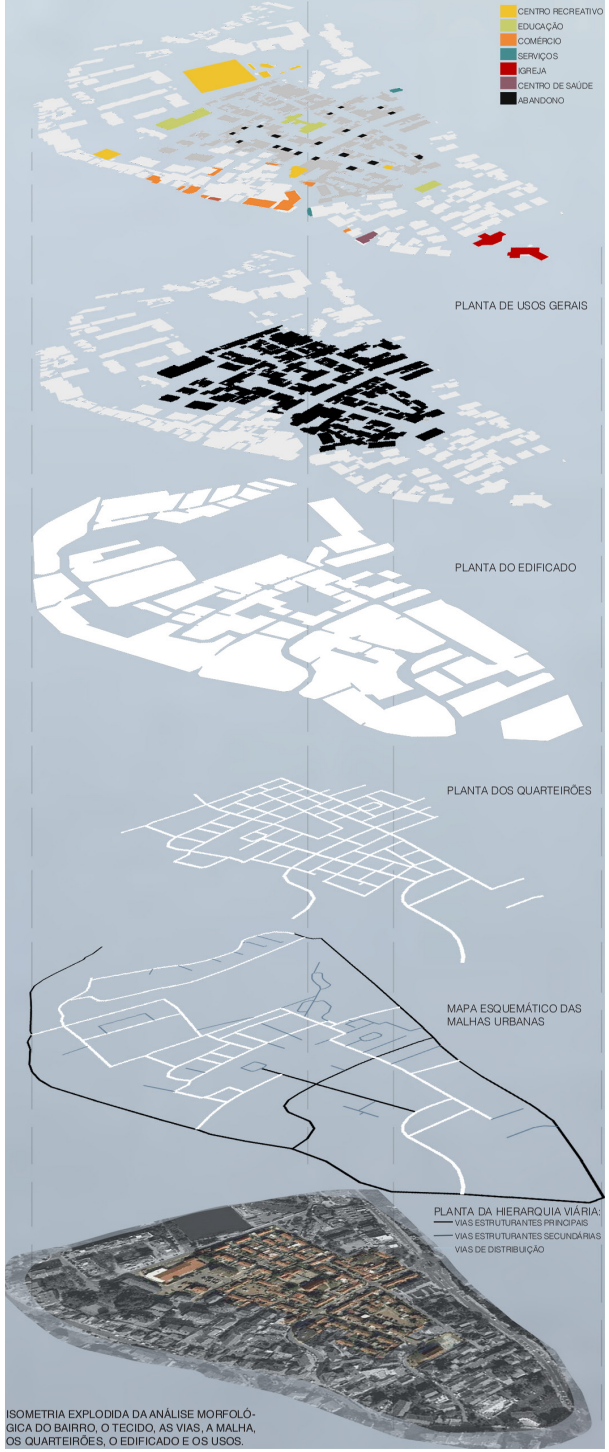

ANÁLISE DE DISTANCIAMENTO
5 MIN DISTANCIA A PÉ
10 MIN DISTANCIA A PÉ
15 MIN DISTANCIA A PÉ
20 MIN DISTANCIA A PÉ


PLANTA DE TRANSPORTES PÚBLICOS
E PONTOS DE INTERESSE
LINHA DE AUTOCARRO | 411 . 406 . 455
LINHA DE AUTOCARRO | 412
LINHA DE AUTOCARRO | 413
LINHA DE AUTOCARRO | 408


HIERARQUIA DE VIAS DE DISTRIBUIÇÃO
VIA DE DISTRIBUIÇÃO PRINCIPAL (NÍVEL 2)
VIA DE DISTRIBUIÇÃO LOCAL (NÍVEL 3)
VIA DE ACESSO LOCAL (NIVEL 4)



ISOMETRIA EXPLODIDA DA EVOLUÇÃO URBANA DO BAIRRO MARECHAL CARMONA E ENVOLVENTE DE 1920 A 2019



ISOMETRIA EXPLODIDA DA ANÁLISE MORFOLÓGICA DO BAIRRO, O TECIDO, AS VIAS, A MALHA, OS QUARTEIRÕES, O EDIFICADO E OS USOS.



01. VAZIOS URBANOS I FOTOGRAFIA DO AUTOR I DEZ. 2018



02.03. RUAS ESTREITAS | FOTOGRAFIA DO AUTOR | DEZ. 2018





PLANTA DE IMPLANTAÇÃO DO ESTUDO DAS HABITAÇÕES EVOLUTIVAS

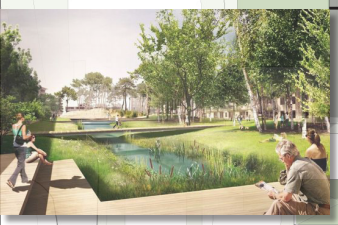


PRESPETIVA DA AGREGAÇÃO DAS HABITAÇÕES













04. DESENHOS DO AUTOR | HABITAÇÃO 2 PISOS | 2018-19



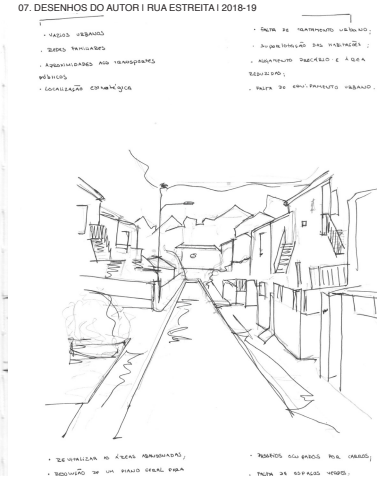
05. DESENHOS DO AUTOR | HABITAÇÃO 1 PISOS | 2018-19



06. DESENHOS DO AUTOR | HABITAÇÃO DEVOLUTA | 2018-19



07. DESENHOS DO AUTOR | RUA ESTREITA | 2018-19



08. FOTOGRAFIA DO AUTOR | HABITAÇÃO 2 PISOS | OUT. 2019



09. FOTOGRAFIA DO AUTOR | HABITAÇÃO 1 PISO | OUT. 2019



10. FOTOGRAFIA DO AUTOR | HABITAÇÃO DEVOLUTA | OUT. 2019



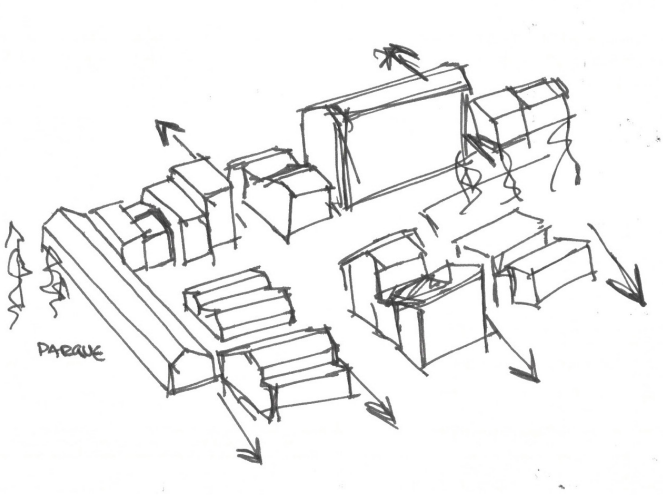
11. FOTOGRAFIA DO AUTOR | RUA ESTREITA | OUT. 2019



12. DESENHOS DO AUTOR | PROPOSTA URBANA | 2018-19



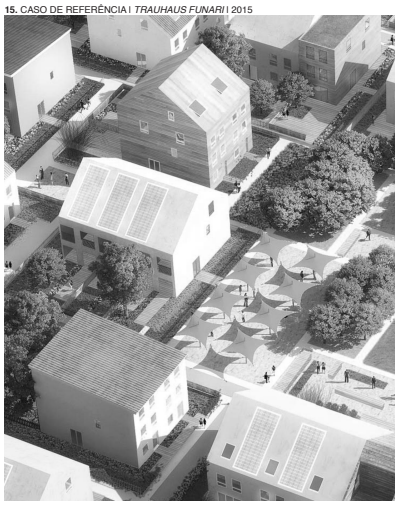
13. DESENHOS DO AUTOR | PROPOSTA URBANA | 2018-19



14. CASO DE REFERÊNCIA | LABORATÓRIO DA PAISAGEM | 2010



15. CASO DE REFERÊNCIA | *TRAUHAUS FUNARI* | 2015



16. CASO DE REFERÊNCIA | *PROMENADA* | 2014



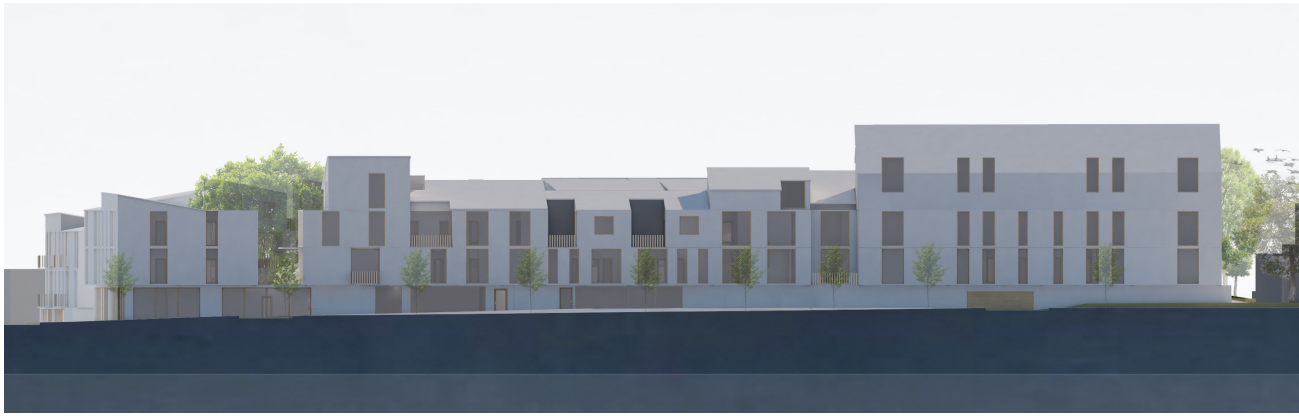
17. CASO DE REFERÊNCIA | *HUFEISENSIEDLUNG* | 1993







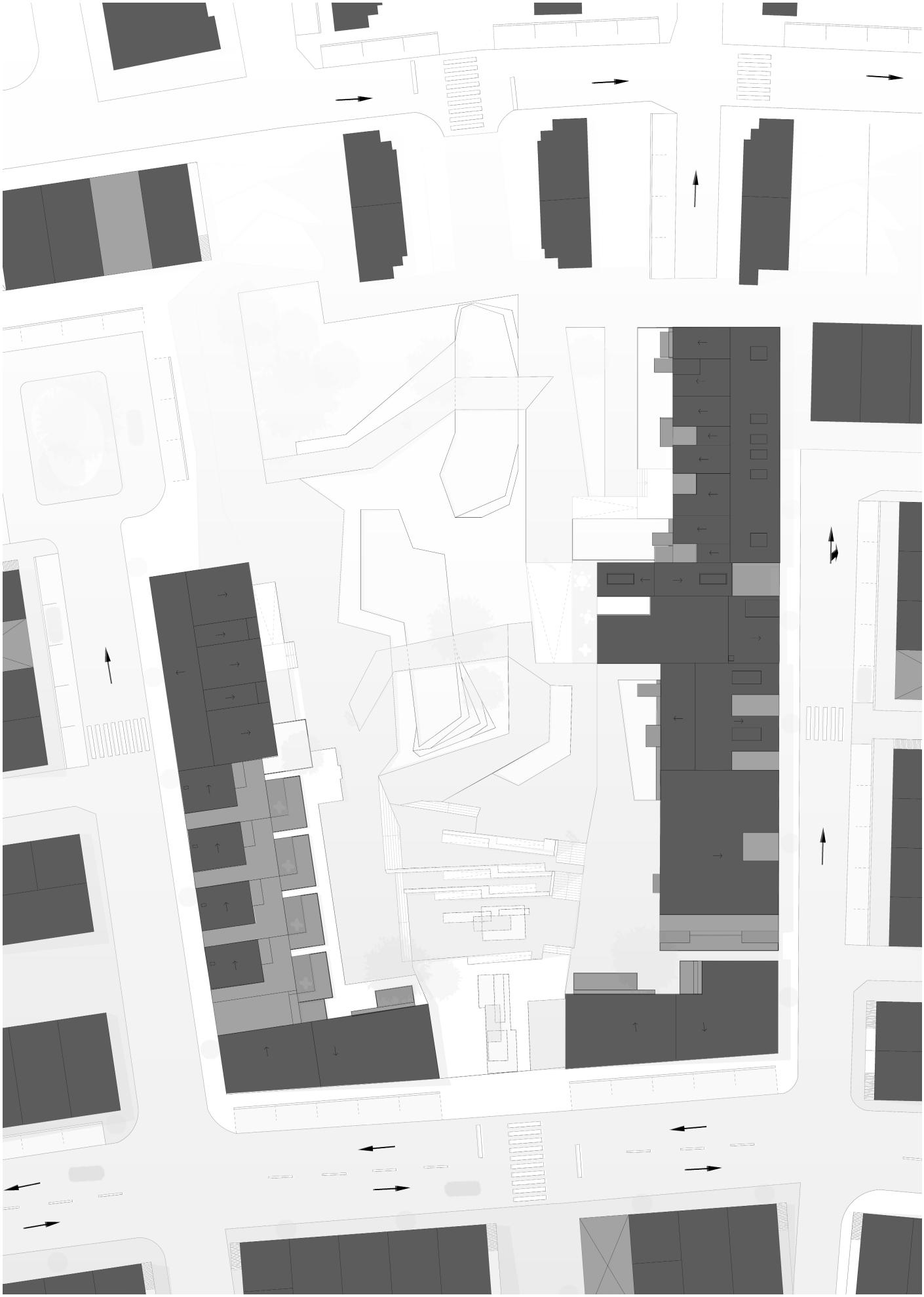




PRESPETIVA EXTERIOR E ALÇADO NASCENTE | ESCALA 1:200
DEZEMBRO DE 2019 | PROJETO FINAL DE MESTRADO | DANIELA FILIPA PIRES ANDRÉ
ORIENTAÇÃO PROF. DR. PEDRO RODRIGUES E PROF. DR. JOSÉ CRESPO | 09



AXONOMETRIA ISOMETRICA EXPLODIDA QUE ASSOCIA, ESQUEMÁTICA-MENTE, AS VÁRIAS PLANTAS, COM INDICAÇÃO DOS USOS E TIPOLOGIAS PROPOSTAS NOS PISOS-1, PISO 0, PISO 1 E PISO 2.



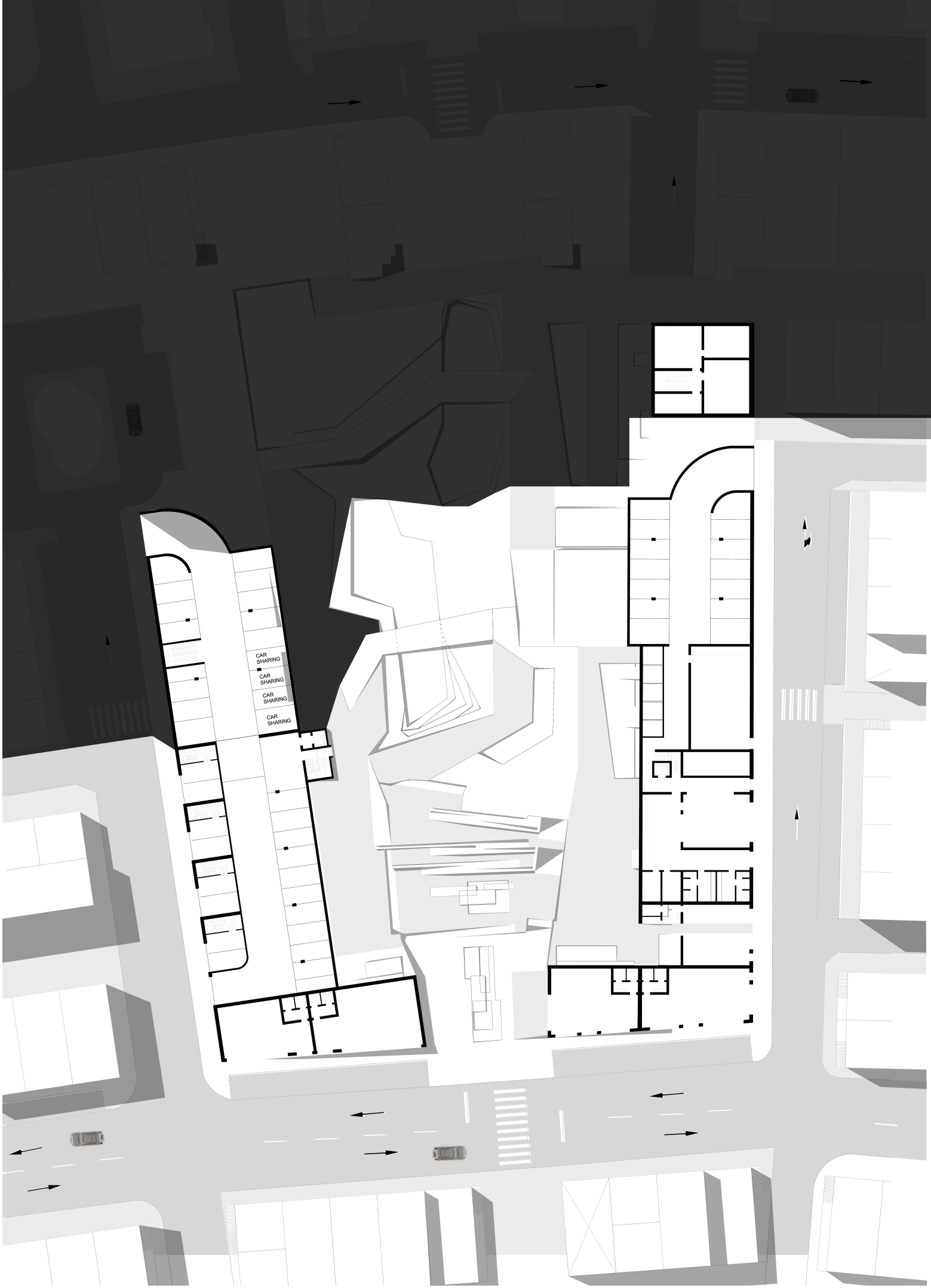

Tips







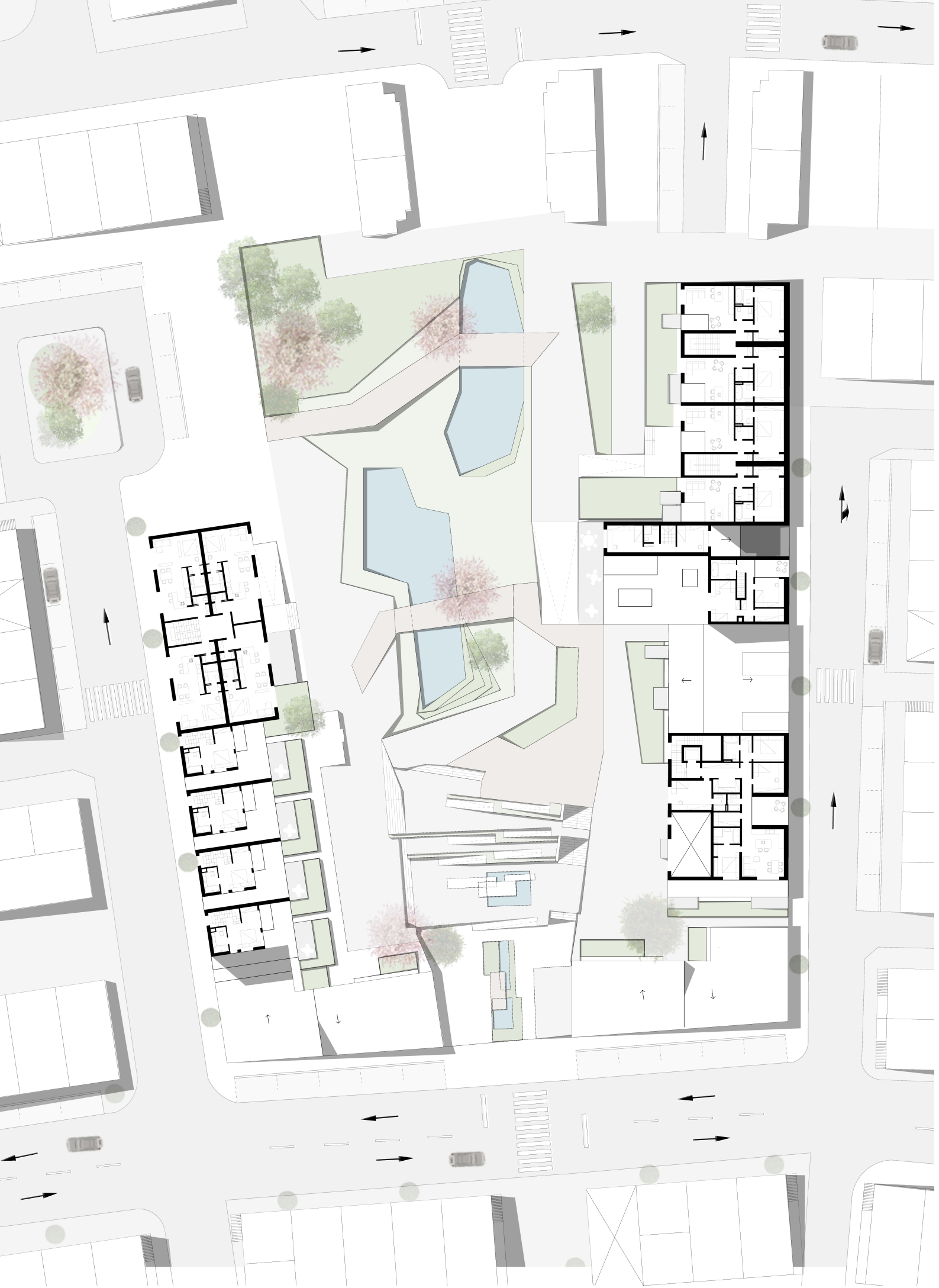
ALÇADO SUL E PERSPETIVA EXTERIOR I ESCALA 1:200
DEZEMBRO DE 2018 | PROJETO FINAL DE MESTRADO | DANIELA FILIPA PIRES ANDRÉ
ORIENTAÇÃO PROF. DR. PEDRO RODRIGUES E PROF. DR. JOSÉ CRESPO

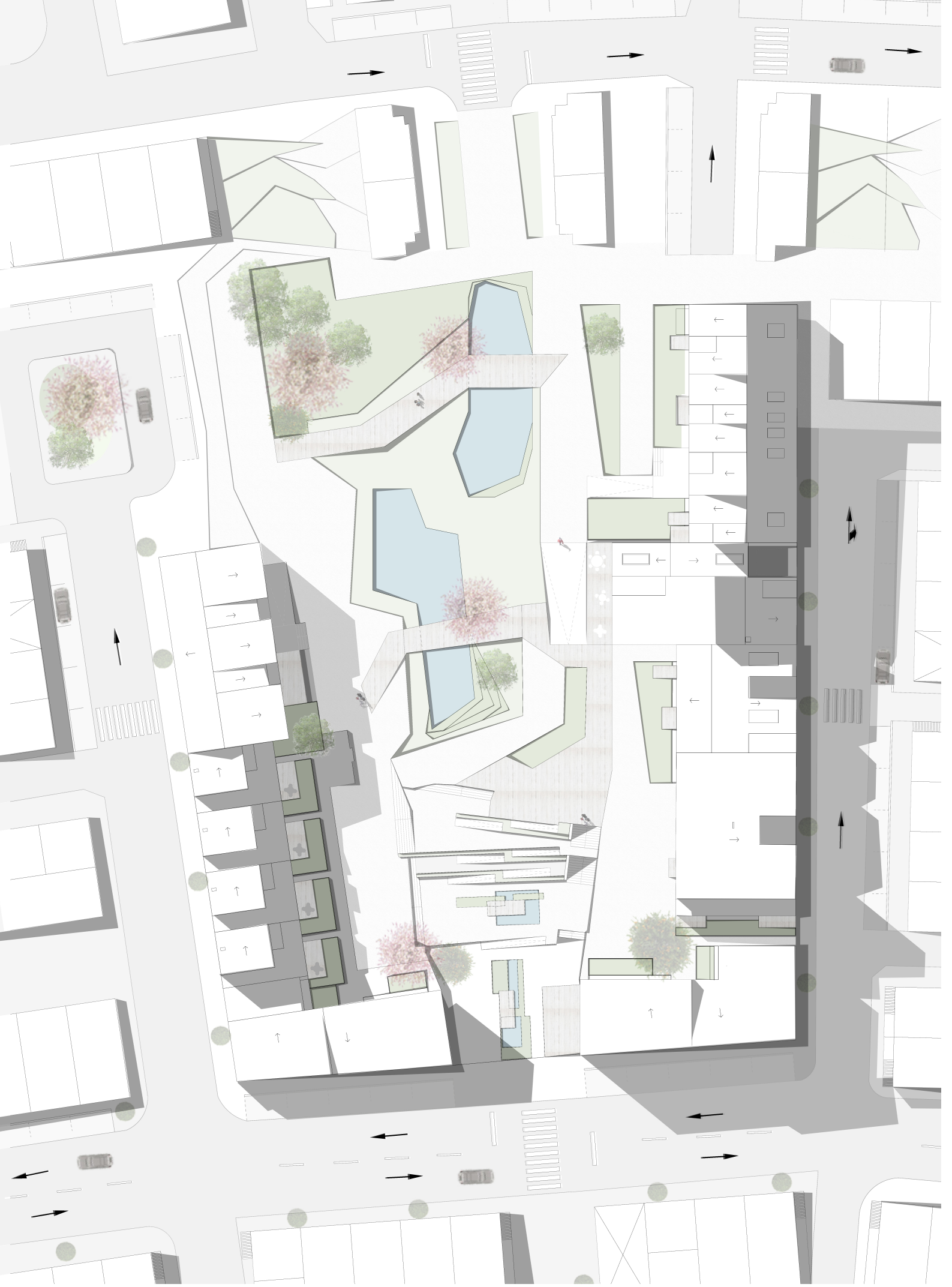

CAR SHARING
CAR SHARING
CAR SHARING
CAR SHARING

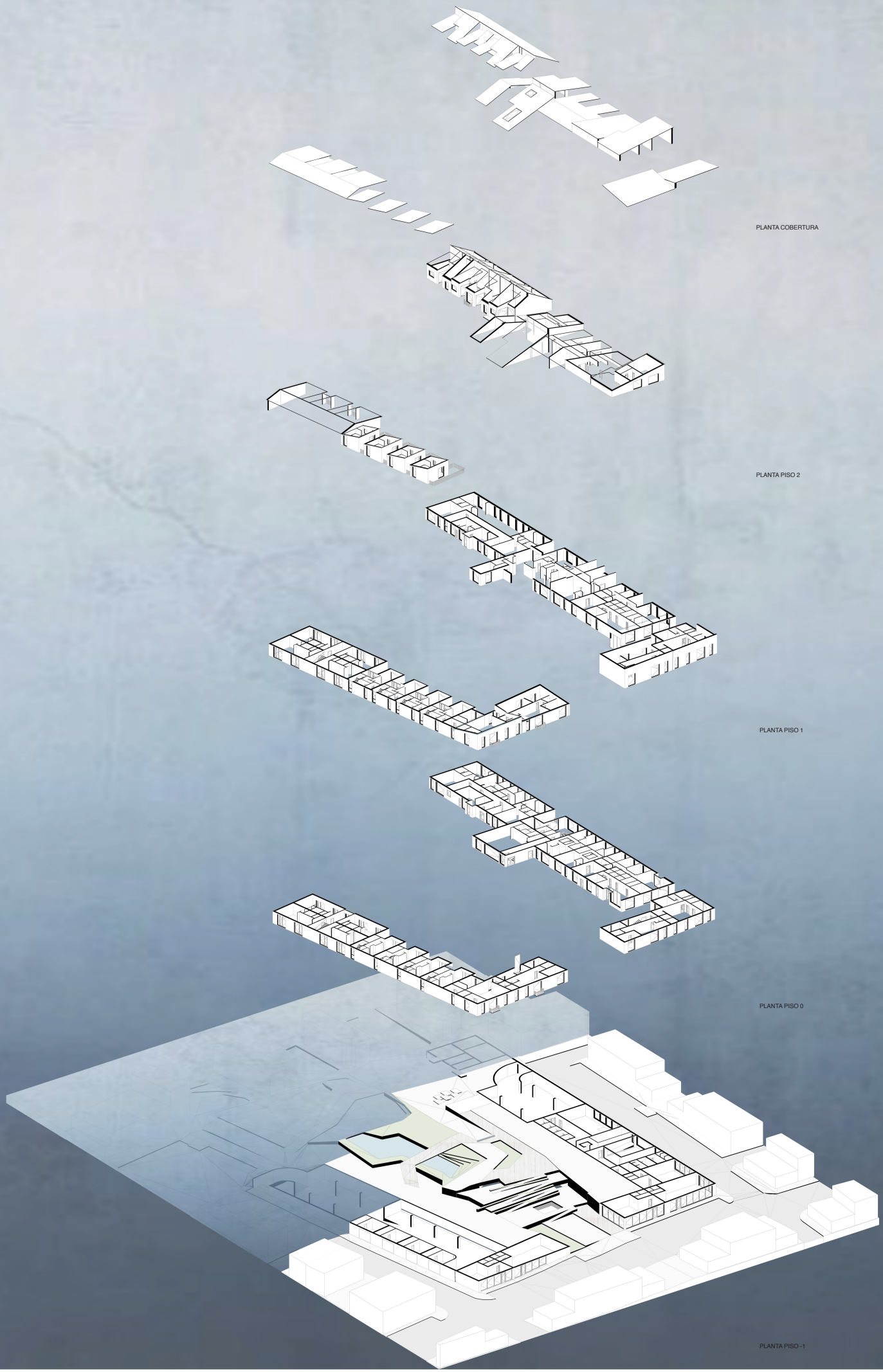




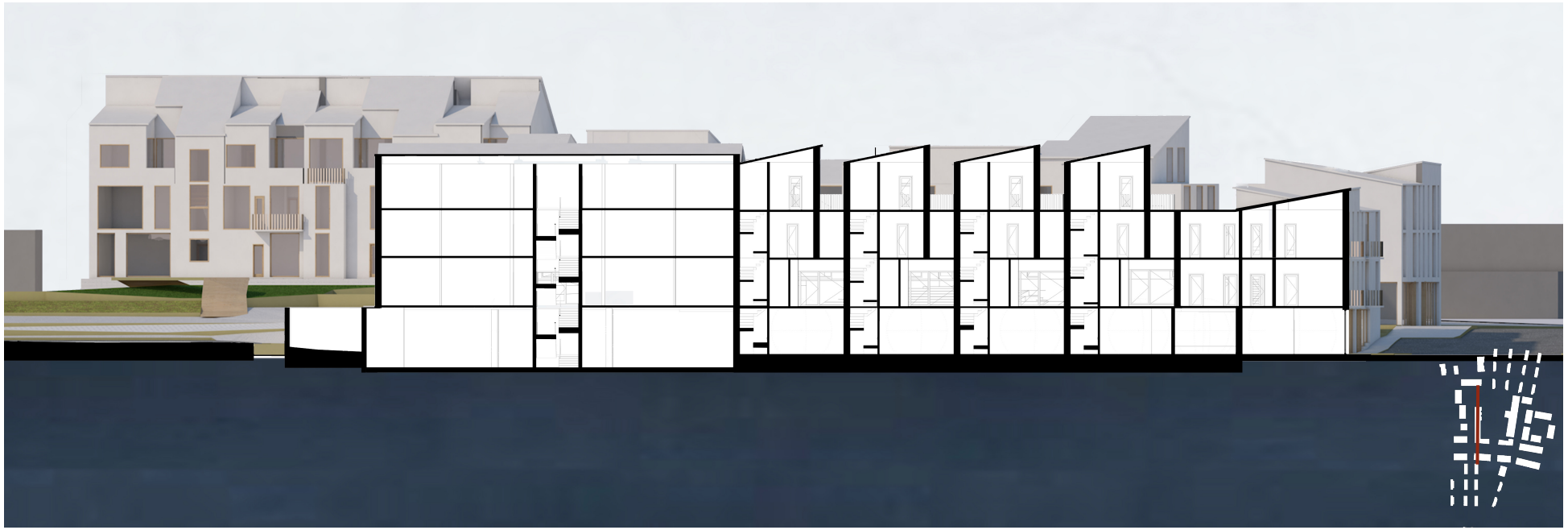
PLANTA PISO 1 I ESCALA 1:200
DEZEMBRO DE 2019 | PROJETO FINAL DE MESTRADO | DANIELA FILIPA PIRES ANDRÉ
ORIENTAÇÃO PROF. DR. PEDRO RODRIGUES E PROF. DR. JOSÉ CRESPO

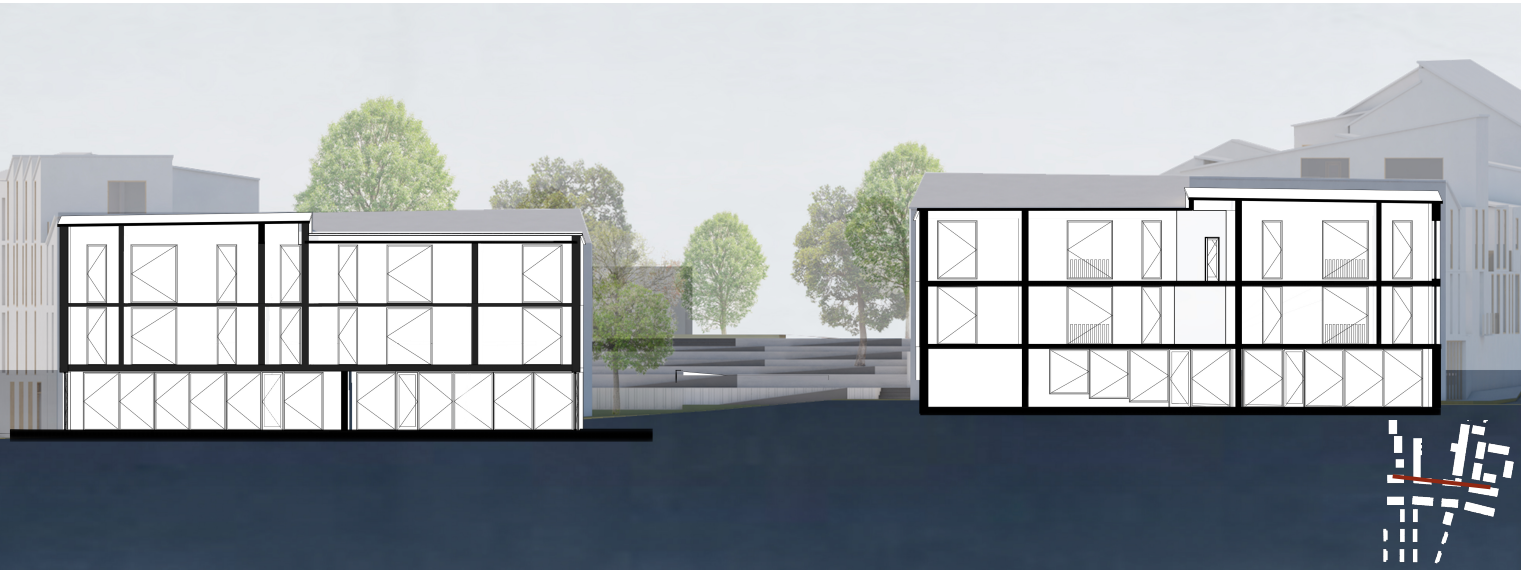


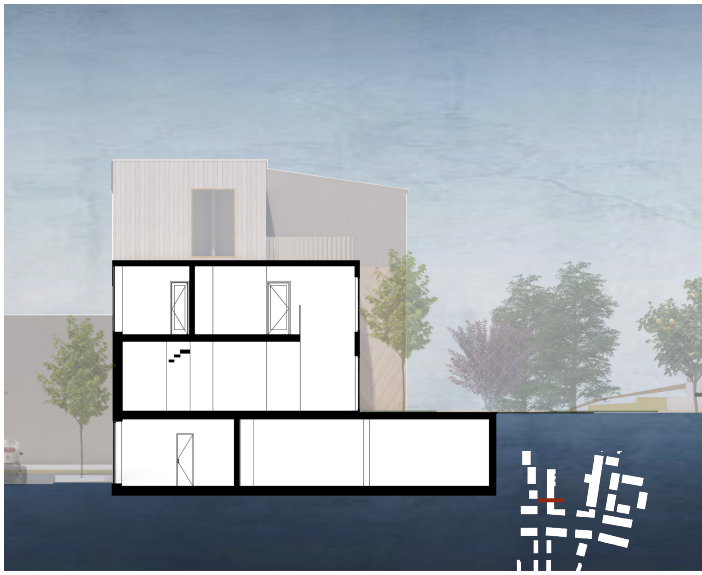


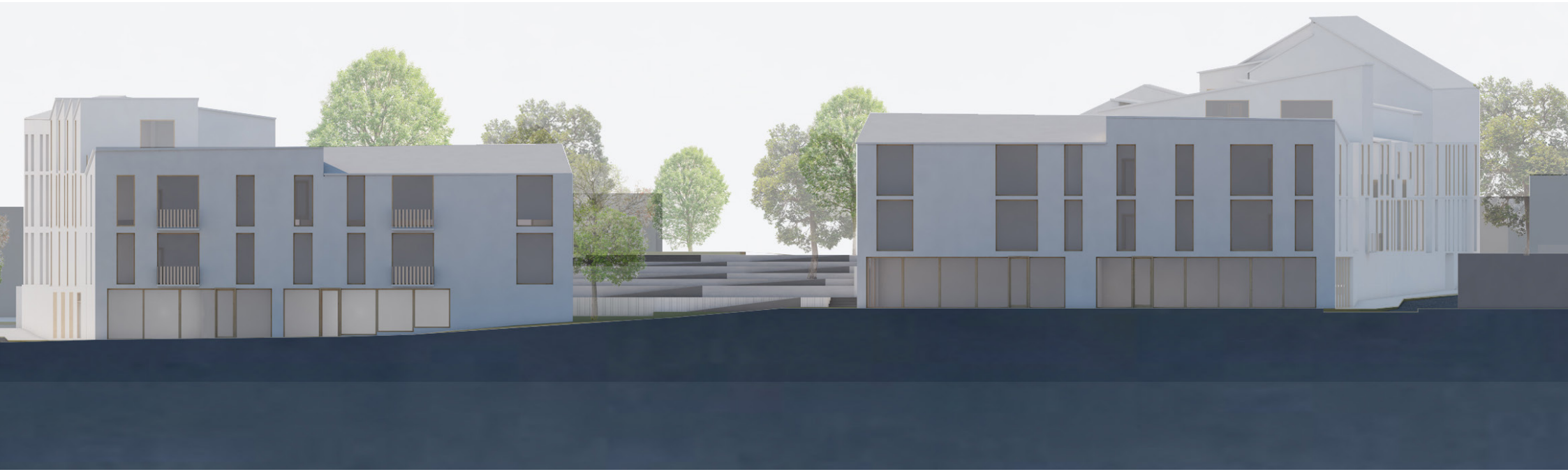

PLANTA COBERTURA
PLANTA PISO 2
PLANTA PISO 1
PLANTA PISO 0
PLANTA PISO -1













ALÇADO SUL E CORTE I ESCALA 1:200

DEZEMBRO DE 2019 | PROJETO FINAL DE MESTRADO | DANIELA FILIPA PIRES ANDRÉ
ORIENTAÇÃO PROF. DR. PEDRO RODRIGUES E PROF. DR. JOSÉ CRESPO





LEGENDA

A I PAREDE PERIMETRAIS (50 CM):

. (Confrangem horizontal, tabuado de 25 cm x 265 cm);
. Parede (exterior), em betão armado, 30m cm;
. Isolamento térmico, em XPS, 5 cm;
. Parede (interior), em betão armado, 15 cm.

B I PISO (30 CM):

. Aglomerado negro de cortiça, 5 cm;
. Camada de impermeabilização;
. Laje em betão armado 20 cm;
. Camada de regularização 2 cm;
. Camada elástica;
. Tubos para piso radiante;
. Acabamento em madeira maciça 3 cm.

C I PAVIMENTO VARANDA I PÁTIO PRIVADO:

. Revestimento de ripado de madeira (150 cm x 10 x 1.5 cm) pregado aos perfis de madeira de secção 5 x 2.5 cm;
. Isolamento térmico, XPS, 5 cm;
. Laje de betão armado com aditivo de cortiça;
. Camada de betonilha de regularização com pendente de escoamento de água;
. Camada de impermeabilização;
Ripado de madeira tratada com junta simples (178,5 x 25 x 3 cm).

D I COBERTURA EM ZINCO (46 CM):

. Lâmina de zinco, com aditivo hidrofugo, 11 cm
. Camada de impermeabilização;
. Isolamento térmico, em XPS, 2 x 5 x 10 cm;
. Laje em betão armado, 25 cm.